

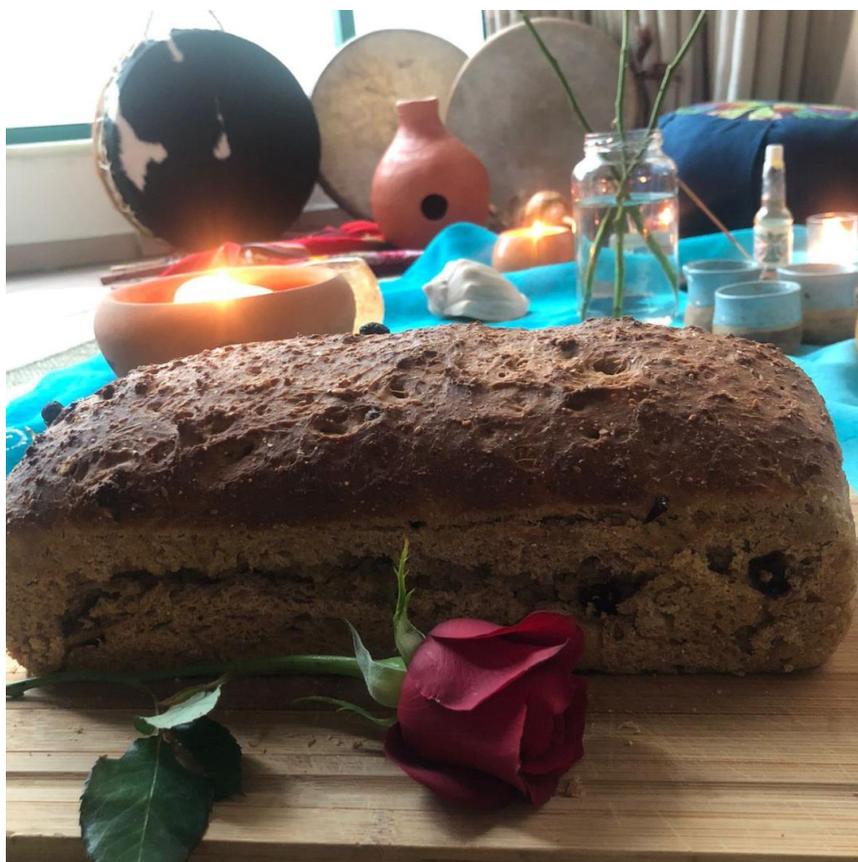


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



ELIANE RENATA STEUCK

**O conceito de Felicidade em Epicuro e a educabilidade ambiental em tempos de
hedonismo instrumental**



RIO GRANDE -RS

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

ELIANE RENATA STEUCK

**O conceito de Felicidade em Epicuro e a educabilidade ambiental em tempos de
hedonismo instrumental**

RIO GRANDE - RS

2022

ELIANE RENATA STEUCK

**O conceito de Felicidade em Epicuro e a educabilidade ambiental em tempos de
hedonismo instrumental**

Tese de doutoramento desenvolvida como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental (FEA).

Orientador: Prof. Dr. Humberto Calloni

RIO GRANDE - RS
2022

Ficha Catalográfica

S842c Steuck, Eliane Renata.

O conceito de Felicidade em Epicuro e a educabilidade ambiental em tempos de hedonismo instrumental / Eliane Renata Steuck. – 2022.

141 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2022.

Orientador: Dr. Humberto Calloni.

1. Educação Ambiental 2. Consumo 3. Epicuro 4. Felicidade
5. Fundamentos da Educação Ambiental I. Calloni, Humberto II. Título.

CDU 504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Eliane Renata Steuck

“O conceito da Felicidade em Epicuro e a educabilidade ambiental em tempos de hedonismo instrumental.”

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Humberto Calloni
(PPGEA/FURG)



Simone Grohs Freire
(PPGEA/FURG)



Luciana Netto Dolci
(PPGEA/FURG)



Celso Sánchez Pereira
(GEAsur)



Yára Christina Cesário Pereira
(PPGTH/Univali)



Luiz Felipe Mujica Bermudez
(UNAJMA)

Montanhas da região de
Urubamba (Peru)



Arquivo pessoal

Huatuscalla y Ccaser son dos cerros que se encuentran a veinte kilómetros de la ciudad de Huanta. Huatuscalla es un cerro bastante alto, a cuya cima dicen que la gente no puede llegar, y si con gran osadía alguno lo logra, le es ya imposible volver, porque desaparece el camino por donde llegó, y todo en su derredor se cubre de sepinas y vidrios. Por este cerro debía pasar la carretera que uniría Huanta con el distrito de San José, pero la obra de los ingenieros se vio obstaculizada, porque con mucho trabajo hacían un trecho de carretera y al día siguiente encontraban que el cerro se había derrumbado, y destruía toda la carretera. A este respecto los vecinos dicen que una noche oyeron que Huatuscalla le habló a Ccaser (cerro que queda frente al primero) y le decía: "Aconséjame, no sé qué hacer, porque con sus excavaciones ya me están por herir el corazón".

Ccaser (contestando): "Tiyaylla tiyaya (Desplómate nada más, derrúmbate nada más).

Huatuscalla (al día siguiente): "Ya no pude más, ya me han herido mucho y si me rompen el corazón me robarán todos mis tesoros".

Ccaser: "No seas tonto, no te dejes robar tus riquezas, mándamelas que yo té las guardaré".

Efectivamente, a las doce de la noche, se abrió una puerta en cada cerro, y las puertas quedaron frente a frente; luego se tendió un puente larguísimo uniendo ambas puertas; entonces aparecieron misteriosos soldados vestidos de rojo que trasladaron todas las riquezas de Huatuscalla a Ccaser, en burros y llamas. Y cuando hubieron concluido el trabajo, desapareció el puente; se cerraron las puertas. Desde aquel día Huatuscalla há quedado com cólera, y espera el día de vengarse, y por eso se derrumbó en parte, en el mes de noviembre del año 1945, obstruyendo el curso del río Mantaro. (ARGUEDAS; RÍOS, 2016, p. 48)

Este é um conto peruano da serra, onde as montanhas foram aliadas da cultura nativa, pois retardaram o ritmo da ocupação dos ocidentais. Segundo Luis Mujica Bermúdez, “a metáfora designa uma interpretação do mundo, que é traduzida por ‘códigos’ que sustentam a profundidade da experiência do locutor, sua compreensão do mundo e de seu próprio mundo interno¹” (2014, p. 39) e tal “código” é utilizado tanto por curandeiros quanto por cientistas para se fazer entender. Por esta razão, esta tese traz, por metáforas, as palavras que não encontrei para expressar a profundidade de minha experiência ao escrevê-la.

¹ La metáfora designa una interpretación del mundo y esta es traducible a través de “códigos” que sostienen la profunda de la experiencia del locutor, de su comprensión del mundo y de su propio mundo interno.

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos é extensa e, ainda assim, não dá conta de expressar a gratidão que sinto por cada pessoa com quem tive a honra de aprender e que me trouxe a este momento.

Embora utilize o verbo “agradecer”, é com gratidão em todo o meu ser que escrevo os nomes daqueles que estiveram comigo e aos que ainda permanecem. Eu tenho total clareza de que não conseguiria escrever as linhas que se seguem, sozinha.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande - FURG e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGA, por serem o espaço que acolheu meus desejos de pesquisar e onde muitos encontros foram oportunizados.

Aos meus avós maternos, os únicos avós que conheci, por terem me ofertado uma família para vir a este mundo. Ao meu avô Leopoldo por conversar comigo e me presentear com fotos antigas, e à minha avó Ema, por preparar pé de moleque, sem amendoim, na chapa do fogão à lenha.

À minha mãe, Renata, por ter me comprado o Romanceiro da Inconfidência quando eu não tinha nem 10 anos de idade, acordando minha curiosidade acadêmica, sempre me estimulando a estudar. Sem seu amor, eu não teria vida.

Ao meu pai biológico, Erwin, com quem pouco convivi, por ter me presenteado com uma máquina de escrever, para que, um dia, eu me tornasse uma escritora.

Ao meu pai adotivo, Linésio, por ter me mostrado um mundo inteiro, sempre com alegria e entrega humilde.

Ao meu irmão, Eduardo, que me desafiou a ser sempre melhor, a cada dia.

Às minhas filhas, Luana e Sarah, por terem aceitado vir a este mundo por meu corpo e terem me ensinado a ser mãe.

Às minhas sobrinhas, Duda e Nanda, por me permitirem exercitar o amor de entrega.

Ao meu companheiro de vida, Júnior, por nunca ter desistido de mim, por ter permitido meus voos e aprendido a voar junto.

Ao meu filho de coração, Guilherme, um aquariano típico, que muito me ensina acerca dos desapegos.

À espiritualidade, pelos caminhos abertos, iluminados e seguros. Pelas palavras inspiradas em sonhos.

À Pachamama, por falar comigo quando mais precisei, tocando meu rosto com seus ventos, aquecendo meu corpo com seu fogo, sustentando minhas quedas com sua terra e me levando a fluir com suas águas.

Ao Professor Dr. Vilmar Pereira, por ter me recebido no doutorado.

Ao Professor Dr. Humberto Calloni, que com sua alma generosa, amorosidade incomparável e humildade intelectual, orientou este projeto.

À Professora Dr^a Simone Freire, que, para além de professora, foi uma companhia prazerosa que tive poucas oportunidades de desfrutar e isto fez com que momentos fossem ainda mais preciosos. Gratidão por seu olhar amoroso e filosófico para sugerir e seu olhar didático para ensinar.

À Dr^a Elisabeth Schmidt que traz uma leveza e beleza incomparáveis à pesquisa em Educação Ambiental. Sou grata por suas contribuições desde as aulas, sempre leves e inspiradoras, assim como suas sugestões para a tese.

À Dr^a Luciana Dolci, por aceitar estar comigo na reta final, contribuindo com a expressão gentil e amorosa de seus conhecimentos.

À Dr^a Yara Pereira, uma amiga de vida e uma irmã de alma a quem gosto sempre de deixar expressa minha gratidão e amor. Seus questionamentos foram uma bússola.

Ao Professor Dr. Celso Sánchez, que aceitou compor a banca de qualificação quando eu ainda nem tinha um projeto de pesquisa. Isso se chama confiança. Mas, especialmente, porque o escolhi pelo conhecimento de aspectos que eu sabia que seriam uma fragilidade em minha tese, por minhas próprias limitações. Ainda que não as tenha superado, eu sei onde se encontram algumas e, na consciência de minha incompletude, vou caminhando na direção de compreendê-las.

Ao Professor Dr. Luiz Mujica Bermudez, Lucho, que me recebeu em Andahuaylas e com quem aprendi o que realmente é filosofia da Educação. Me alegra saber que será um dos primeiros a ler o que escrevi inspirada pelo que aprendi na Universidad Jose Maria Arguedas. Suas aulas sobre o “conhecimento” me trouxeram inspiração para iniciar e fôlego para concluir.

À Gavina, que prepara a melhor quinoa com queijo fresco dos Andes Peruanos.

Aos homens e mulheres de Andahuaylas por me ensinarem tanto sobre a felicidade.

Aos estudantes do Colegio de Chicmo, por me ouvirem e me ensinarem. Ao diretor Fredy, por me receber com tanta atenção. Ando desejosa de retornar...

À Patrícia, Marcos e todas as Águias com quem tenho voado neste último ano: Nossos encontros estão impressos nestas páginas porque, escolho ser livre, eu quero a verdade.

Às Mujeres Pajaros: Ro, Fernanda, Gi e Bea, onde meu canto nasceu e cresce a cada dia em uma linda tenda vermelha.

Ao Washington Ferreira, o Ching, por vir tomar café nos sábados à tarde, sempre trazendo uma leitura para minha tese.

À minha amiga Raquel, sempre presente. Sua escuta sensível, seu estado de presença me anuncia, sempre, que é possível.

Às minhas amigas Cris e Daniela: uma porque nunca saiu, e outra porque voltou, me confirmando que a felicidade só é real quando compartilhada.

À Lena e ao Alfons, pela casinha no Cassino que é meu lar também, pelas conversas que renderam os primeiros pensamentos deste projeto.

À Marcinha, pela companhia de viagem e pelas conversas saborosas.

Aos professores e professoras do PPGEA, com quem tive a honra de ter aulas.

À Professora Jara, por me ensinar o que é Ser Professora! Seu exemplo será, para sempre, inspiração.

Aos colegas do PPGEA, de grupo de estudos e àqueles que tornaram-se amigos para a vida: Bernard, Isaías, Tiago, Leonardo, Lissete, Lenin, Luiza, Willian.

Às colegas de trabalho na REMEA (Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental): Cíntia, Juliana, Bernard, Tiago, Lisiana e às Professoras Paula, Dione e Tamiris, pela compreensão nos meus momentos mais intensos.

À Fabiana Pretto, pelas curas de meu feminino e a todo grupo da Biodanza, onde descobri minha própria música.

Ao Professor Dr Antonio Fernando Guerra por abrir as portas do doutorado, me orientando no mestrado.

Àqueles que partiram deste plano: Ao meu sogro, Seu Bóca, que partiu enquanto eu ainda escrevia estas linhas. Ao Gui, que venceu o câncer, mesmo que por algumas horas, antes de partir para sua nova vida como desejava: curado. E ao Fernandinho, que me ensinou que a máxima de Epicuro é possível, pois, “num sofrimento mais demorado, o prazer é sempre um pouco maior que o sofrimento da carne.” Agradeço, por me

lembrarem que a Vida é Agora e Aquele Dia é HOJE. Vocês foram amados e permanecem sendo lembrados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos.

A outros tantos, que mantenho em minhas orações diárias e que, no devido tempo, expressarei minha gratidão.

RESUMO

A felicidade tem sido motivação de estudos em diferentes áreas do conhecimento, sendo possível encontrar trabalhos em que, articulada a temas diversos, são convites à reflexão acerca dos modos de ser e estar no mundo. O movimento inicial desta pesquisa é mobilizado por questionamentos íntimos de como uma das principais preocupações humanas pode contribuir para os fundamentos da Educação Ambiental (EA) e se haveria, na busca pela Felicidade, pistas que pudessem nos orientar quanto a uma ontoepistemologia de esperança de novo fôlego à EA, enquanto possibilidade de transformação individual e social. Esta tese foi construída em um diálogo hermenêutico com aspectos do humano descritos por Paulo Freire (1981; 1987; 1998; 2003; 2005), Enrique Leff (2007), Joel Birman (2004; 2012), Zygmunt Bauman (2007; 2011; 2022), da Complexidade, por Edgar Morin (2003; 2020), da Educação Ambiental, com Philippe Layrargues (2012), Lucie Sauvé (2005) saberes milenares do sistema de medicina indiana – e filosófico – da Ayurveda, categorias do conhecimento dos povos andinos, descritos por Luiz Mujica Bermudez (2016) e a compreensão de felicidade em Epicuro. As hipóteses que orientam as aprendizagens descritas, se estruturam a partir das reflexões de que, (1) compreendendo que há um esvaziamento dos sentidos, este pode estar relacionado aos significados que atribuímos ao tempo; (2) somos reféns de uma roda hedônica de consumo por termos uma constante necessidade de preencher o que compreendemos por vazio existencial e o fazemos pelo excesso; (3) aprendemos a excluir e negar o prazer natural e o buscamos por vias compensatórias; (4) ao estabelecer uma relação de subordinação entre indivíduo e sociedade criamos obstáculos à relação de ser-com-o-outro. Materializa pensamentos despertados no contato com moradores e estudantes universitários de Andahuaylas, região andina do Peru e, é deste contato que se elabora a metodologia de pesquisa, cujo movimento circular é inspirado na Chakana (também conhecida por Cruz Andina) e se sustenta no compreender, olhar e conhecer para voltar a si mesmo e recomeçar continuamente. Tempo, consumo, qualidade de vida são conceitos em diálogo que contribuem para buscar possibilidades de respostas para a questão central da pesquisa que busca compreender “Como a expressão de felicidade em Epicuro nos ajuda a repensar o consumismo como forma de hedonismo atual, tendo em vista da qualidade de vida ambiental?” As aprendizagens enunciam a tese de que a Educação Ambiental pode valer-se dos ensinamentos de Epicuro no que diz respeito à felicidade e, por consequência à ética, compreendendo a necessidade de a Educação Ambiental ser integradora, articulando-se como elo das diferentes correntes, reivindicando a presença e a consciência e, que se orientando, especialmente, pelas ausências, tenha condições de olhar, compreender e conhecer, transformando os espaços vazios em possibilidades articuladas ao tempo e à condição humana de Ser Mais. Ainda que as aprendizagens manifestadas possam ressoar como sentenças, a pesquisa se nutre pela esperança, pela possibilidade de condição de que os ensinamentos do filósofo do jardim contribuam para a educabilidade ambiental e que, enquanto sociedade, tenhamos espaço para as amizades, uma vida digna sob pactos de justiça, onde nossos desejos naturais e necessários sejam atendidos e os desejos não necessários sejam diminuídos e que possamos esperar alegremente pelo amanhã, sem dele sentir necessidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Consumo; Epicuro; Felicidade; Fundamentos da Educação Ambiental.

The concept of Happiness in Epicurus and environmental education in times of instrumental hedonism

ABSTRACT: Happiness has been the motivation for studies in different fields of knowledge, for that reason it is possible to find works in which, related to multiple themes, invitations to think are made regarding the modes of being into the world. The initial movement of this research is mobilized by intimate questionings on how one of the main human concerns might contribute to the foundations of Environmental Education (EE) and if there could be, in the pursuit of Happiness, clues that might guide us towards an ontoepistemology of hope for a new breath of EE as a possibility of social and individual transformation. This thesis has been built in hermeneutic dialogue with human aspects described by Paulo Freire (1981; 1987; 1998; 2003; 2005), Enrique Leff (2007), Joel Birman (2004; 2012), Zygmunt Bauman (2007; 2011; 2022), of Complexity, by Edgar Morin (2003; 2020), of Environmental Education, with Philippe Layrargues (2012), Lucie Sauvé (2005), millennial knowledges from Indian medicine – and philosophical – system Ayurveda, knowledge categories from Andean peoples, described by Luiz Mujica Bermudez (2016) and the comprehension of happiness in Epicurus. The hypothesis which guide the learnings described are structured from the following reflections: (1) by understanding that there is an emptying of the senses, it can be related to meanings we attribute to time; (2) we are hostages of a hedonistic wheel of consumption because we have a constant necessity of fulfilling what we understand as existential emptiness and we do so through excess; (3) we have learnt to exclude and deny natural pleasure and we seek it through compensatory means; (4) by setting a relationship of subordination between the individual and society, we create obstacles to the relationship of being-with-the-other. It is a materialization of thoughts brought up by contact with dwellers and university students from Andahuaylas, a Peruvian Andean region, and from this contact the research methodology is elaborated, having its circular movement inspired by Chakana (also known as Andean Cross), which has its parameters in comprehending, looking and knowing in order to go back to oneself and continuously start over. Time, consumption, and quality of life are concepts which dialogue with each other, contributing to the pursuit of possibility of answers to the central issue of this research, which aims to understand “how the expression of happiness in Epicurus helps us to rethink consumption as a form of current hedonism, based in environmental life quality”. The learnings enunciate the thesis that Environmental Education might use the teachings of Epicurus regarding happiness and, as an ethical consequence, by understanding the necessity for Environmental Education to be integrating, articulating as a link for different streams, claiming the presence and the consciousness and, once oriented, especially by the absences, that it has means of looking, comprehending and knowing, in order to transform empty spaces into articulated possibilities to time and the human condition of Being More. Although the manifested learnings might resonate as a verdict, the research nurtures hope for the possibility of conditions in which the teachings of the garden philosopher contribute to environmental education and, as a society, we have spaces for friendship, a dignifying life under justice pacts, where our natural and necessary desires may be fulfilled and the unnecessary ones may be diminished and we may happily wait for tomorrow, without the need for it.

Key-words: Environmental Education; Consumption; Epicurus; Happiness; Environmental Education Principles.

El concepto de Felicidad en Epicuro y la educabilidad ambiental en tiempos de hedonismo instrumental

RESUMEN: La felicidad ha sido motivación de estudios en diferentes áreas del conocimiento, siendo posible encontrar trabajos en los que, articulada a temas diversos, son invitaciones a la reflexión acerca de los modos de ser y estar en el mundo. El movimiento inicial de esta investigación es movilizado por cuestionamientos íntimos de cómo una de las principales preocupaciones humanas puede contribuir para los fundamentos de la Educación Ambiental (EA) y se habría, en la busca de la Felicidad, pistas que pudieran orientarnos cuanto a una ontoepistemología de la esperanza del nuevo aliento a la EA, en cuanto posibilidad de transformación individual y social. Esta tesis fue construida en diálogo hermenéutico con aspectos del humano descritos por Paulo Freire (1981; 1987; 1998; 2003; 2005), Enrique Leff (2007), Joel Birman (2004; 2012), Zygmunt Bauman (2007; 2011; 2022), de la Complejidad, por Edgar Morin (2003; 2020), de la Educación Ambiental, con Philippe Layrargues (2012), Lucie Sauvé (2005) saberes milenarios del sistema de medicina indiana – y filosófico – de la Ayurveda, categorías del conocimiento de los pueblos andinos, descritos por Luiz Mujica Bermudez (2016) y la comprensión de felicidad en Epicuro. Las hipótesis que orientan los aprendizajes descritos, se estructuran desde las reflexiones de que, (1) comprendiendo que hay un vaciamiento de los sentidos, esto puede estar relacionado con los significados que atribuimos al tiempo; (2) somos rehenes de una rueda hedónica del consumo porque tenemos una constante necesidad de llenar lo que comprendemos por vacío existencial y lo hacemos por el exceso; (3) aprendemos a excluir y negar el placer natural y a buscarlo por vías compensatorias; (4) al establecer una relación de subordinación entre el individuo y la sociedad creamos obstáculos a la relación de ser-con-el-otro. Materializa pensamientos despertados en el contacto con los habitantes y estudiantes universitarios de Andahuaylas, región andina del Perú y, desde este contacto, elaborase la metodología de investigación, cuyo movimiento circular es inspirado en la Chakana (también conocida como Cruz Andina) y se sustenta en comprender, mirar y conocer para volverse a sí mismo y recomenzar continuamente. Tiempo, consumo, calidad de vida son conceptos en diálogo que contribuyen para en la busca de posibilidades de respuestas para la cuestión central de la investigación que pretende comprender “¿Cómo la expresión de felicidad en el Epicuro nos ayuda a repensar el consumismo como forma del hedonismo actual, teniendo en cuenta la calidad de vida ambiental? Los aprendizajes enuncian la tesis de que la Educación Ambiental puede valerse de las enseñanzas del Epicuro en lo que se refiere a la felicidad y, por consecuencia, a la ética, comprendiendo la necesidad de la Educación Ambiental ser integradora, articulándose como enlace de las diferentes perspectivas, reivindicando la presencia y la conciencia y, que orientándose, especialmente, por las ausencias, tenga condiciones de mirar, comprender y conocer, transformando los espacios vacíos en posibilidades articuladas al tiempo y a la condición humana de Ser Más. Aunque los aprendizajes manifestados pueden resonar como sentencias, la investigación se nutre por la esperanza, por la posibilidad de condición de que los enseñamientos del filósofo del jardín contribuyan para la educabilidad ambiental y que, en cuanto sociedad, tengamos espacio para las amistades, una vida digna bajo los pactos de justicia, donde nuestros deseos naturales y necesarios sean atendidos y los deseos no necesarios sean disminuidos y que podamos esperar alegremente por el día siguiente, sin que se sienta la necesidad.

Palabras clave: Educación Ambiental; Consumo; Epicuro; Felicidad; Fundamentos de la Educación Ambiental.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MINHA "TIA-AVÓ" MATERNA	FIGURA 2: CASAMENTO DOS MEUS AVÓS MATERNOS.....	17
FIGURA 3: EU, PRINCESA.....		18
FIGURA 4: EU E MINHA MÃE	FIGURA 5: MEU PRIMEIRO ANINHO	19
FIGURA 6: EU, MEU IRMÃO E MEU PAI.....		19
FIGURA 7: "MEU" MACAQUINHO		20
FIGURA 8: EU, MULHER MARAVILHA.....		21
FIGURA 9: A CRIANÇA QUE VIVE EM MIM		22
FIGURA 10: ENFERMAGEM.....		24
FIGURA 11: REPRESSÃO.....		28
FIGURA 12: PRAIA DO CASSINO		30
FIGURA 13: QUESTÃO DA PESQUISA		38
FIGURA 14: HIPÓTESES DA PESQUISA		39
FIGURA 15: FESTA DE SENHOR DE HUANCA.....		39
FIGURA 16: TESE		41
FIGURA 17: SUBIR MONTANHAS, ENCONTRAR CAMINHOS.....		51
FIGURA 18: APUS ANDINOS.....		55
FIGURA 19: MONTANHA DE CORES		57
FIGURA 20: AS VITRINES DE BOLOS.....		58
FIGURA 21: CAMINHO ENTRE AS RUÍNAS DE SONDOR E LAGUNA PACUCHA		62
FIGURA 22: LIVRARIA JOSE MARIA ARGUEDAS.....		63
FIGURA 23: SANTA MARIA DE CHICMO		64
FIGURA 24: RESTAURANTE NA LAGUNA PACUCHA		65
FIGURA 25: LAGUNA PACUCHA		65
FIGURA 26: PLAZA DE ARMAS DE ANDAHUAYLAS		66
FIGURA 27: YAWAR FIESTA.....		67
FIGURA 28: CRUZEIRO DO SUL		69
FIGURA 29: CHAKANA.....		70
FIGURA 30: MOVIMENTOS REALIZADOS NA PESQUISA EM EA		73
FIGURA 31: ENSINAR PELO EXEMPLO E APRENDER FAZENDO		133
FIGURA 32: A REVOLUÇÃO		137

SUMÁRIO

1 AR: O MOVIMENTO INSTÁVEL DOS COMEÇOS OU PRIMEIRAS PALAVRAS	16
2 ÉTER: REFLEXÕES ACERCA DO CAOS E DO ESPAÇO OU DO PORQUÊ PESQUISAR	31
2.1 QUESTÃO DESAFIADORA OU DA QUESTÃO DA PESQUISA	37
2.2 POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS OU DAS HIPÓTESES	38
2.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	40
2.3.1. Objetivo geral	40
2.3.2 Objetivos específicos	40
2.4 TESE	40
2.5 DA METODOLOGIA	41
2.6 POR QUE PESQUISAR OU DA JUSTIFICATIVA	42
2.7 ESTADO DA QUESTÃO	47
3 TERRA: A ESTRUTURA QUE SUSTENTA OS CORPOS OU DOS FUNDAMENTOS QUE ORIENTAM A PESQUISA	52
3.1 DO OLHAR: TEMPO DE COMPREENDER OUTROS MUNDOS	61
4 DOS ELEMENTOS POSSÍVEIS À PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL QUE REIVINDICA UMA ONTOEPISTEMOLOGIA AMBIENTAL: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA	72
4.1 AR E FOGO: OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS À TRANSFORMAÇÃO	74
4.1.1 Compreender	74
4.1.2 Olhar	76
4.1.3 Conhecer	76
5 ÁGUA: A DENSIDADE NECESSÁRIA À PESQUISA OU DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA TESE	80
5.1 FELICIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A REVOLUÇÃO NECESSÁRIA OU UMA ARMADILHA DE MERCADO?	81
5.2 DE EPICURO AO FAST FOOD DA MODERNIDADE: FELICIDADE PARA CONSUMO	98
5.3 VERDADE E LIBERDADE: ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS À PROFUNDIDADE DOS SENTIDOS	117

6 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL INSPIRADA NA FELICIDADE DE EPICURO	122
7 UMA CARTA PARA QUEM TEM O DESEJO DE LER: palavras ou considerações temporais.....	130
REFERÊNCIAS.....	137

1 AR: O MOVIMENTO INSTÁVEL DOS COMEÇOS OU PRIMEIRAS PALAVRAS

*Vai sem direção
 Vai ser livre
 A tristeza não
 Não resiste
 Solte os seus cabelos ao vento
 Não olhe pra trás
 Ouça o barulhinho que o tempo
 No seu peito faz
 Faça sua dor dançar
 Atenção para escutar
 Esse movimento que traz paz
 Cada folha que cair
 Cada nuvem que passar
 Ouve a terra respirar
 Pelas portas e janelas das casas
 Atenção para escutar
 O que você quer saber de verdade*

(Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Marisa Monte, 2011)

Reflito sobre minha própria existência, na tentativa de reduzir as muitas camadas que foram construídas sobre o Ser e que, não raro, impedem que este Ser se manifeste, que viva sua verdade e que encontre seu espaço de liberdade para compreender o que quero saber de verdade. As camadas que me revestem, são as que se mostram e, a partir delas, me apresento e sou reconhecida por aqueles com quem compartilho desta casa de vida. Camadas que convenciamos chamar de identidade.

Estas Primeiras Palavras são as palavras geradoras desta pesquisa. Geradoras por estarem carregadas dos sentidos de minha vida que se encontra, agora, neste lugar, com a pesquisa. Não há de ser uma escrita biográfica, ainda que seja uma narrativa na primeira pessoa, mas não se distancia completamente, visto que, desde a escolha do tema até as linhas finais, me apresento, com toda inteireza.

Sou neta de agricultores. Me acostumei a ouvir histórias e por elas tomei gosto ainda criança. Gosto pelas fotografias antigas que, uma a uma, meu avô me contava das pessoas: A “*Deutsche Shule*”, a escola somente para alemães, em que estudou. Pequenininho e magro – *sentia fome* – me contava ele, que aprendeu português por ser proibido de falar alemão. A irmã (Figura1), em pose de artista de cinema – porque tirar fotografia era um evento. Assim, passávamos horas, olhando os pequenos quadros de moldura verde, que se enfileiravam nas paredes da pequena sala da casa de madeira com varanda, onde, aos domingos, jogava cartas com quem o fosse visitar.

Tenho muito presente, em minha memória, sua figura alta e encurvada pelo tempo passado com a enxada nas mãos, abrindo pequenos sulcos na terra para plantar,

cumprindo não somente com seu papel de pai de família, que garante o sustento dos seus. Mas, especialmente o papel de bom cidadão, baixando sua cabeça, olhando para o chão, servindo ao propósito de um sistema que se sustenta não pela cegueira ou por padrões construídos pelo nomeado sistema, mas pela ilusão. Nunca soube da história de como ele e minha “Oma” (Figura 2) se conheceram e, embora tivesse curiosidade, nunca me atrevi a perguntar. Quando muito jovem, por pensar que minha história era menos interessante do que as grandes histórias de outras pessoas, depois, por achar que perguntar isso me levaria a perguntar como minha mãe conheceu meu pai e, naquela época – talvez ainda hoje – esta história me parecesse dolorosa demais para ser contada.

Figura 1: Minha "tia-avó" materna



Figura 2: Casamento dos meus avós maternos



Fonte: Arquivo da família

Gostava de ver as fotografias dos casamentos dos filhos, vestidos de noiva e noivo, ladeados pelas pessoas, convidadas a assinar, que testemunharam a união. Circulei muitas vezes pela sala à procura da fotografia do casamento de minha mãe – *a mais vaidosa das filhas* – contava meu avô, disfarçando o sorriso. Contava como quem apenas constatava: era vaidosa. Dizem da saia (uniforme) da escola – que só cursou até a terceira série do então primário – que era tão engomada que permanecia esticada todo o tempo.

A mais vaidosa teria fotos, por certo! Circulei muitas vezes antes de me encorajar a perguntar. A resposta foi uma mentira qualquer. Dessas que se contam para crianças por que acreditam que “são apenas crianças”. Mas, a pouca frequência com que via meu pai e a ausência daquela que seria a foto mais importante da vida de minha mãe, denunciavam algo que eu, ainda pequena, sentia que não queria saber. Me bastava viver: as coisas são

o que são. Os adultos que complicam tudo. Vão se enchendo de camadas, criando couraças até que se esquecem de quem são.

Como toda criança, eu criei meu próprio mundo a partir do mundo que me era oferecido. Queria ser princesa da Disney (Figura 3), comer maçã colhida “no pé”, ser cantora e dançarina. Mas também queria ir pra França, escrever um livro, ser empresária e professora. Gostava de ler e era boa com as palavras, mas, a timidez, o sentimento de inadequação e crença na incompletude como um defeito, nunca me permitiram ser oradora de turma.

Figura 3: Eu, princesa



Fonte: Arquivo pessoal

Hoje compreendo que eu não era tímida, pois uma menina tímida jamais iria declamar um poema sobre uma Donzela Assassinada, de Cecília Meirelles ou, entrar para o Coral da escola ou, montar uma peça teatral para contar a história de Pollyana². Apenas aprendi que não deveria ocupar meu espaço ou manifestar meus desejos, estes, inclusive, deveriam ser reprimidos, escondidos pela virtude de nada desejar e apenas aceitar e agradecer.

Vivia em um mundo meu e de minha mãe (Figuras 4 e 5), protegida dos males do mundo fora do nosso. Nada me faltava, mas nada havia em excesso. Conhecia o mundo das coisas pela televisão: novelas, Sítio do Pica Pau Amarelo, Robô Gigante, Disney.

Quando eu tinha dez anos, minha mãe casou com quem, em pouco tempo, chamei de pai. Como era motorista de caminhão, viajavamos nas férias escolares (Figura 6). E

² O livro de Eleanor H. Porter.

foi nessas viagens que conheci outros mundos: da fome, da violência, da morte, da pobreza. Mas, ainda assim, havia outros mundos de beleza, de alegria, de afetos, de diversidade, de floresta, de campos.

Figura 4: Eu e minha mãe



Figura 5: Meu primeiro aninho



Fonte: Arquivo pessoal

Na primeira viagem para o centro-oeste do Brasil me apaixonei pelo Cerrado. Talvez sua profunda capacidade de se transformar, tingindo-se de verde e, em poucos dias, renascendo, tenha me dito, no profundo silêncio de suas árvores retorcidas, que a vida encontra suas maneiras de se manifestar.

Figura 6: Eu, meu irmão e meu pai



Fonte: Arquivo pessoal

Viajei por todo o Brasil com minha mãe, meu pai e o irmão, que me presentearam alguns dias antes de eu completar dez anos. Conheci o calor úmido do Norte, o calor seco do Centro-oeste, o calor indescritível do Rio de Janeiro. Conheci a seca do Nordeste e chuva de São Paulo, o frio do Rio Grande do Sul e o calor do Paraná. Conheci casas, cidades e pessoas que, mais tarde, cederam seus lugares para barragens, para a mineração e para hidrelétricas.

Vi meninas na beira da estrada para serem entregues “a uma vida melhor” e meninos que seguravam jiboias para cobrar pelas fotografias com os turistas. Macaquinhos embriagados (Figura 7) – e eu mesma tive um – para parecerem mansos e filhotes de papagaio, ainda sem pena, disponíveis para a venda.

Figura 7: "Meu" macaquinho



Fonte: Arquivo pessoal

Eu vi a fome nos rostos das pessoas e nunca esqueci da aparência que ela tem. Ainda criança, aprendi a olhar para além de meu mundo e desejava, com todas as minhas forças, ter, um dia, o poder de transformar a realidade, tão distante do padrão Disney comercializado na TV, mas que me fazia entender por que tia Anastácia era negra e Dona Benta³, branca.

Nesta tarefa de conhecer, sempre incompleta, encontro refúgio nas (in)certezas e verdades provisórias, na finitude que habita o tempo, na linguagem enquanto condição

³ Personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo da obra de Monteiro Lobato, adaptada para a televisão.

ontológica. E, assumindo a tarefa de analisar a mim mesma, de me conhecer, (re)elaboro compreensões e ressignifico experiências vividas junto aos seres que coabitam este Planeta, finito e fecundo.

Situo esta reflexão inicial, em minhas próprias questões, como temas que se lançam ao aberto e, nesta condição se abrem, também, ao diálogo. Diálogo com o outro, comigo, com os fatos, com as coisas todas. Diálogo enquanto atributo da existência de que “o que se dá na linguagem dá-se também no todo de nossa orientação vital: o fato de estarmos familiarizados com um mundo convencional pré-formado.” (GADAMER, 2004, p. 236).

Honro minha história, e a daqueles que me precederam, pois é por vivê-la que encontro no tempo presente uma existência, ainda que perdida nas ilusões e verdades forjadas, limitada por crenças, e nós, que ainda não sei como desatar. Honro a criança que desejava transformar o mundo e que, vestida de mulher maravilha (Figura 8), tinha a confiança necessária para fazê-lo.

Figura 8: Eu, mulher maravilha



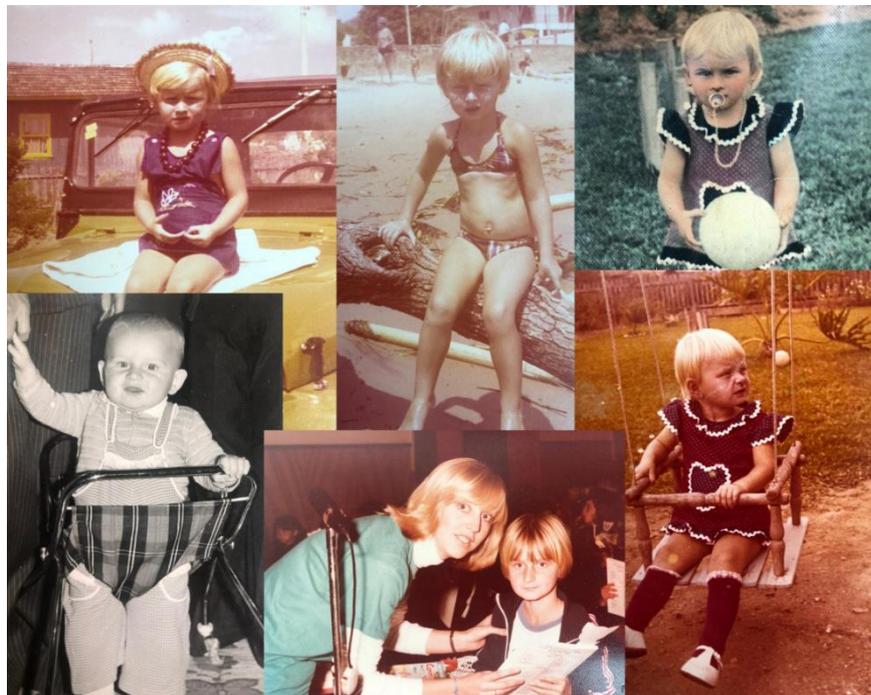
Fonte: Arquivo pessoal

Por vezes penso que, ao contar nossa história, deveríamos, obrigatoriamente, contar de nossa infância para, a cada tempo, reencontrar nossa criança, brincar com ela, andar descalça, jogar bola despreziosamente, sentir o ir e vir do balanço, a confiança de que teremos apoio em nossos passos e o cheiro do primeiro livro da escola.

Encontrar essa criança, muito mais para lembrar quem somos e do que somos

feitos, do que para remexer feridas ou justificar ausências e excessos o que, de certa maneira, nos obriga a ficar no passado, em um presente que é apenas seu refém.

Figura 9: A criança que vive em mim⁴



Fonte: Arquivo pessoal

Sou neta de agricultores, sobrinha de agricultores, prima de agricultores, mas nunca soube como meus avós conseguiram os pequenos pedaços de terra de onde tiraram o sustento de sua família e que, mais tarde, deixaram para os filhos homens, não cabendo a mesma herança às filhas mulheres. Por muito tempo procurei entender por que um homem que eu amava tanto fazia distinção entre filhos homens e filhas mulheres e, ainda que não concorde, preciso respeitar a lógica em que ele operava: aos homens cabe a obrigação de sustentar o lar e, o trabalho (muito trabalho), dignifica este homem.

Quando criança eu era uma das poucas primas que tinha geladeira em casa, porque apenas uma tia tinha luz elétrica e isso significava que eu não podia contar para os meus primos como era preparar a mistura da merenda da escola com leite e colocar no congelador para “virar picolé”. E me partia o coração que eles não pudessem saborear aquilo que era tão gostoso e, por isso, eu acreditava que suas vidas não eram tão boas

⁴ A professora que me entrega a cartilha Caminho Suave é a professora Leilane Jacobsen Schmitt, minha professora na 1ª série. Uma grande incentivadora de minhas leituras e escritas.

quanto a minha e, por vezes, suspeito que eles pensavam a mesma coisa de mim, ainda que minha mãe tivesse a fama de ser a “tia rica”, pois tínhamos carro e ela sempre levava muitos presentes à sua infinidade de afilhados. Pouco a pouco, todos receberam a luz elétrica em casa e puderam, inclusive, congelar carnes dos animais abatidos de suas próprias criações. Carne que, quando íamos de visita, sempre recebíamos um bom pedaço para trazer para casa.

Desde criança eu via as desigualdades: sociais, de gênero, de cor. Elas estavam em todo o lugar e preenchiam de tal forma os espaços, que era impossível pensar a realidade sem elas. Não havia qualquer espaço que permitisse que algo novo entrasse e ocupasse seu lugar e tudo indicava que seria sempre assim. Mas, me faltava enxergar como estas desigualdades eram produzidas e, principalmente, qual lógica operava por detrás do jogo, que criava cenários ideais de vida, o que abria um abismo entre os que podiam acessar este suposto ideal e os que não podiam.

Conto minha história porque, é partir dela que consigo informar, a quem se aventure a ler, em que terrenos tenho ancorado, qual solo fecundo orienta os pensamentos que se ora se fazem palavra. E como o tenho realizado, em tímidos passos, por vezes à luz de lamparina.

Conto esta história para mim mesma: escrever esta tese me permitiu o reencontro com minha jornada de Vida. Ao olhar para a criança que vive em mim – e a quem honro a existência – compreendi que, há muito tempo já não sou mais ela, de maneira que não é ela quem fala através de mim, justificando meus insucessos e medos. Não posso responsabilizá-la, retirando-lhe o que de melhor tem: sua inocente alegria de viver. A jornada de Vida que acompanha a escrita desta tese me colocou de frente com a responsabilidade de Ser quem Sou, deslocando-me do Buscar, um lugar de projeção, que sinaliza um tempo em que tudo estaria pronto e em seu lugar: um lugar para, finalmente, ser feliz.

Em todos os tempos, humanos têm buscado algo, dedicando a tal busca todo um período de sua história e, quando acreditaram que, finalmente, haviam saído das trevas e iluminado sua existência pela emergência da razão, com sua luz frágil e efêmera, mas que se pretendia forte e permanente, consideraram que havia chego ao tempo do fim das incertezas. Haviam, finalmente, iluminado a escuridão da ignorância e, com isso, um novo tempo, com novas formas de governar, se instalaria. A luz da razão não seria mais uma lamparina.

A chama da lamparina não tem longo alcance, é oscilante e cria formas em suas sombras que nem sempre nos permitem ver com clareza e avaliar com precisão o que está disposto à nossa frente. O ato de conhecer o que se ilumina com sua chama é um exercício hermenêutico, talvez porque “Não apenas o mistério (o incognoscível) escapa ao conhecimento, como está no coração do conhecimento” (MORIN, 2020, p.19).

Tomo emprestada a lamparina, como metáfora, do ofício que me fez despertar de um sono profundo – provavelmente aguardando algum príncipe encantado – que me reduziu e me encarcerou em uma vida de confortos e facilidades: a enfermagem (Figura 10). Foi na enfermagem que me reencontrei com as desigualdades. Já adulta, com duas filhas pequenas, cheguei à enfermagem como uma opção de trabalho, mas encontrei um propósito de vida, mais precisamente na saúde pública.

Figura 10: Enfermagem



Fonte: Arquivo pessoal

Durante o tempo em que estive na enfermagem, fiz diversos cursos que considerava que poderiam auxiliar no processo de cura das pessoas: *yoga*, *reiki*, *shiatsu* foram alguns deles. Não acreditava que apenas os conhecimentos do sistema biomédico pudessem oferecer todas as respostas aos males que se enfileiravam a porta da sala de atendimento, e que se repetiam, de tempos em tempos, como condições crônicas, sentenciando pessoas a uma vida de conformação com um estado de doença.

Não demorou muito para que a baixa remuneração, as péssimas condições de trabalho e a incompetência de gestores e gestoras do sistema de saúde determinassem uma

nova escolha. Tendo prestado concurso para o Banco do Brasil, fui aprovada e me convenci que um bom salário era o melhor que eu poderia fazer por mim e minha família. Quando tomei esta decisão eu dividia meus dias trabalhando, também, com uma tia – irmã de meu pai adotivo –, com equipamentos para saúde, desenvolvidos por um engenheiro, pesquisador e ufólogo chamado Paul Louis Laussac⁵. Paul ficou famoso por suas declarações sobre não ser humano, mas um extraterrestre a quem foi concedida autorização para utilizar o corpo de uma criança que morreu aos três anos de idade, no estado de Minas Gerais.

Tive a oportunidade de trabalhar com Paul – ele pedia que o chamassem pelo primeiro nome –, ler seus livros e aprender os fundamentos científicos dos aparelhos que desenvolveu, a partir da inspiração de outros seres extraterrestres. Nas muitas conversas que tivemos, em uma única vez contou de seu trabalho para a NASA, sob a liderança de Thomas Gallen Hieronymus (1895 – 1988), um dos pioneiros no campo da radiônica.

A radiônica é, de maneira resumida, uma possibilidade de detectar doenças ou identificar elementos químicos presentes em um organismo por meio da assinatura eletromagnética ou, como nomeado por TG Hieronymus (há registros de que ele solicitava que fosse chamado desta maneira), a energia sutil. O aparelho desenvolvido a partir de suas pesquisas chegou a ser comercializado e utilizado em clínicas, porém a FDA (Food and Drugs Administration), aprovou uma lei em que sua utilização não foi mais permitida, pois não se tratava de medicamento. Apesar de receber como status um título de pseudociência, a radiônica continuou sendo estudada, aperfeiçoada e, atualmente, há defesas de seu uso para a agricultura sustentável.

Foram os estudos da radiônica que levaram TG Hieronymus a trabalhar para a NASA, liderando a equipe da qual Paul contava ter feito parte, no projeto Apollo, incluindo Apollo 11.

Os aparelhos desenvolvidos por Paul tinham em comum com os estudos de Hieronymus a convicção de que cada ser vivo, em conexão com a natureza, tem potencial de cura, sendo necessário, apenas, ativá-lo e, em paralelo, eliminar o que atrapalha o equilíbrio. Mais tarde, aprendi que a medicina Ayurveda tem os mesmos princípios, que estão presentes, também, na cosmovisão andina.

⁵ Uma busca pela internet oferece vários vídeos do pesquisador e ufólogo, Paul Louis Laussac, sendo a mais famosa a entrevista que concedeu ao Programa SBT Repórter.

Ambos, cada um em seu tempo, receberam críticas e foram acusados de charlatanismo, sob a alegação de que não era possível encontrar evidências científicas de que a energia que defendiam realmente existisse. No entanto, nenhum de seus críticos encontrou evidências científicas de que não existissem.

Abandonei esse mundo de aventuras e de histórias – que eu sempre gostei de ouvir e contar – e escolhi a segurança de ser funcionária do Banco do Brasil. Após nove meses como bancária fui promovida ao cargo de Supervisora de Atendimento, pela habilidade de conversar com as pessoas e fazer “com que se sentissem importantes” (foram as palavras da gerente que indicou meu nome). Não demorou muito para eu perceber que, em um banco, eu e todas as pessoas somos reduzidos a números: número de funcionário, números de conta, saldo em aplicação, valor de empréstimo (até hoje quando tenho que dizer o número de meu CPF sinto um aperto na garganta). Tal modo de identificar pessoas me faz recordar do que já li sobre os campos de concentração nazistas: pessoas sem um nome, uma sequência numérica que reduz a existência ao ato de sobreviver e que, propositadamente, impedem vínculos afetivos.

Fui facilmente seduzida e manobrada para, também, seduzir e manobrar as pessoas. Eu, manobrada pelo meu ego e, as pessoas, manobradas por suas necessidades.

Nessa lógica, ninguém é realmente importante se não pode contribuir para que o sistema permaneça tendo lucro e nenhum gerente de conta telefona para você por interesse genuíno em seu bem-estar. Nenhuma conversa é leve e aventuras não são bem-vindas. Das histórias, somente interessam as de entretenimento, pois mantém a ilusão vibrante e embotam os sentidos, mantendo todos como escravos de um desconhecido senhor.

Novamente me aventurei e, com uma amiga, abri um restaurante lactovegetariano, com princípios da filosofia védica, mas a permanente necessidade de ter um salário para sustentar minhas filhas – e o desejo antigo de ser professora – me conduziu à sala de aula, onde conheci a Educação Ambiental em um Grupo de Trabalho da Agenda 21 Local, em Itajaí (SC).

Foi em 2006 a primeira vez que li um livro de Paulo Freire, já professora de escola pública. Aristóteles, Leonardo Boff, Platão, Karl Marx eu conhecia pelos olhos da administração de empresas e, quando me diziam que era preciso conhecer o olhar do oprimido para combater o opressor, eu pensava: “somos todos, em alguma medida, os opressores”. Durante o tempo que pensei que, algum dia, faria mestrado e, quem sabe,

doutorado, eu sempre pensava que pesquisaria a formação de professores e a ideia ganhou força quando assumi a gestão de uma Unidade Escolar.

Então, em 2014, no mestrado em Educação, pesquisei o Programa PIBID e a formação de professoras em um projeto interdisciplinar de Educação Ambiental, sempre vislumbrando quais elementos são necessários à formação de professores educadores ambientais. Entre 2017 e 2018 trabalhei na Secretaria de Educação de Balneário Camboriú (SC), no Departamento Pedagógico, mantendo a ideia de estudar e praticar a formação de professores. Mas, sempre observando que poucas mudanças aconteciam a partir das formações, comecei a sentir que faltavam muitos elementos e que, talvez, nenhum deles pudesse ser universal ou aplicável a todas as realidades e contextos.

E, mesmo que documentos e pesquisas em Educação Ambiental (EA) se estruturam em torno de princípios de diversidade, heterogeneidade e complexidade, não me parecia que as formações de professores pudessem ser expressas a partir de tais princípios. Não fosse, talvez, por uma maquiagem de superfície, todas as que participei e, inclusive as que conduzi, tinham por objetivo a transformação do outro sem que este outro identificasse em si a necessidade de se transformar. Algumas, talvez a maioria delas, apenas tivessem como objetivo mudanças de atitude do outro, o que talvez rendesse melhores chances de êxito se, no lugar de professores formadores, tivéssemos o auxílio de *coaches*⁶, de maneira que recebêssemos treinamento direcionado aos comportamentos esperados.

Então, em 2018, mesmo sem ter total clareza do que queria pesquisar eu sabia que precisava começar o movimento de transformação por mim, mesmo que isto significasse voltar ao mesmo lugar, tendo superado as dúvidas e desconfianças na própria EA. Entrei no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da FURG com um projeto que pretendia pesquisar estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

Hoje compreendo que estes estudantes realmente foram minha motivação para a pesquisa, mas não pelo que apresentei no projeto inicial e sim porque eles me lembravam tudo o que eu vi em minha vida, desde criança, e que, em parte, narrei até aqui. Ali estavam presentes a desigualdade, a simplicidade, ausência de amor, a arrogância, o desejo, a fome, a violência, a pobreza, a rebeldia, os saberes não científicos, a magia, a fé, a descrença. E todos tinham um objetivo comum: ser feliz.

⁶ Treinadores

Foi em uma das muitas longas viagens de ônibus entre Rio Grande (RS) e Itapema (SC) que recebi a inspiração para pesquisar a felicidade. Lendo um livro, sugerido por um amigo, encontrei a seguinte afirmação:

Uma das coisas mais difíceis do mundo é olharmos para qualquer coisa com simplicidade. [...] refiro-me àquela simplicidade que nos torna capazes de olhar as coisas diretamente e sem medo, capazes de olhar a nós mesmos sem nenhuma deformação, de dizer que mentimos quando mentimos e não esconder o fato e dele fugir. (KRISHNAMURTI, 1969, p. 13)

O autor falava de liberdade, que compreendi estar muito além da libertação no campo físico e muito mais profunda do que a não alienação da força de trabalho em troca de um salário ou de escolher o que comer no café da manhã ou com quem casar e não casar. Uma liberdade que acontece em partes nossas que nem mesmo sabíamos cativas e que não dependem da liberdade do corpo para existir. Uma liberdade cujo preço pode ser a perda das referências e certezas construídas durante toda uma vida.

Uma carta do conhecido Tarot do Osho, me faz pensar neste “tipo” de liberdade (Figura 11). Ela ilustra uma pessoa que está presa por cordas e apenas um pé, os braços e uma das mãos estão visíveis. A cabeça está povoada por nuvens, que bloqueiam parcialmente a luz que está dentro deste ser, uma luz que é possível ver entre as cordas. À sua volta as estruturas parecem estar prontas para ruir, quebrar, liberando a lava das emoções contidas e não manifestas.

Figura 11: Repressão



Fonte: OSHO, 2014

Senti algumas das cordas – as que tenho consciência que existem –, que formam os nós que me aprisionam, e senti o calor das emoções que explodem pelas fissuras: a

raiva, o medo, a agressividade, a violência, o ódio. E entendi que felicidade e liberdade caminham juntas, estão profundamente relacionadas e há uma conexão direta com a verdade, com a possibilidade de realizarmos nossos mais elevados propósitos de vida.

Esta tese é uma interpretação de minhas observações da vida, na tentativa de compreender a Felicidade e se é possível uma Educação Ambiental para a felicidade. Traz em si, o oxigênio que me manteve respirando e o fogo que transmutou minha maneira de enxergar o mundo e as coisas. Carrega as águas das minhas emoções e a terra que tem sustentado toda a jornada.

Nestes anos de pesquisa intencional, pessoas amadas partiram e dilaceraram meu coração com a despedida. Pessoas amadas adoeceram e exigiram de mim uma energia superior a que estava habituada a empreender para viver e, indo cada vez mais fundo dentro de mim mesma, que encontrei essa energia. Pessoas amadas entraram em processos de sofrimento, depressão e ansiedade e, inclusive eu, adoeci, e precisei olhar de frente para as escolhas que me levaram a este lugar.

Evoco a humildade dos que se compreendem aprendizes, com a afirmação que orienta minha vida e, por sequência, esta pesquisa: “Escolho ser livre. Eu quero a verdade”, para seguir apresentando os movimentos dos começos, da manifestação daquele que cria algo e a ele empresta os propósitos elevados de sua existência.

Não me refiro à uma verdade como narrativa totalizante, mas à verdade que se manifesta pelas vias da incerteza e sobre a qual, oportunamente, apresentarei reflexões.

Esta tese foi gestada nas conversas improvisadas pelas ruas, com desconhecidos, pelos abraços amorosos com meus afetos, pelos diálogos profundos com colegas que vislumbram na pesquisa um caminho, junto, inicialmente, ao Grupo de Estudos em Fundamentos e Educação Ambiental Popular e, posteriormente, ao Grupo de Estudos e Pesquisa da Complexidade. Uma gestação nutrida pelos pés descalços nas areias da praia do Cassino⁷ (Figura 12), pelos ventos que sussurram os segredos que vim buscar, pelo calor das casas nas noites frias, e pelas sopinhas que aqueciam o ventre e o coração.

⁷ A praia do Cassino fica no município de Rio Grande (RS) e é considerada a maior praia do mundo em extensão, com 220 km.

Figura 12: Praia do Cassino

Fonte: Arquivo pessoal

Estas palavras, que, sendo escritas, são a manifestação do que de mim transborda, foram produzidas nos espaços vazios, transformadas pelo fogo de meu próprio metabolismo, encharcada das águas de minhas emoções, inspiradas e capturadas pelo movimento dos ventos e modeladas com a força da Terra, útero sagrado de todos nós.

Encerro esta apresentação, com a licença poético-acadêmica da citação, parafrazeando Jean-François Lyotard (1986) para desculpar-me pelas lacunas, pois não sou uma *expert*, mas uma pesquisadora, curiosa pelas coisas da vida, que caminha pela filosofia e, aqui, se encontram estas duas misturadas e, de modo algum, pretende uma delas prevalecer, porém, “o filósofo ao menos pode se consolar dizendo que a análise formal e pragmática de certos discursos de legitimação, filosóficos e ético-políticos, que sustenta nossa Exposição, verá a luz depois desta” (LOYTARD, 1986, p. 18).

Que as reflexões postas neste trabalho possam nos orientar em reflexões, pessoais, imediatas ou futuras, mas, que, principalmente, suas ausências, nos estimulem a seguir para que se mostre aquilo que permanece no silêncio.

2 ÉTER: REFLEXÕES ACERCA DO CAOS E DO ESPAÇO OU DO PORQUÊ PESQUISAR

No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra porém, estava disforme e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite. E fez-se tarde e manhã: primeiro dia. (BÍBLIA, 1979)

A inexistência que precede a criação do mundo, a matéria escura do suposto vazio, o elemento, que, ao entrar em movimento, estabelece as condições para a formação de tudo o que existe. Assim as teorias científicas e religiosas têm buscado comprovar, hora aproximando-se, na tentativa de explicarem-se uma à outra, hora distanciando-se, na tentativa de invalidarem-se, a origem da vida. Início esta reflexão com o primeiro texto de um livro que, estima-se, foi traduzido para mais de 2.500 (dois mil e quinhentos idiomas), com mais de seis bilhões de exemplares vendidos – o que não significa que tenham sido lidos – porque foi o único livro que minha avó materna, minha *Oma*⁸, aprendeu a ler, ou, conforme me foi contado, decorou alguns trechos.

O suposto vazio, já foi descrito como sendo o éter, o quinto elemento, designando aquilo que não se pode comprovar, mas explicando o que a razão humana não consegue alcançar, com sua percepção limitada acerca da existência das coisas todas. Como elemento, foi evocado em diferentes tempos na história e por diferentes pensadores, incluindo-se filósofos, matemáticos e físicos.

Epicuro (341 a.C - 270 a.C), filósofo grego do século IV a.C, referiu-se a este espaço como intangível e que, se “não houvesse aquilo que chamamos de vácuo, espaço, ou ser intangível, nada haveria no lugar onde se acha o corpóreo e no qual se movimenta [...]” (EPICURO, 2006, p. 49) e afirmou que, “se não existisse o espaço, que é chamado de vazio, lugar e natureza impalpável, os corpos não teriam onde estar nem onde se mover” (EPICURO, 2006, p. 102). Aristóteles (384 a.C - 322 a.C), compreendia que este seria o elemento presente na composição dos corpos celestes, já Descartes (1596 - 1650), embora não tenha utilizado o nome “éter”, também defendeu a existência de uma substância que preencheria os espaços entre estes corpos e, Einstein (1879 - 1955), que inicialmente negou a hipótese de existência do éter, por julgar que, na ciência, só se poderia considerar aquilo que pudesse ser observado ou medido, mais tarde, tratou a

⁸ Como são chamadas as avós no idioma alemão.

substância com seriedade a ponto de estabelecer uma discussão epistemológica acerca de seu conceito.

Ainda que, a partir da publicação dos estudos sobre a teoria da relatividade especial, da qual Einstein é um dos representantes, o éter tenha sido “relativamente” esquecido pela Física, em função dos esforços em provar que o mesmo não existia, há rumores de que o próprio Einstein, durante os estudos da teoria da relatividade geral, confessou a amigos que as teorias admitiam a hipótese de existência do éter.

A física quântica retoma o éter, para dizer que, no espaço, existem partículas virtuais que podem produzir efeitos observáveis e, partindo dessa observação, o éter poderia ser, por exemplo, a substância que está acelerando a velocidade de expansão do universo.

Ainda que pareça existir “um certo preconceito” em utilizar a palavra éter para nomeá-lo, o quinto elemento – ou a quintessência – vem figurando na cosmologia e, de tempos em tempos, modificam-se as certezas. Mas uma certeza parece ser constante: não há certeza de que ele não existe.

Para o hinduísmo – religião da maior parte da população da Índia –, o mundo foi organizado a partir do caos que existia, em um movimento cíclico de criação e destruição, e no início não havia inexistência e nem existência. Nem mesmo os deuses existiam, e não cabe à razão humana se ocupar de entender esse mistério, apenas é preciso aceitar. A isto se chama de Fé. No movimento cíclico, a tríade composta por Brahma – o deus supremo da criação –, Vishnu – responsável pela conservação – e Shiva – responsável pela destruição –, se alternavam em suas tarefas de criar, manter e destruir.

O mito Asteca conta da criação de cinco mundos:

O primeiro de todos os deuses foi Ometéotl, o criador. Ele vivia em Omeyocán, o mais elevado de todos os 13 céus. Como era um deus masculino e, ao mesmo tempo, feminino, gerou filhos tanto com os poderes celestiais como também com as forças da terra. Os quatro principais filhos de Ometéotl foram os deuses que deram origem ao universo [...]. Eles governaram nas primeiras idades desta terra, tornando-se, um por vez, o Sol que iria iluminar cada mundo. (RIOS, 2013, p. 29)

Conforme Rosana Rios (2013), após a destruição de cada um dos quatro mundos (Mundo do Movimento; Mundo dos Ventos; Mundo do Fogo e Mundo das Águas⁹ – este

⁹ Observamos também, aqui, a presença dos 5 elementos, sendo o Éter o elemento do Mundo do Movimento e, na sequência, respectivamente: Ar, Fogo, Água e, atualmente, Terra, o elemento de maior densidade.

último destruído por um dilúvio), o quinto mundo foi criado pelos deuses reunidos, em um trabalho conjunto, e é nosso mundo, o mundo do Sol em movimento.

Para os Incas, “depois que um grande dilúvio cobriu a Terra, tudo era água, escuridão e silêncio” (RIOS, 2013, p. 41) e foi com o aparecimento de *Titi*, um jaguar de fogo, que a primeira luz surgiu. Na região se formou um lago, resultado do trabalho do Deus-avô *Khunu*, que estendeu um manto de gelo sobre os Andes. O lago *Titikaca* nasceu do degelo desses planaltos.

“Foi então que apareceu, às margens do lago sagrado, um grande deus que foi chamado de Kon Tiki Huiracocha Pachayachachic. Alguns o chamam de Huiracocha ou Viracocha, outros simplesmente de Criador, e alguns acreditam ser ele o Deus-Sol” (RIOS, 2013, p. 41). Para povoar a terra, *Huiracocha* criou os seres humanos com pedras, lhes deu forma e designou o que seriam e onde viveriam, distribuindo as estátuas de pedra pelo mundo.

Para lhes dar vida, delegou a dois filhos a tarefa de sair pelo mundo, chamando-os pelo nome para que despertassem. Tão agradecidos ficaram os humanos, que consideraram as pedras e as cavernas onde estiveram como lugares sagrados, ou *huacas*. Na sequência, os enviados criaram e deram vida a muitas outras formas: flores, animais, plantas, frutos, enchendo a Terra de vida.

Para Edgar Morin (2003), “a história do Universo é uma gigantesca aventura criativa e destrutiva, marcada, desde o início, pelo quase aniquilamento da antimatéria pela matéria” (MORIN, 2003, p. 56), uma história de caos, desordem e ordem contínua.

Gostaria de contar do mito de criação do mundo na perspectiva de todas as crenças e povos, especialmente do povo Charrua, que me desperta um interesse especial. Excluídos das narrativas sobre os povos indígenas por serem considerados extintos, este povo tem como território as regiões de fronteira de Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul, e tiveram, da mesma maneira que sua história, seus mitos e lendas apagados. O que parece ser possível garantir é que não foram catequizados, pois as tribos foram perseguidas e seus povos foram mortos. Os que sobreviveram, se misturaram a outras etnias e, apenas em 2007, os Charrua foram reconhecidos como nação indígena brasileira.

Me interessam as histórias, os povos que as contam, os mitos que explicam o que a razão não alcança e que, talvez, nunca alcançará. Como humanos, tentamos explicar na tentativa de compreender e honrar a existência e, com uma pesquisa, não é diferente: procuramos explicar na tentativa de melhor viver.

Escrever uma tese é como materializar uma antiga ideia de que só nos realizamos quando plantamos uma árvore, escrevemos um livro e trazemos ao mundo um filho. Me parece que as três coisas materializam a permissão para que nossa energia vital criativa se manifeste, como um canal para a luz, que é o fundamento de toda a vida. É um exercício de criação, um processo cíclico e contínuo, de caos: ordem, desordem e criação.

Quando decidimos por fazer uma pesquisa, escrever um livro, um pequeno texto, arrumar o jardim, plantar uma árvore, trocar a terra dos vasos de plantas, ter um filho ou uma filha, somos canais de criação trazendo ao mundo o que não está manifesto, mas existe em algum lugar, apenas não podemos ver, nem tocar, até que esteja na frequência exata que reconhecemos como algo que existe. Algo como um *Big Bang*.

Quando Carl Sagan (1980, p. 265) pergunta se “Poderá haver uma quarta dimensão física?”, nos chama a atenção para a perda que há de uma dimensão superior para uma dimensão inferior. Segundo o autor, não podemos ver o que está na quarta dimensão porque estamos aprisionados na terceira, assim como se estivéssemos presos a uma segunda dimensão, não poderíamos ver o que está na terceira. O autor nos convida a imaginar...

Imaginemos que habitamos um país estranho onde todos são perfeitamente planos. [...] Alguns de nós são quadrados, outros, triângulos, alguns possuem formas mais complexas. [...] Todos na Terra dos Planos têm largura e comprimento, mas não altura. Sabemos sobre esquerda e direita, para frente e para trás, mas nenhuma idéia, ou remota compreensão, sobre em cima e embaixo, exceto os matemáticos planos. [...] Um dia, uma criatura tridimensional, com a forma de uma maçã, por exemplo, chegou à Terra dos Planos e andou a esmo por lá. Observando um quadrado particularmente atraente e bem proporcionado, entrando em sua casa plana, a maçã decide, em um gesto de amizade interdimensional, dizer "olá". "Como vai você?" pergunta o visitante da terceira dimensão. "Eu sou um visitante da terceira dimensão." O infeliz quadrado olha à volta da sua casa e não vê ninguém. Ainda pior, para ele, parece que o cumprimento, vindo de cima, está emanando do seu próprio corpo plano, uma voz do interior. Uma pequena insanidade, talvez ele pense corajosamente, e corre para a sua família. (SAGAN, 1980, p. 262-263)

As observações de Sagan sobre o cosmos parecem possíveis de descrever o processo de pesquisa, um processo que está profundamente ligado à vida do(a) pesquisador(a) e que só poderá enxergar o que sua dimensão de existência assim permitir. É preciso lembrar que criamos uma realidade a partir de nossas escolhas e, na pesquisa, nossas escolhas conduzem-nos pelo caminho onde, acreditamos, o que ainda não conhecemos, irá se mostrar.

Nosso limite se esgueira pela linha daquilo que nos é conhecido e nossa interpretação sempre estará vinculada aos padrões de referência com o qual temos a

mesma relação. Todo o resto nos provocará estranhamento ou admiração e, estará na linha dos limites de compreensão e interpretação do(a) pesquisador(a), seja por lhe faltarem referenciais, seja por partes que permaneçam escondidas. E o caminho a seguir pode ser o da imaginação, cuja estrutura é a experiência do sensível: se descrevo as montanhas em Andahuaylas¹⁰, ainda que, quem lê, não tenha ido ao lugar, poderá, mesmo assim, imaginar, a partir de sua experiência sensível anterior, como, por exemplo, ter visto um filme com paisagens montanhosas.

Se considerarmos que, antes do pensamento científico, como o conhecemos, o pensamento pré-científico buscava dar conta de explicar os fenômenos, de maneira que o pensamento inicia sem o porto seguro dos conteúdos e, os conceitos aos quais atribuímos sentidos e significados, somente se articulam a um conteúdo pelas experiências do sensível, é na imaginação que encontraremos os caminhos que nos conduzem às respostas e às novas perguntas.

Assim, da mesma maneira, quando eu conversava com as pessoas e elas me contavam de seu cotidiano, eu poderia utilizar diferentes autores para analisar suas falas, mas apenas minha experiência sensível – que foi se aperfeiçoando para compreender à medida que o tempo passava e eu me aproximava mais das pessoas – podia dar conta de imaginar os cenários que me descreviam.

Portanto, é importante ter em vista que, do que se mostre, apenas uma parte – um ponto de contato – seja visto e compreendido por nós e que, há muito mais do que aquilo que se mostra. E, talvez esteja aí um dos maiores desafios para o pesquisador: controlar sua vontade de expressar a verdade absoluta, irrefutável, promotora de generalidades e modelos aplicáveis a toda e qualquer realidade. E, é nessa esteira de dificuldades, que precisamos enfrentar, que se encontram os mitos, como o da objetividade. Para Michèle Sato e Luiz Augusto Passos (2003),

O mito da objetividade científica obscureceu o modo como os cientistas têm elaborado julgamentos de valores em nome da sociedade, levando à crença que as relações, combinações e funcionamento das ciências naturais podem explicar como tudo funciona no universo e de que estes conhecimentos estejam isentos de interesses. (SATO; PASSOS, 2003, p. 11)

Ainda que, no imaginário de uma parcela significativa da sociedade, a ciência seja

¹⁰ Região do Peru sobre a qual explanarei na sequência do texto.

neutra e tenha como único objetivo o bem estar das pessoas, há muito que, no meio acadêmico, esta suposta neutralidade vem sendo questionada. Em uma pesquisa, visões de mundo são expostas e contribuem para forjar novas visões de mundo. Infelizmente, Hilton Japiassu (1976) constatou que,

O mundo familiar das evidências do coração e da fé, das crenças e das paixões contraditórias, converte-se num universo geometrizado, onde reina a luz fria das demonstrações matemáticas. A racionalidade científica desnatura a natureza e desumaniza o homem. (JAPIASSU, 1976, p.34)

E aquilo que não pode ser observado, medido, pesado ou valorado em moeda corrente, não raro, corre o risco de ser desprezado ou indicado como não científico, de maneira que, ainda hoje – estamos no ano de 2022 –, nas escolas, o método científico das ciências naturais permanece como conteúdo a ser ensinado às crianças. A elas não é permitido criar seu método de pesquisa, apenas seguir a ordem dura e rígida, observar com relativo afastamento seu objeto e fazer anotações.

Ao observar o desenvolvimento de uma semente, sua germinação, a vida que se anuncia, o(a) estudante poderá – se for um(a) bom observador(a) – saber se a planta é uma mono ou dicotiledônea¹¹, mas somente saberá a cor de suas flores e o sabor de seus frutos se permitir que a vida que se anuncia, encontre condições para se desenvolver. E, para isso, não há métodos infalíveis. É necessário deixar-se viver no tempo e observar.

Com estas reflexões iniciais, apresento alguns Mitos e alguma Ciência – escritos assim, com inicial maiúscula – para convidar a quem lê, junto comigo, à ousadia de pensar a ciência onde o diálogo dos diferentes saberes seja possível, considerando-a “mais do que um corpo de conhecimento, [mas como] um modo de pensar” (SAGAN, 1996, p. 39). Os mitos são modos de pensar que orientam modos de viver e, por esta razão, são estudados por diferentes áreas da ciência. Há, nas crenças, uma bagagem cognitiva que não percebemos e, por não percebê-la – ou não termos as estruturas necessárias –, tendemos a abandonar, menosprezar ou ignorar.

Ao trazer mitos e lendas, assim como trechos de textos sagrados, não tenho a intenção de convencer sobre a verdade das palavras e, muito menos, elas significam o que tenho por crença ou conhecimento. O que me interessa são os simbolismos por elas produzidos, especialmente pelos motivos que levaram alguém (indivíduo ou povo) a

¹¹ Classificações para estudo da botânica.

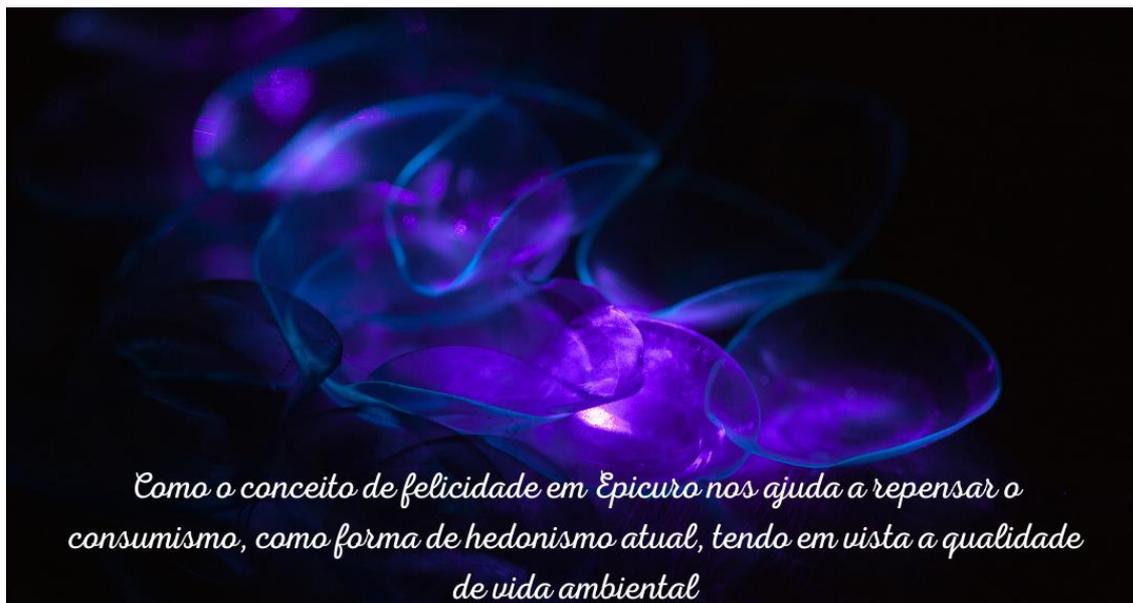
contá-la, pois nenhuma história se produz sem razão. Seja pela necessidade de sobrevivência, expulsões de territórios, perseguições, necessidade de poder e domínio, proteção ou outras que desconhecemos, o mais importante é o sentido que lhes é atribuído. O que me interessa, são os mistérios que elas se propuseram a explicar e, assim como relatado por Albert Einstein (1981):

O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece essa sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram. Aureolada de temor, é a realidade secreta do mistério que constitui também a religião. (EINSTEIN, 1981, p. 9)

O conhecimento é, e permanecerá sendo, um instrumento tanto de libertação quando de opressão e, por esta razão, negá-lo aos cativos, é tarefa constante dos que se valem do controle e domínio sobre o outro. Aos escravos, assim como foi por muito tempo com as mulheres, não era permitido ler, devendo, estes, permanecerem analfabetos: “leitura e pensamento crítico são perigosos, na verdade subversivos, numa sociedade injusta” (SAGAN, 1996, p. 344).

2.1 QUESTÃO DESAFIADORA OU DA QUESTÃO DA PESQUISA

É nestas reflexões, que caminham pelas ciências, pelos saberes da terra, pelos mitos e crenças que tateio na escuridão, comum aos primeiros tempos de uma pesquisa, como deuses e deusas experimentando a criação e como cientista experimentando a descoberta, na compreensão de que, ainda que considerados por muito tempo excludentes, tais saberes reconciliam-se à medida em que interpretamos o mundo, para pensar as possibilidades de respostas para a questão que se manifesta (Figura 13):

Figura 13: Questão da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora

2.2 POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS OU DAS HIPÓTESES

As sendas por onde caminho foram abertas na Festa de Senhor de Huanca¹² quando vi as famílias construindo suas casinhas com pedras¹³ (Figura 15). As casinhas de pedra representam a materialização dos desejos – que poderão ser animados com vida pelos deuses –, aquilo que dá sentido à vida e, observar tal movimento me permitiu refletir e elaborar as hipóteses (Figura 14) que orientam esta pesquisa:

¹² Festa que acontece no “Santuário Sr. de Huanca de Campanayoc” do distrito e província de Andahuaylas. Senhor de Huanca representa Jesus Cristo sangrando pelas chicotadas recebidas, que se apresenta a um humilde camponês em fuga por ter defendido um indígena que era castigado por um espanhol.

¹³ Um vídeo disponível no Youtube mostra as famílias indo ao santuário e também construindo suas casinhas. É possível acessar no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=LR3BawznYQQ>

Figura 14: Hipóteses da pesquisa

- *O esvaziamento de sentidos pode estar relacionado aos significados que atribuímos ao conceito de tempo;*
- *Somos reféns de uma roda hedônica de consumo porque compreendemos o vazio existencial como algo a ser preenchido com relativa urgência e, na ânsia de preenchê-lo, o fazemos pelo excesso;*
- *Aprendemos a excluir e negar o prazer pois dele derivam todos os males e, por ser de nossa natureza buscá-lo, o fazemos por vias compensatórias;*
- *A compreensão dicotômica de indivíduo e sociedade, exalta uma em detrimento da outra, colocando-as em lugares divergentes e não complementares, sendo este um entrave ao sentimento de ser-com-o-outro.*

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 15: Festa de Senhor de Huanca

Arquivo pessoal (2019)

Compreendo que não se trata de preencher o vazio com a satisfação dos desejos, em uma roda hedônica, como sinônimo de felicidade, um dos motivos para o consumismo como instrumento de satisfação, mas de (re)interpretar o significado que foi atribuído à felicidade, na relação estabelecida com o tempo.

2.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.3.1. Objetivo geral

Esta pesquisa tem por objetivo geral investigar como o conceito de felicidade em Epicuro pode contribuir para repensarmos o consumismo, que se apresenta como mecanismo de compensação, tendo em vista a qualidade de vida ambiental.

2.3.2 Objetivos específicos

Esta pesquisa se orienta por três objetivos específicos, que são desenvolvidos ao longo dos textos, em diálogo com as hipóteses, na direção da tese:

1. Compreender o conceito de felicidade em Epicuro;
2. Identificar elementos da felicidade para Epicuro que contribuam para a superação dos mecanismos que alimentam a roda hedônica do consumo;
3. Identificar caminhos para uma Educação Ambiental que contribua para a felicidade, na concepção epicurista.

2.4 TESE

Esta pesquisa se direciona no sentido da **tese** de que:

Figura 16: Tese

a Educação Ambiental pode valer-se dos ensinamentos de Epicuro no que diz respeito à felicidade e, por consequência à ética, compreendendo a necessidade de a Educação Ambiental ser integradora, articulando-se como elo das diferentes correntes, reivindicando a presença e a consciência e, que se orientando, especialmente, pelas ausências, tenha condições de olhar, compreender e conhecer, transformando os espaços vazios em possibilidades articuladas ao tempo e à condição humana de Ser Mais.

Fonte: Elaborado pela autora

2.5 DA METODOLOGIA

Esta pesquisa situa-se entre o vivido e o bibliográfico. O vivido, na medida em que faço uso de um Diário de Itinerâncias, onde procurei registrar os caminhos que percorri e, desde onde minha existência se faz mundo. E é bibliográfica, na medida que lanço mão dos arquivos onde estão os conhecimentos, que me permitem compreender o que foi observado dos fenômenos.

O Diário, como registro do dia a dia, onde, como autora estou, também, sujeita à pesquisa, escrito em fragmentos, explorando a complexidade do ser, por sua transversalidade temática, destinado a todas as pessoas que o desejarem ler. Assim descrito por Remi Hess (2016), este diário, ainda que possa ser dito de pesquisa, vale-se de registros para que não me escapem as sensações, mais do que as palavras.

Vale-se de uma perspectiva fenomenológica hermenêutica e se manifesta a partir de uma abordagem qualitativa.

Utilizo do que considero uma possibilidade metodológica, apresentando elementos estruturantes que emergem de categorias inspiradas no vivido e na interpretação do conhecimento como categoria de vida para o povo andino, especificamente da região de Andahuaylas, no Peru, onde participei de aulas de Filosofia da Educação na Universidad Jose Maria Arguedas.

Identifico, nestes elementos, uma possibilidade metodológica como contribuição à uma ontoepistemologia ambiental: olhar, compreender e conhecer. Estarão melhor detalhados em capítulo próprio.

2.6 POR QUE PESQUISAR OU DA JUSTIFICATIVA

Foram longas e prazerosas as conversas que me trouxeram elementos para um porto de partida, navegando, inclusive, pela internet, à procura da felicidade. Me interessava saber por onde caminham as pessoas que a buscam. Confirmei que felicidade pode ser um bem que se compra e vende, e me chamou especial atenção o anúncio de um curso intitulado “Estética e Felicidade”, que anunciava que esta é a “principal motivação do consumo”.

A Felicidade Interna Bruta (FIB), indicador desenvolvido no Butão, figura nas buscas com a palavra felicidade, e chama a atenção por se apresentar como um indicador sistêmico que explora outras dimensões do desenvolvimento, além das metas econômicas. Descritas em nove dimensões, incluem-se indicadores que estão relacionados, também, ao Meio Ambiente.

O Butão é um país pequeno, que faz fronteira com a China e com a Índia. O Budismo é a religião oficial e o país iniciou um processo de abertura econômica e mudanças políticas na década de 1970. As escolhas feitas pelo então monarca do Butão, Jigme Singye Wangchuc, também tinham como objetivo evitar uma possível ocidentalização do país, preservando, inclusive, a integridade espiritual da nação.

Matéria do G1, de 29 de janeiro de 2018, a FIB foi tema de entrevista com uma brasileira, que tendo viajado ao Butão para conhecer, decidiu permanecer no país, como professora. A jornalista apresenta tópicos da entrevista que chama de “Desconstruindo a Felicidade Interna Bruta, medida de riqueza do Butão”.

A entrevistada, Kalinka Susin¹⁴, que alguns meses depois teve a oportunidade de conversar por intermédio de um artista de Rio Grande, refere que tinha a expectativa de que “ia encontrar no Butão um projeto mais avançado, funcional, reflexivo, de instituições funcionando para colocar um desenvolvimento em prática que pudesse beneficiar as pessoas do pé da pirâmide.”

Ela explica que suas expectativas tinham relação com a medida da riqueza quando é, na verdade, um projeto de desenvolvimento que tem por fundamentos os valores que a população do Butão já tem, sendo o mais marcante o senso de coletividade, onde a noção de família é estendida à comunidade e, não limitada a um núcleo.

Na leitura de Kalinka, naquele momento, ainda era necessário alinhar o desenvolvimento econômico aos índices de Felicidade Interna Bruta. Tal observação nos leva a pensar sobre o sentido atribuído à palavra “desenvolvimento” e como o saber econômico se encerra em si mesmo (MORIN, 2003a).

Também importante o questionamento quanto aos limites de compreensão de alguém que viveu uma vida inteira no ocidente: Qual o limite do horizonte compreensivo da pesquisadora, uma vez que a “situação hermenêutica é limitada pelo que conhecemos e vemos, conseqüentemente, pelo horizonte em que nos encontramos”? (SARAÇÕL; DOLCI; PEREIRA, 2012, p. 121)

Entre as questões que moveram os movimentos iniciais, destaco as que movimentaram maiores inquietações e me levaram a esta pesquisa: Como uma das principais preocupações humanas pode contribuir para os fundamentos da Educação Ambiental (EA)? Há, na busca pela Felicidade, pistas que possam nos orientar quanto a uma epistemologia e ontologia de esperança de novo fôlego à EA, enquanto possibilidade de transformação individual e, por irradiação, social?

A justificativa para esta pesquisa se alicerça na constatação de que: (1) Ainda que a filosofia e a Educação Ambiental tenham caminhado muito próximas em pesquisas recentes, o campo da EA ainda se assenta na busca de seus referenciais, visto que é um campo de pesquisa relativamente novo, se comparado à filosofia ou até, à ecologia, com

¹⁴Na época da entrevista exercia função de professora do Royal Thimphu College, do Butão.

quem, inicialmente, esteve completamente associada. Por esta razão, os aportes filosóficos ainda carecem de aprofundamento e de alcance entre os(as) educadores(as) ambientais. (2) Também a carência de pesquisas que estabeleçam diálogos entre a Felicidade, a Educação Ambiental e a Filosofia clássica e (3) a necessidade de refletir acerca de uma ontoepistemologia ambiental, que ofereça elementos para uma Educação Ambiental integradora e transformadora.

Ocupo o lugar de quem está sob a ideia da busca pela felicidade – ou de quem a encontrou e precisa dizer dela o que é -, de quem está em meio e permanece junto dos homens e mulheres que empreendem tal busca, e nela colocam os sentidos de sua existência, em uma casa de vida compartilhada. Pergunto-me se seria possível, neste interesse, vestir-nos da quinta pele descrita por Hundertwasser: a consciência planetária e, assim, contribuir para redefinir o espaço do humano no cosmos (PEREIRA, 2016)?

A questão se levanta a partir da compreensão de que a felicidade não é um bem individual, de posse exclusiva, que se dá em um corpo isolado e intocado. Pesquisas recentes mostram, inclusive, o contrário, afirmando que pessoas felizes são mais sociáveis e que, seu estado de bem-estar interfere na sua produtividade. Não é objetivo desta pesquisa discutir tais estudos, porém, considere importante citar sua existência, não apenas para anunciar que, embora a felicidade se manifeste no indivíduo, ela também tem um caráter social, mas, também, para evitar cair na armadilha de que a felicidade se torne uma sentença padronizada.

Isto significaria render esta pesquisa aos interesses de mercado, que se valem do ideal de felicidade para manter a chama de sua busca acesa. E, este pode ser o “problema da felicidade”, considerá-la a busca única dos seres humanos. Portanto, para além dos aspectos singulares do indivíduo, há que se pensar nos acontecimentos e mudanças na sociedade, incluindo-se os modos de controle do mercado (capitalismo e socialismo). No entanto, quanto a esta dimensão social, muitas reflexões têm sido feitas, a partir e, com pesquisas, em Educação Ambiental, de maneira que aproveite das aprendizagens já anunciadas para recuperar a necessidade de superação do dualismo contratual, que se enreda na ordem social, política e econômica e, como manifestação da dimensão psicológica, passa por alterar a realidade planejada estabelecida pela modernidade. Para Morin (2003),

Tudo que é somente econômico, como tudo que é somente tecnológico, é bárbaro e civilizador na mesma proporção e deve ser integrado e

subordinado à política do homem. [...] É preciso, portanto, ao mesmo tempo em que se resiste no imediato contra as formas abjetas da dominação, da servidão e da exploração, encaminhar a grande aspiração ao empreendimento de hominização, em profundidade e de longa duração, sem esquecer que os piores aspectos e potencialidades do ser humano e das relações sociais jamais serão abolidos mas deverão permanentemente ser contidos, controlados, e mais: auto-controlados (MORIN, 2003a, p. 103).

Para Edgar Morin, “a política econômica é a mais incapaz de perceber o que não é quantificável, ou seja, as paixões e necessidades humanas” (2003b, p. 16) e estas não serão abolidas. Talvez, no mundo distópico de Aldous Huxley, estes aspectos estivessem sob controle, no entanto, em uma versão mais recente (1946) e distribuída digitalmente, de sua obra Admirável Mundo Novo, o autor referiu que, acaso reescrevesse o livro, apenas uma mudança seria considerada, que contribuiria para um aprofundamento nos aspectos das condutas humanas. Desprovendo-se de remorso pelos erros cometidos, ofereceria ao Selvagem uma terceira alternativa, reconhecendo que, com um dilema de duas pontas (a vida utópica ou a vida primitiva), não lhe permitiu a escolha pela sanidade de espírito.

Ainda que se trate de uma obra de ficção, Huxley refere que, desta maneira permitiria uma inteireza artística e filosófica, uma vez que sua obra pretendeu mostrar que a verdadeira revolução se dá pelo que chamou de ciências da vida, e acontecerá no interior das pessoas.

Ao alimentar tal dualismo, é oferecido reforço para a manutenção de padrões que se estabelecem como parâmetros de perfeição, de aceitação, de bem-estar e, por consequência, de felicidade. Assim, o bonito é apenas o contrário de feio e não uma construção cultural e social.

Os hábitos de vida da modernidade se convertem em inflamações silenciosas, que se manifestam em expressões de raiva, ódio, violência, impaciência e intolerância. A Organização Mundial da Saúde alertava desde 2014 para a depressão, e anunciava que esta seria reconhecida, em 2020, como um problema de saúde pública.

A questão é que temos conhecido os grandes males, estamos sendo avisados das dificuldades, no entanto, a sensação que nos toma é de impotência, incapacidade de fazer a curva e tomar outro caminho. Há que se considerar que há a quem interesse que sejam estas as manifestações das emoções e que, assim manifestadas, elas servem a propósitos de controle, pois são boas distrações e, ainda, funcionam como termômetros pois sinalizam descontentamentos que precisam ser acalentados. Consideremos que, novos

sistemas totalitários, de controle e poder, já não podem – e não se interessam – em fazer uso de um controle físico que exige opressão e coação. O controle mais eficiente pode ser instaurado pela satisfação dos desejos, a oferta de prazer e a servil aceitação da realidade pois, uma vez que tudo o que se necessita esteja sendo providenciado, não há motivos para rebeldias e, no caso de existirem, são insanidades e ignorâncias que, inclusive, colocam em risco a vida da sociedade e, a própria sociedade agirá para eliminá-la.

Compreender tais questões, como se originam e se consolidam, se mostra como necessário para que as pessoas encontrem os caminhos, para realizar seu próprio destino, para que vivam sua vida plenamente. Esta é, para o campo da Educação Ambiental, uma questão ontológica, um desafio que se apresenta nos horizontes, muitas vezes encobertos pelas nuvens de fumaça produzidas pelas chamas dos excessos.

Políticas públicas podem garantir – ou pelo menos deveriam – que não ocorram privações. No entanto, evocando as palavras de Epicuro, considero prudente recordar que “a justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano” (EPICURO, 2006, p. 111) e tais pactos são consolidados em relações, não em taboas escritas e que “as leis existem para os sábios, não para impedir que cometam, mas para impedir que recebam injustiça” (Op. Cit. p. 113)

Temos buscado a cura para as doenças e para os males do mundo, tentamos enganar a morte e esticar a vida, desenvolvendo técnicas e medicamentos, promulgando leis e ordenando condutas. No entanto, velhas maneiras de morrer e matar se vestem de novas roupagens e permanecem ativas. De acordo com a Organização Pan Americana de Saúde, cerca de 52% das mortes em países de baixa renda, no ano de 2016, foram causadas por “doenças transmissíveis, causas maternas, condições decorrentes da gravidez e parto e deficiências nutricionais”. Um índice que contrasta com as menos de 7% das mortes ocorridas em países de alta renda, pelas mesmas causas. No entanto, nas últimas décadas se observa um aumento significativo de mortes por doenças originadas no hábito.

Doenças não transmissíveis, como cardiopatias, acidente vascular cerebral, Alzheimer, câncer de pulmões, traqueia e brônquios, acidentes de trânsito e demências causaram 71% das mortes em todo o mundo, observando-se um índice de 37% nos países de baixa renda e 88% nos países de alta renda.

No Brasil, a taxa de feminicídio figura entre as mais altas do mundo, só para citar uma das maneiras de matar mais reconhecida, uma vez que usa de violência, diferente da desnutrição que, com origem na fome, não é interpretada como uma maneira de matar, ainda provoca mortes em todo o mundo e figura ao lado da obesidade como um problema que atinge o indivíduo ainda na primeira infância. As mortes pela fome são creditadas ao baixo desenvolvimento econômico, no entanto, a maioria das mortes (71% do total de mortes) está relacionada a males provocados não pela carência de alimento, mas pelo excesso de alimentos e hábitos inadequados e se concentram em populações com bom ou alto índice de desenvolvimento econômico.

O hábito pode se apresentar como inimigo, tanto da medicina quanto da justiça, e é nos hábitos que a atenção precisa ser concentrada. Não há medicamento que ensine as pessoas a se alimentarem melhor, assim como não há lei que impeça a violência doméstica de acontecer. Tanto o medicamento quanto a lei são mecanismos de compensação e exclusão, e avançar passa, obrigatoriamente, por observar o que foi excluído, identificar as ausências e escutar os silêncios.

2.7 ESTADO DA QUESTÃO

Dediquei um tempo ao Estado da Questão que, de acordo com Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e Jacques Therrien (2004), tem por finalidade “registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance” (2004, p. 7), como caminho para conhecer as pesquisas científicas sobre o tema em investigação: a Felicidade em relação com a Educação Ambiental.

Nas buscas, no Banco de Dissertações e Teses da Capes, com as palavras “estética”, “felicidade” e “educação ambiental”, encontrei em 9.393 pesquisas, realizadas no período de 2013 a 2019. Com este número expressivo de trabalhos, refinei a busca para Dissertações e Teses, na Grande Área de Ciências Humanas e Multidisciplinar, Área do Conhecimento: Antropologia; Epistemologia; Filosofia; Interdisciplinar; Psicologia; Psicologia Social; Sociologia e Ética, que resultou em 1.141 trabalhos.

Ainda um resultado expressivo. Iniciada a leitura dos títulos, em busca de pistas do conteúdo que buscava: a relação entre a felicidade e a educação ambiental, organizei alguns títulos (17 dissertações e 10 teses) em uma planilha de revisão bibliográfica, após

a leitura dos resumos das pesquisas, destacando aspectos que se constituíram como questões orientadoras para pensar o projeto de tese. De todos os trabalhos selecionados, nenhum tinha como objetivo uma discussão que contemplasse a relação entre a felicidade – independente da perspectiva assumida no trabalho – e os fundamentos da Educação Ambiental.

Duas dissertações, sendo uma da área do conhecimento da Filosofia e outra da Sociologia (2015 e 2014, respectivamente) apresentaram uma discussão entre felicidade e consumo. A pesquisa *Tempos hipermodernos: felicidade e consumo em Gilles Lipovetsky*, tem como tema central a reflexão do filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944_ acerca da felicidade e do consumo com o objetivo de discutir esta relação nos tempos “hipermodernos”, como definido pelo filósofo, enquanto a dissertação *Consumismo, compulsão e felicidade: a representação social da felicidade nas práticas de consumo compulsivo* buscou compreender a ideia de felicidade associada a práticas de consumo compulsivo em um grupo de mulheres consumidoras compulsivas em João Pessoa (PB) e Natal (RN).

Outros trabalhos na área da Filosofia apresentavam reflexões acerca do conceito de felicidade ou o seu (suposto) oposto, o mal-estar, em diferentes autores, como Freud, Marcuse, Leibniz, Descartes, Kant, Abu Nasr Al-Farabi, Bauman, Sêneca, Aristóteles, Platão.

Na área da psicologia e sociologia, os temas em diálogo com a felicidade se encontram com as relações humanas, o consumo de medicamentos e a literacia financeira. A felicidade como objeto de pesquisa foi o tema da tese *Felicidade: Utopia, pluralidade e política. A delimitação da felicidade enquanto objeto para a ciência*, da área da Psicologia Social.

Nesta busca, apenas uma dissertação apresentava como objetivo compreender os fundamentos históricos e filosóficos que ensejaram Epicuro a formular sua doutrina de pensamento: *O conceito de liberdade em Epicuro: fundamentos e lições de uma filosofia emancipadora*.

Realizei uma segunda busca, apenas por “felicidade” em teses e dissertações, entre os anos de 2013 e 2019, excluindo as áreas já pesquisadas e 487 trabalhos foram apontados.

Nesta nova busca, foram apontados trabalhos de diferentes áreas, inclusive das Ciências Odontológicas, relacionando a maloclusão e a saúde bucal a um impacto

negativo na qualidade de vida e, conseqüentemente, no grau de felicidade. Foram localizadas, ainda, pesquisas com o objetivo de conhecer a percepção de felicidade, ou bem estar, de trabalhadores de diferentes áreas, como saúde e educação e pessoas em privação de liberdade.

A felicidade se insere como tema principal em diferentes áreas do conhecimento. É possível encontrar, entre estes trabalhos, reflexões e discussões articuladas com envelhecimento, espiritualidade, aquisição de carro zero quilômetro, agronegócio, felicidade em condições de doenças crônicas, alimentação, imagem. Também encontrei trabalhos que pesquisam a violência, especialmente contra a mulher, a infância, a morte, o envelhecimento, a maternidade, os livros de Clarice Lispector, as cidades, a autoimagem, o corpo ideal, a adolescência, superendividamento, o ato de presentear com chocolates, comportamentos do consumidor, turismo, moda *plus size*, o direito à felicidade, avaliação da gestão pública acerca do nível de felicidade de uma população. Todos estes temas em interlocução com a felicidade me ofereceram pistas de caminhos a trilhar, que, mais tarde, descobri, seriam trilhas em montanhas.

Como movimento inicial das discussões acerca da felicidade e de suas interlocuções com os Fundamentos em EA, busco compreender a felicidade para Epicuro, com alguns breves diálogos com estudos da psicologia, psicanálise, sociologia e saberes milenares, como da Ayurveda e dos sistemas de conhecimentos dos povos andinos.

Neste exercício de pesquisa procurei estabelecer um diálogo hermenêutico com aspectos do humano que consideram suas múltiplas dimensões que, nas aprendizagens de Vilmar Pereira (2016), são traduzidas na crise de sentido de um ser biopsicossocioambiespiritual e que, para Paulo Freire, trata-se de um processo de humanizar-se, emergindo como sujeito da história, se constituindo como um ser de práxis.

E, nos devaneios de minha condição humana, com o propósito de contribuir nos movimentos de cura deste planeta adoecido, encontro-me diante das inúmeras possibilidades de caminhos e respostas, que se elaboram em um tempo e, com ele, tem a necessária intimidade.

Reconheço na obra do artista austríaco Hundertwasser as cinco peles que também me constituem. Peles onde estão as marcas de meus modos de ser-no-mundo. Neste momento, escolho limitar minhas reflexões na primeira pele, a epiderme: o corpo onde se manifestam e se encontram a sensibilidade, a nutrição, a expressão. Um corpo dominado, desencorajado, silenciado em sua verdade e em sua força vital, adormecido na

inconsciência e ilusões oferecidas de verdades ilusórias e temporárias, acorrentado por dogmas e crenças, que se move distraidamente pela vida. Este, que na impossibilidade de expressar seu sofrimento ou até impossibilitado de senti-lo, o traduz em violentas e descartáveis relações.

Relações de objetificação onde o outro – seja, ou não, humano – tem seu valor estabelecido pelo desejo de consumo. A tudo é possível consumir (BAUMAN, 2008), inclusive a imagem, a espiritualidade, a informação e o suposto conhecimento. A tudo é possível estabelecer padrões, em uma estética equivocada, banalizada e mercantilizada.

E, por que discorrer sobre as questões que me ocupam em pensar e sentir, confidenciar a transmutação necessária e latente para, sem aviso, explorar o corpo e sua (im)possibilidade de se mostrar? Porque é nestes atravessamentos corpóreos que encontro pouso e me inquieto. É o corpo que experencia os acontecimentos e é nele que são ressignificadas (ou não) tais experiências. É ele, o corpo, quem nos coloca na experiência da vida terrena, na materialidade da existência e onde a dor, a fome, o contentamento, encontram parada.

Reconheço que esta pesquisa não é como caminhar em planícies, por estradas retas e planas. É, como anunciei anteriormente, um exercício de subir montanhas (Figura 17), circulando por sua volta, procurando o caminho, parando para recuperar o oxigênio que diminui a cada passo, tateando com os pés em busca de solo firme e com as mãos em busca de apoio, olhando para o céu para buscar estrelas de orientação. Por alguns momentos, no encontro com a dúvida, o medo de que não será possível, mas esta parece ser a voz que aprendemos a ouvir, a voz das crenças que nos limitam e sufocam nossa própria voz interior. Por alguns momentos, sentimos que não há fôlego para a subida, que estamos sós, vamos ficando para trás e sabemos que não chegaremos ao topo no tempo exigido.

Quando chegar, é provável que os melhores lugares já estejam ocupados, as fotos do grupo que subia junto já tenham sido tiradas e as explicações sobre as belezas e curiosidades do local já tenham sido narradas. Mas, é no que ocorre pelo tempo da subida que concentro meus esforços: a paisagem, a respiração, a textura das folhas, a aridez do solo, o calor do sol, as batidas de meu próprio coração, e tudo o mais que meus sentidos possam captar no silêncio que habita meu ser.

Figura 17: Subir montanhas, encontrar caminhos



Fonte: Arquivo pessoal (Andes peruanos)

3 TERRA: A ESTRUTURA QUE SUSTENTA OS CORPOS OU DOS FUNDAMENTOS QUE ORIENTAM A PESQUISA

É necessário que nos entendamos com as coisas do nosso tempo, quer seja para lhes fazer afetas, quer seja para contestá-las e, até, negá-las. A grande questão de existir passa por estar presente na vida em que se vive, escolhendo os caminhos a seguir. Na pesquisa, é necessário escolher os aportes teóricos, uma sustentação para o que se deseja comunicar e, em geral, é onde se situam a maioria das críticas, incluindo-se, a desmoralização total da pesquisa.

Ainda que seja uma escolha cuidadosa, há o risco de que o amparo teórico de diferentes autores e autoras se torne a conhecida – e temida – “salada epistemológica”. Assim como alimentos que não combinam e que, juntos podem contribuir para o aumento de toxinas no corpo, no lugar de contribuir para que se torne cada vez mais saudável e, portanto, feliz, um diálogo entre teóricos e suas teorias podem ser como o veneno é para a serpente: apenas em contato com outro organismo terá efeito tóxico.

No entanto, ainda é necessário considerar a quem se destina a combinação de alimentos: nem todos os corpos estão prontos para receber as mesmas alquimias. Também não estão todos prontos para receber o que a palavra da pesquisa deseja comunicar e esta não é uma constatação deste tempo. Assim como, também, é necessário considerar que a pesquisa talvez não esteja pronta para oferecer as combinações que nutrem e agradam ao paladar dos que a leiam, afinal, ela prepara a refeição para seu próprio gosto, dentro de seu tempo e condições disponíveis. Vislumbrando seus objetivos, a(o) pesquisador(a) faz escolhas e, neste sentido, recorro a uma afirmação de Epicuro:

prefiro praticar a sinceridade em minhas investigações e assim proclamar o que convém a todas as pessoas, ainda que ninguém venha a me compreender, do que conformar-me com as opiniões do vulgo e assim granjear o elogio que flui aos rodos da multidão. (Sentenças Vaticanas 29)

Além disso, há que se observar que nem sempre os caminhos estão corretos, de maneira que, por vezes, algo acertado pode ser conduzido por caminhos que não os melhores. Por esta razão, um(a) leitor(a) é tão autor(a) quanto o(a) próprio (a) pesquisador(a). Ao ler, atribuirá significados e, não há, para mim, pesquisadora, a possibilidade de promover, naqueles que leem, os sentidos e os significados que meus próprios escritos produziram em mim.

O mesmo pode ser dito das minhas interpretações dos autores e autoras, assim como das pessoas a quem consultei. Assumo o risco de ter levado Epicuro, o filósofo que escolhi para dialogar, a um lugar onde ele talvez não tivesse tido a intenção de chegar, pois, ao ler sua presença, talvez não tenha tido habilidade suficiente para identificar suas ausências: o que o não dito poderia ter-nos dito sobre a felicidade?

Nos estudos da *Ayurveda*¹⁵, é possível compreender que não somos aquilo que comemos, mas aquilo que digerimos ou não digerimos, e esta não é uma referência apenas aos alimentos. Digerimos informações, sentimentos, sensações, de maneira que, na mesma medida que somente podemos digerir daquilo a que somos expostos e, por esta razão, não há garantias de que seremos nutridos por aquilo que ofertamos aos nossos sentidos.

No caso dos alimentos, é necessário que o *jataragni*¹⁶ – fogo digestivo – esteja equilibrado e ativo para que possamos aproveitar todos os atributos do que foi ingerido. Portanto, alimentação saudável não é, necessariamente, sinônimo de vida saudável. O mesmo acontece com nossos pensamentos e as compreensões que elaboramos. Se mal-nutridos, os pensamentos produzirão compreensões – o contrário também opera – embotadas e equivocadas.

Os pensamentos são da ordem sutil, da mesma que fazem parte as emoções e as sensações – ainda que possamos encontrar quem insista na separação entre razão e emoção como opostos não complementares – e, são, portanto, elaborados em um corpo, a partir de referenciais construídos e elaborados durante a vida. Isto faz deles, ainda que se encontrem no plano da razão, elementos subjetivos da pesquisa. Sobre isto, Epicuro assinala que:

No princípio de tudo, porém, encontra-se a razão, o maior dos nossos bens. Dela resultam por si só todas as outras virtudes; na verdade, é mais valiosa ainda do que a filosofia, porque nos ensina que é impossível viver prazerosamente, sem que se viva uma vida cheia de razão, posta num nível de moral e justiça, mas que, pelo contrário, também não é possível viver uma vida cheia de razão, posta num alto nível de moral e de justiça, sem que se esteja vivendo prazerosamente. Pois as virtudes estão intimamente ligadas à vida venturosa, e não se pode separar uma das outras. (EPICURO, 2007, p. 42)

Para Epicuro, a razão é um grande bem, no entanto, ela não é garantia de uma vida

¹⁵ Sistema de medicina milenar indiano.

¹⁶ O *agni* pode ser compreendido como nosso fogo vital, a energia que nos movimenta na vida.

venturosa se não estiver associada a outras virtudes e, uma delas, se insere na dimensão sensível do prazer. A razão é, para o filósofo, o que permitirá elaborar aquilo que só acessível aos sentidos.

Os referenciais que nos acompanham contribuem para atribuímos sentidos e significados àquilo com o que estabelecemos contato, seja uma leitura, uma observação ou um toque. É a energia que movimenta nossa vida que possibilitará (ou não), maior ou menor nutrição das ideias que serão emancipadas em nossas mentes. Quando cristalizados, tais referenciais inviabilizam o diálogo, uma vez que o indivíduo se encontra em um estado programado e encerrado em si mesmo.

Nesta pesquisa, me compreendo como uma aprendiz, uma caminhante da vida, que busca ligar os pontos onde, a princípio, eles pareçam dançar sem qualquer intenção de se deixarem conectar. Identifico no conceito de felicidade para Epicuro – embora compreenda que ele não tenha elaborado um conceito em si, mas oferecido pistas em sua doutrina da ética, para que caminhantes da filosofia o elaborassem em suas próprias vidas – um ponto no cosmos filosófico para dar os primeiros passos.

Eu poderia dizer que, caminhar com Epicuro, é estar em meio à floresta, de onde se pode observar as belezas de uma vida nos jardins verdes e exuberantes, abrindo-se para a tranquilidade do mar, em uma atmosfera alegre e uniforme, como o próprio filósofo costumou comparar.

Nos Andes peruanos, caminhei protegida pelos apus¹⁷ (Figura 18), que, para Alfonsina Barrionuevo – escritora peruana –, podem ser explicadas como montanhas sagradas dos Andes que são como anjos e, uma vez que estamos próximos deles, não deixarão de nos proteger (Frase da autora escrita na parede de um restaurante às margens da estrada que liga o distrito de Cusco a Mollepata. Tradução livre).

¹⁷Apus são as altas montanhas, que parte do ano – algumas durante todo o ano – tem seus picos cobertos por neve. Na região de Cusco acontece a festa do Senhor dos Apus, que corre o risco de desaparecer em função da redução de neve ano a ano, provocada pela mudança climática.

Figura 18: Apus andinos

Fonte: Arquivo da autora (2019)

Nem sempre é possível traduzir em palavras aquilo que nos move e, talvez, para algumas coisas, ainda não criamos as palavras adequadas, especialmente para as coisas do espírito e, neste momento, na tentativa de se aproximar a palavra do vivido, uma estratégia que escolhi foram as metáforas. Uma dessas coisas, para qual ainda não identifique a existência de uma palavra, me indicou caminhos para Andahuaylas, nos Andes Peruanos. Talvez eu tenha seguido um *Peabiru*¹⁸ imaginário. E entendi que um projeto de tese vinha me acompanhando, em estado de dormência, desde 2015, quando conheci o professor Luis Felipe Mujica Bermudez ou, como prefere ser chamado, *Lucho*. Sua tese de doutorado em Antropologia ainda estava em elaboração, no ano em que ouvi sua apresentação no VII Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental, em Lima, Peru.

Em sua breve apresentação, pois assim são as apresentações em eventos científicos – salvo aqueles que tem o reconhecimento da comunidade científica e que são convidados a compartilhar seus saberes –, falou sobre o conhecimento, a relação dos andinos com a natureza e sua capacidade de observar os sinais que esta envia, seguida da interpretação e da antecipação ao que estes sinais representam.

¹⁸ Caminhos antigos utilizados por indígenas.

Escrevi em meu caderno de anotações: *crenças, não nos damos conta de toda a bagagem cognitiva* e, quatro anos depois, voltei a este caderno, o único com anotações de eventos que guardei, para buscar os contatos do professor pesquisador.

A pesquisa de *Lucho*, assim como nossas conversas, inspiraram elementos que apresento como o caminho metodológico desta pesquisa: olhar, compreender e conhecer. A aridez do clima, o ar rarefeito, o medo de estar em um lugar com costumes muito diferentes dos que aprendi a ter, a dificuldade de me alimentar – logo nos primeiros dias, adoeci –, o pouco dinheiro que levava comigo, a certeza de que iria morrer pela direção destemida dos motoristas dos taxis e coletivos¹⁹ me visitavam todos os dias e, somente algo que era maior do que eu mesma me fazia permanecer e seguir olhando, compreendendo e conhecendo, para ligar os pontos.

Se, para Epicuro, a felicidade somente seria possível com a saúde do corpo e a serenidade do espírito, para mim sempre pareceu impossível que, sem a referida saúde do corpo, se pudesse encontrar a suprema maneira de viver. E meus estudos anteriores, na saúde e nas terapias “alternativas”, incluindo a *Ayurveda*, se apresentaram como um ponto que, a princípio, parecia deslocado no espaço, mas que, pouco a pouco me ajudaram a compreender sentimentos e organizar pensamentos. As palavras deste antigo sistema de medicina estão presentes na tese, dialogando como possibilidades, que se encontram na lacuna da sutil ordem dos pensamentos e que vagueiam em busca de pouso seguro.

Gavina, companheira de *Lucho*, me contava, em um de nossos encontros, que na região da floresta de pedras²⁰, casa dos *Pitufos*, havia uma areia colorida (Figura 19). Ali seria possível observar várias cores, lado a lado, mas, curiosamente, ao pegar um pouco nas mãos, eu veria que as cores desapareceriam, restando apenas areia de cor única. Talvez Gavina, em sua sabedoria, sem ter a intenção, estivesse me alertando para o fato de que, ao querer tomar posse de algo belo, eu destruiria sua beleza e, assim, impediria outros de terem suas próprias experiências sensoriais.

¹⁹ A região tem alto índice de acidentes de trânsito em parte pela imprudência dos motoristas e em parte pela falta de atuação do poder público.

²⁰ Pampachiri é um “bosque de pedras” distante 480 km de Cusco, formado por erosões naturais e erupções vulcânicas que datam de 4 mil anos. O bosque lembra as casas de personagens conhecidos como pitufos ou smurfs, mas para os locais é o lugar de morada de goblins, seres sobrenaturais.

Figura 19: Montanha de cores

Fonte: Arquivo da autora (2019)

Todas as tardes eu caminhava pelas praças de Andahuaylas (próximas ao meu local de pouso haviam três) e duas coisas me chamavam atenção: todos os finais de tarde as pessoas saíam das confeitarias/padarias com um bolo – as vitrines eram sempre generosas – e jovens se reuniam para ensaiar danças típicas para apresentação. Vale dizer que a vitrine de bolos (Figura 20) era sempre um atrativo para mim, pois estavam sempre cheias e eram sempre frescos e coloridos. Eu gostava de pensar no prazer que sentiam aquelas famílias, que levavam os bolos para suas casas. Pensava em estar em casa, “passar” um café fresquinho e me sentar à mesa com minha mãe e minhas filhas, com a noite caindo lá fora, algumas luzes acesas, o som da TV ligada na “novela das 6” – que minha mãe sempre gostou de assistir –, mostrando que o dia estava encerrando.

Figura 20: As vitrines de bolos

Fonte: Arquivo da autora (2019)

Ao olhar para aquelas vitrines de bolos eu sentia um enorme conforto e isso me lembrava do costume de se oferecer água com açúcar a quem está nervoso(a), com dor ou passando por momento ruim. E, considerando que as medicinas (ancestrais e modernas) comprovam que o doce acalma e traz conforto, sem entrar na discussão do quanto o hábito de ingerir açúcar refinado pode trazer danos à saúde, mas reconhecendo seu poder de cura emocional, eu interpretava essa rotina de levar bolos para casa ao final do dia, como uma rotina de aconchego, de “voltar para casa”, não apenas no sentido literal, mas metafórico, de saber-se em seu lugar protegido.

No fundo, parece que a vida é simplesmente um ligar dos pontos, um punhado de areia colorida, que separada em grãos não se diferencia de qualquer outro tipo de areia. Pontos que, como eventos isolados, vão nos construindo e constituindo. Partes, aparentemente isoladas de nossas histórias, que vão produzindo os padrões de comportamento, que são incorporados ao que compreendemos ser nossa identidade.

Tendemos a separar os diferentes aspectos de nossas vidas como se fossem partes independentes, assumindo padrões de comportamento adequados ao local de trabalho, ao estar com a família, ao barzinho com amigos e vamos desempenhando os papéis com tamanha maestria que, por vezes, podemos esquecer quem somos e nos perdemos nas personagens.

Criamos gavetas, também, dentro de nós, acessando apenas aquilo que se mostra como necessário ou que tenhamos relativa segurança para acessar. E vamos vivendo

apenas o recorte que nos é permitido pelo (pouco) conhecimento que temos de quem somos na jornada.

Assim, aprendemos a enxergar o mundo e, para tudo que conhecemos, há uma caixa adequada. Uma caixa feita sob medida, que guarda todas as perguntas e respostas, uma caixa especialista do assunto. E, se não conseguimos conectar partes nossas, dificilmente conseguiremos conectar partes externas. Se estabelecemos pontos cegos dentro de nós mesmos, como poderemos enxergar os pontos que cintilam a nossa volta?

No cenário de esfacelamento e esquarteramento dos saberes, tais pontos cegos somente poderiam ser superados pelo diálogo, pelo estado de presença, pela escuta sensível e, este texto, poderia ser uma tentativa de desenhar um cenário possível, de cicatrização das fissuras que criaram tantos pontos-ilhas. Mas isto me parece já estar sendo feito por muitos colegas pesquisadores que escreveram – e escrevem – acerca dos horizontes possíveis.

Me ocupo de apresentar algumas questões que compreendo que se colocam como obstáculos à necessária conexão entre os pontos.

Compreendo que o conhecimento interdisciplinar se faz necessário em função da especialização fragmentadora e esfaceladora dos saberes, de maneira que, para compreendê-lo, é necessário compreender seu oposto, bem como os motivos pelos quais ele se apresenta “como uma espécie de panaceia vindo superar as estreitezas e a miopia do conhecimento disciplinar ou indisciplinado.” (JAPIASSU, 1994, p.1)

A Educação Ambiental é compreendida como um campo interdisciplinar e, como tal, vem buscando se constituir²¹. Neste sentido, a Política Nacional de Educação Ambiental anuncia, entre seus oito princípios, “o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade” (BRASIL, 1999).

Por esta razão, entendo ser necessário refletir acerca da interdisciplinaridade e sua necessária presença não somente nas práticas, como também na pesquisa em EA, de maneira a garantir uma escuta sensível, um discurso de presença e uma existência autêntica.

A interdisciplinaridade implica assim um processo de inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transborda e transcende o campo da pesquisa e do ensino no que se refere estritamente às disciplinas científicas e a suas possíveis articulações. Dessa maneira, o

²¹ Para compreender o processo de construção e constituição da Educação Ambiental é necessário conhecer alguns de seus documentos históricos.

termo interdisciplinaridade vem sendo usado como sinônimo e metáfora de toda interconexão e “colaboração” entre diversos campos do conhecimento e do saber dentro de projetos que envolvem tanto as diferentes disciplinas acadêmicas, como as práticas não científicas que incluem as instituições e atores sociais diversos. (LEFF, 2011, p. 311)

Garantir que tal princípio esteja presente nas pesquisas, exige de nós, que estejamos dispostos a abrir mão de nosso minifúndio de saber (JAPIASSU, 1994). Que consigamos ampliar nossos horizontes epistemológicos, ao ponto de ampliar nossas possibilidades de modificar padrões de comportamentos, que nos levam sempre ao mesmo lugar: a redução aos limites de nossos próprios domínios.

Na superação dos pontos-ilhas, é necessária uma disposição especial para

Aceitar confrontos de distintos pontos de vista que não utilizam nem os mesmos critérios nem os mesmos pressupostos. Porque, em última instância, essas decisões não decorrem tanto de conhecimentos, mas de opções éticas e políticas. Isto é muito importante, para que a interdisciplinaridade não se converta num mero instrumento de um poder tecnocrático fazendo as decisões dependerem unicamente de negociações entre “experts”, longe de qualquer debate democrático. (JAPIASSU, 1994, p. 2)

Como resultado deste debate, democrático por natureza, novas combinações permitem que novos – ou diferentes – saberes cheguem à superfície. É como o preparo de alimentos. Nas primeiras preparações quem cozinha tende a ser cuidadoso em seguir a receita, de maneira a garantir o resultado esperado. Mas, à medida que se aventura e se entrega à experiência, que conhece outros temperos e escuta, de outros, modos de preparo que costumam utilizar, que expõe suas dificuldades e se coloca à disposição de explorar os sabores e as texturas, os alimentos tendem a ser elaborados de maneira única. Cada prato torna-se uma experiência sensorial, brincando com aromas e sabores, nutrindo, inclusive, os pensamentos dos que se permitem experimentar.

Assim, um pirão de água²² acrescido de acompanhamentos, torna-se um prato *gourmet*, apreciado pelos paladares mais exigentes. Novas combinações, novos sabores e o(a) pesquisador(a) é como quem se aventura a cozinhar, combinando ingredientes novos e desconhecidos, buscando as melhores composições e harmonizações, onde um tempero realça sabores e outro facilita a digestão.

²² Prato popular no litoral norte de Santa Catarina, preparado com farinha de mandioca e água quente.

No entanto, ainda que o prato elaborado seja incrivelmente saboroso, é preciso estar atenta a outras possibilidades de como os mesmos ingredientes podem compor diferentes pratos, apenas alterando quantidades e proporções: não há receitas absolutas na cozinha, mude-se o cozinheiro, muda-se o resultado.

Busquei dialogar com diferentes saberes, que não apenas acadêmicos e disciplinares e, alguns destes saberes oferecem o colorido da pesquisa e convidam pelo olhar, outros oferecem sustentação teórica e justificam os motivos de sua criação e, há também, os que realçam os sabores.

3.1 DO OLHAR: TEMPO DE COMPREENDER OUTROS MUNDOS

Nesta pesquisa procurei pensar uma epistemologia da vida, o que me exigiu pensar em diálogo com a vida, com a existência e – talvez seja uma utopia própria dos que acreditam –, com as possibilidades de existência. Tendo tais epistemologias por horizonte, outras novas questões se manifestaram e me provocaram inquietações: Quais são, e existem, metodologias próprias da EA? Quais caminhos a pesquisa em EA percorre para encontrar suas respostas?

Tais inquietações nascem, especialmente, das inseguranças que se enraízam no pensar acadêmico, onde, ainda que muito já se tenha transformado, ainda evoca o certo e o errado, glorificando o primeiro e demonizando o segundo.

Na perspectiva de que o caminho se faz caminhando (FREIRE; HORTON, 2003), foi caminhando, das Ruínas de Sondor (Figura 21) em retorno à laguna Pacucha, na província de Andahuaylas, no Peru, que me recordei de todas as pessoas com quem conversei sobre meu interesse de pesquisa e como as conversas se desenrolaram.

E, como nas palavras poéticas de Antonio Machado, poeta sevilhano, estive fazendo o caminho.

Caminhante, tuas pegadas são o caminho, e nada mais; caminhante, não há caminho, ele se faz ao andar. Ao andar se faz o caminho e, ao olhar para trás, se vê as sendas²³ por onde nunca voltará a pisar. Caminhante, não há caminho senão, estrelas no mar²⁴[...] (MACHADO, 1983).

²³ Escolhi por manter a palavra senda na tradução, considerando sua etimologia do latim, *sēmita*, que pode ser traduzido como trilha, por compreender que são caminhos estreitos, cuja passagem deve ser feita por uma pessoa de cada vez.

²⁴ Caminante, son tus huellas el camino y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Al andar se hace camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar. Caminante no hay camino sino estelas en la mar [...] (MACHADO, 1983).

Tradução livre).

Figura 21: Caminho entre as Ruínas de Sondor e Laguna Pacucha



Fonte: Arquivo da autora (2019)

Pensava em como cada um, do seu jeito, tinha algo para falar sobre a felicidade. Lembrei de uma amiga, que dizia que bastava falar de meu tema de pesquisa que já fazia novos amigos e me dei conta que, ao dizer que pretendia pesquisar a felicidade, as pessoas falavam livremente ou, popularmente, “soltavam a língua”, de maneira que eu pouco falava depois de dizer a palavra “felicidade”:

O senhor da livraria Jose María Arguedas²⁵ (Figura 22) em Andahuaylas no Peru, que, tendo mudado de Lima há sete anos, doente pela depressão, e que por essa razão avisava ter gosto por conversar com as pessoas, dizia que não podia se sentir feliz quando gasta muito dinheiro. Quando gasta mais do que tem ou quando percebe que poderia ter guardado um pouco. E que, mesmo sabendo que isso o deixa infeliz, continua fazendo. E termina dizendo que faz coisas para não ser feliz e que precisa mudar. Me olhando fixamente disse que *tem que mudar porque dá para mudar, é só querer...* E esta afirmação ecoa em mim, dançando com as crenças depositadas sobre os méritos próprios, que se

²⁵ Nascido em Andahuaylas, foi um dos mais importantes escritores do Peru e um personagem ativo no movimento de releitura da estética indigenista nas artes peruanas, foi muito próximo de povos indígenas e aprendeu Quechua, tornando-se não apenas um tradutor do idioma, mas do modo de viver destes povos.

acreditam independentes de contextos sociais, culturais e emocionais.

Figura 22: Livraria Jose Maria Arguedas



Fonte: Arquivo da autora (2019)

E Raul, proprietário de uma *tienda* no Mercado Modelo, em Andahuaylas, que fala de como o governo (não) cuida de sua população. E compara o governo a um pai que planta batatas e vende a seu vizinho por 5 soles a saca e para seu filho a 20 soles.

Que um pai, não pode entregar o que tem de melhor a estranhos, e fazer seu filho pagar um preço maior que pagam os estranhos. E usou como exemplo o gás de cozinha, que é exportado por um valor inferior ao que é vendido ao povo peruano – os “filhos” deste governo – referindo-se a um Estado para quem a ciência e a tecnologia são prioridade e que se justificam por garantir melhor qualidade de vida à população. Um processo que “destrói gradualmente a vida individual concreta, para que a abstração do todo cumpra a sua precária existência, e o Estado mantém-se estranho aos seus cidadãos, uma vez que o sentimento nunca entra em contato com ele” (SCHILLER, 1994, p. 40).

Ou o senhor que podava árvores em Santa Maria de Chicmo que, quando perguntei se era ele que cuidava do parque, me respondeu que estava cuidando de seus ancestrais, as plantas. Do parque saí com a primeira foto (Figura 23) com as pessoas que vivem esse lugar e as *bendiciones* da *Señora* Marcelina.

Figura 23: Santa Maria de Chicmo

Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Não me agradava registrar imagens das pessoas, pois sentia como se estivesse invadindo seu tempo e espaço de vida, para capturar partes suas. Compreendo a importância dos estudos e pesquisas que objetivam explicar como vivem as pessoas, nos lugares em que fazem as coisas de suas vidas, com os instrumentos que manejam. No entanto, além de não ser o objetivo, naquele momento, na minha compreensão, este tipo de pesquisa exige um cuidado que vai muito além de uma autorização ou aprovação de um comitê de ética. Compreendo que falar por pessoas, para contar sua história, seja ela passada ou presente, exige uma intimidade com o tempo e o lugar que eu não tinha.

Ainda lembrava Rocio, a *señora* da *tienda* de oferendas a *Pachamama*, que me dizia que as pessoas não estão encontrando felicidade em estar com sua família, mas em ter dinheiro. E ela completa, acrescentando que dinheiro pode ajudar a conseguir coisas: com dinheiro se pode comprar uma torre ou o que sirva a seu sustento. Para ela as pessoas estão sempre querendo dinheiro – ao passo que a mesma abre um parêntese – para dizer que não está falando das pessoas que precisam de dinheiro porque lhes falta para viver. Mas fala das pessoas que tem o suficiente e sempre querem mais. E segue dizendo que os governantes não são políticos, são psicopatas, pois sabem que estão fazendo mal às pessoas e o fazem assim mesmo.

Rocio me fez pensar a quem caberia a revolução necessária, de superação do domínio do mercado e do dinheiro. Se uns estão ocupados demais tentando sobreviver e

outros emaranhados na ilusão de que detém o poder, perdidos em uma ética utilitarista e concentrados em ganhar mais dinheiro e, entre os dois, parece haver apenas um mediador, o Estado, que Rocio classificou como composto por psicopatas.

Ou, ainda, a *señora*, sentada no chão, em frente a um restaurante (Figura 24), na Laguna Pacucha (Figura 25), ainda em Andahuaylas, no Peru, que meu olhar adestrado apenas viu uma mulher sentada no chão e, em minhas referências de memória entendi que estaria pedindo dinheiro para comer, quando, na verdade, era ela quem me oferecia comida.

Figura 24: Restaurante na Laguna Pacucha



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 25: Laguna Pacucha



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Ou ainda, Professor Luiz Mujica, que se interessa em saber o que é a felicidade para os jovens de Andahuaylas e me dá pistas que acredita que a felicidade pode estar relacionada com a percepção de natureza que estes jovens têm.

E Maria, estudante da carreira de Educação da Universidade Jose Maria Arguedas, que, durante o tempo em que participei das aulas de Filosofia da Educação, na própria universidade, na turma do Professor Luiz, leu algumas coisas sobre o que seria a felicidade e me contava que concorda com a ideia de que estaria relacionada a um propósito de vida. *Não um projeto*, salientou ela, *porque um projeto de vida não é o mesmo que um propósito de vida*.

Um propósito é algo maior, que exige o alcance de objetivos de vários outros projetos ao longo da vida. E me perguntava como seria possível identificar um propósito de vida em uma sociedade da qual a temporalidade e o desejo foram apagados e se construiu uma existência de pressa e aceleração (BIRMAN, 2012).

Ou, ainda, as caminhadas na *Plaza de Armas*, onde observava as famílias, pessoas em grupo ou sozinhas, sentadas, conversando ou somente contemplando, me sinalizando que viviam outro tipo de relação com o tempo e que, quem sabe, estariam aproveitando melhor este tempo, vivendo melhor a vida (PEREIRA, 2016). Nesta praça (Figura 26) está a estátua de um condor sobre um touro (Figura 27).

Figura 26: Plaza de armas de Andahuaylas



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 27: Yawar fiesta²⁶



Fonte: Imagem registrada no museu de *los Chankas*, em Andahuaylas

Esta imagem representa a resistência do Chankas (uma nação do povo andino), habitantes da região, ao domínio espanhol. Os Chankas foram o último povo a ser dominado pelos Incas e, apesar de terem perdido o controle político sobre seus territórios, mantiveram aspectos sua cultura. Por esta razão, na região pouco se encontram de informações a respeito do que se convencionou chamar de império Inca. A memória dos Chankas é mais forte e permanece na característica dos descendentes: os homens tinham biotipo de guerreiros. Sua história me faz lembrar os indígenas Charrua, no sul do Brasil.

Considerando o princípio da diversidade individual e cultural, esta imagem, que representa a resistência em se deixar colonizar é, para mim, também, a imagem da necessidade de descolonizar. E isto foi algo que aprendi com as pessoas com quem convivi naquela região, onde entendi que o Peru vendido ao mundo não existe. Ele resiste. A romantização do estado das coisas: locais sagrados, vestimentas, a variedade de *papas* e *maiz*²⁷, as estampas dos tecidos, com seu colorido inconfundível, a folha de coca,

²⁶ Com a chegada dos espanhóis ocorre um choque cultural. Um ato que representa toda a complexidade dolorosa e, ao mesmo tempo festiva, da miscigenação e do andino, com significados quase religiosos, é Yawar Fiesta, ou "Festa do Sangue". De origem hispânica, é um espetáculo de touros que surge durante o vice-reinado no Peru, onde o condor representa o andino e o touro, o ocidental, simbolizando o domínio do mundo andino sobre o ocidental, incorporado à obra do escritor andahuaylino, Jose Maria Arguedas.

²⁷ Batatas e milho. Estima-se que são cultivadas mais de 1.000 (um mil) variedades diferentes de batatas nos Andes. Algumas delas são cultivadas em pequena quantidade, em locais específicos, tendo variedades

equivalem ao que fazemos no Brasil com os descendentes dos povos originários, ao explorar seu modo de ser e estar no mundo como um atrativo.

Tal romantização nos impede de ver as reais condições de vida dessas pessoas que são de carne e osso e, permanecemos na ilusão que se esconde por detrás de políticas de ação afirmativa para estes povos: Não somos capazes de compreender, aceitar e reverenciar a existência do outro, então precisamos de leis que lhes garantam o direito de ser quem são ou, no mínimo, de sobreviverem nas poucas referências de vida que lhes restam.

E, se alguém não pode exercer sua existência em plenitude, cumprindo seu propósito de vida, por estar em constantes distrações, sem saber se é o condor ou o touro, como poderá viver a condição de “não ter dores no âmbito físico e não sentir falta da serenidade no âmbito da alma” (EPICURO, 2006, p. 42)?

Encontro nesta imagem, também, a ideia do embate dos saberes: o velho e o novo, o antigo e o moderno, a força e a agilidade, a rigidez e a flexibilidade, a Europa e a América, o centro do mundo e as adjacências, em um constante encontro, onde uma se recusa a deixar-ser-com-a-outra.

E, por esta lembrança do vivido, considero oportuno apresentar uma jovem arqueóloga, Coral, que conheci próximo a Cusco, que recebeu de seus *abuelos* a tarefa de, partindo do que chama de sabedoria e conhecimento primordial, expressar o conhecimento que foi construído por seus ancestrais, na relação com a natureza.

Como de costume, no mundo andino, avôs e avós permanecem próximos de seus netos e netas e, com Coral, não foi diferente. Sempre próxima de sua *abuela* e seu *abuelo* aprendeu da cosmovisão andina e foi à universidade a pedido de seu avô, que considerava esta, a única maneira de fazer caminhos para que seus conhecimentos primordiais fossem considerados, pois, segundo ele, “uma arqueóloga tem um diploma de cientista e uma cientista tem autoridade para falar e será ouvida.”

E é a história de Coral, uma “caminhante da tradição”, que me convida a pensar nos muros criados pelas Universidades, nos limites e recortes impostos aos saberes que são elaborados em um tempo e lugar próprios. Os saberes construídos por seus ancestrais foram considerados por seus professores, durante a graduação, como crenças que não poderiam ser consideradas Ciência. E, conforme referiu Professor Luiz Mujica, sua

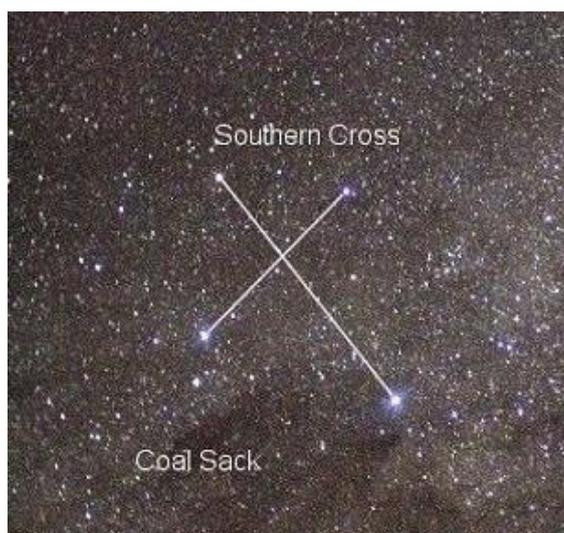
cultivadas apenas por uma família, e atendem apenas para o povo local. Na região de Andahuaylas é cultivada um tipo de batata, pequena e de casca escura, que costuma-se servir com queijo fresco.

bagagem cognitiva não foi reconhecida.

Coral contou sobre a *Chakana*, também conhecida como Cruz Andina, e o código de proporções sagradas de sua estrutura. A *Chakana* é uma representação da constelação do Cruzeiro do Sul – *Cruz del Sur* –, a mais importante no sistema de relações do mundo andino.

Representa o ponto de entrada para mundos paralelos e, assim como Coral, faço uso do desenho (Figura 28):

Figura 28: Cruzeiro do Sul

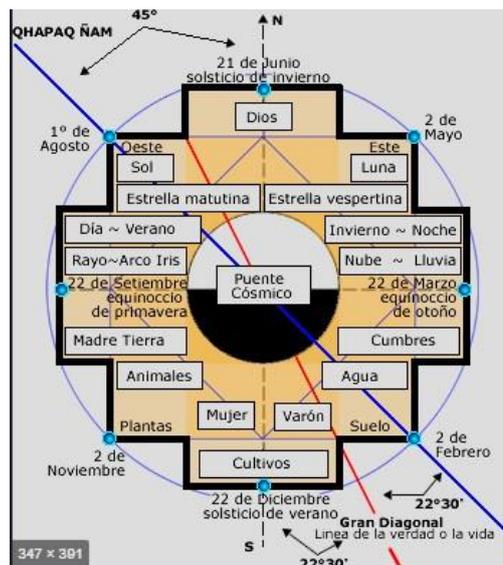


Fonte: <https://www.siteastronomia.com/wp-content/uploads/2014/02/cruzeiro-do-sul-crux.jpg>

Sob os olhos da Lhama (Estrelas Alfa e Beta Centauro), a *Cruz del Sur* é a ponte para o caminho através dos três mundos – o mundo inferior, a face da terra e o mundo superior – que com sua parte negra (*Coal Sack*) lembra aos humanos da dança da vida e da morte. Nos lembra que somos seres finitos nesta vida que conhecemos. Do centro da *Chakana*, onde há o espaço, surgiu a vida, que é sempre fogo e festa, um evento em constante transformação.

A *Chakana* é a representação de conceitos muito complexos: ao mesmo tempo que expressa a cosmovisão andina (saberes primordiais), é uma representação astronômica (saberes da Ciência), como mostra a Figura 29.

Figura 29: Chakana



Fonte: <http://sagradofeminino.saberes.org.br/>

Coral defende que não se trata de um sistema de crenças, uma vez que seus *abuelos* e *abuelas*²⁸ não criavam, mas sentiam, em um “sistema de relações” com *Pachamama*, com todos os seres, vivos e não vivos. Isto significa dizer que, para reproduzir a Cruzeiro do Sul em uma imagem, observaram sua transformação por anos, estação após estação.

Realizaram medições e cálculos que permitiram conhecer e compreender as razões e proporções dos braços maiores e menores, entre si e em relação à orientação Sul-Norte, revelando a geometria sagrada que envolve o valor de Pi e a Sequência de Fibonacci. Esta última, descrita por Leonardo Fibonacci, no final do século 12, nomeado como o primeiro grande matemático de sua época. Os saberes de Coral, elaborados por seus antepassados, foram nomeados por muitos de seus professores como não científicos e, portanto, não acadêmicos.

Não me parece possível gradear os saberes de Coral, que são os saberes compartilhados entre os caminhantes da tradição andina, e delimitar sua voz com excertos, analisá-los e explicá-los a partir de minhas próprias compreensões. Isto seria aceitar os limites impostos ao modo de fazer ciência de uma racionalidade ocidental e instrumental, que não alcança a dimensão vivida através da linguagem e da arte, que

²⁸Aqui, ao referir-se aos seus *abuelos*, Coral refere-se a toda sua ancestralidade.

confere a identidade de um povo. O olhar para o vivido por Coral dá-nos sinais de um viver que se plenifica, não mais na centralidade do consumo, do ter, da espera de uma felicidade futura ou perdido na intemporalidade, das respostas centradas na técnica, mas para um viver atemporal que, com uma sensibilidade para o todo, dá sentido de existência.

Com estes encontros, compreendi que pensar uma epistemologia da vida, exige pensar a própria vida, buscando elementos para a compreensão de uma ontoepistemologia ambiental. Elementos que orientam a metodologia desta pesquisa, que apresento – ainda que na primeira pessoa – como um movimento realizado a muitas mãos, pelas pessoas que, mesmo que por poucos instantes, caminharam comigo nas sendas por onde me aventurei, como sendo um caminho de pistas, um jogo de ludo, que muito me agradava na infância.

No jogo de ludo, um jogo de tabuleiro, poderiam jogar até quatro crianças de cada vez. Cada uma escolhia uma cor e a elas equivaliam quatro peças. Lançávamos os dois dados e o resultado da soma dos dois eram quantas casas poderíamos andar com uma peça de cada vez pelo tabuleiro. O objetivo era colocar as quatro peças dentro de suas casas. O problema era que, ao estar próximo, era preciso contar com a sorte para que os dados lhe oferecessem o número exato para entrar e permanecer na casa. Porque se fosse maior, você teria que entrar e não poderia permanecer: era necessário voltar tantas casas quantos fossem a contagem determinada pelos dados.

Ou seja, cada vez que estávamos perto de lograr êxito, havia a probabilidade de ter que voltar a algum ponto e refazer o caminho, de maneira que a sorte, nesta pesquisa, me parece ser o exercício de olhar e compreender, traduzir e devolver à existência mais do que pensar nela própria, a possibilidade de pensar a felicidade (ou seriam as felicidades?) para, assim, conhecer.

Em minhas curtas imersões em outras terras, não carreguei na mochila a necessidade de explicar o que observava, encapsular os modos de vida em minhas compreensões. O que procurei foi aprender a olhar, dentro, fora e para além de mim mesma e, na tentativa de alargar horizontes, me tornar uma caminhante do conhecimento.

Não desejava utilizar de aspectos parciais dos saberes que havia elaborado, mas permitir que saberes outros se mostrassem, em um exercício de silêncio interno que somente o esvaziamento dos julgamentos pode permitir. E, com este esvaziamento, foi possível criar espaços para que novos saberes encontrassem morada onde, em outros tempos, residiam (in)verdades absolutas.

4 DOS ELEMENTOS POSSÍVEIS À PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL QUE REIVINDICA UMA ONTOEPISTEMOLOGIA AMBIENTAL: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA

Do mesmo modo que, na refeição, ele [o sábio] não faz questão absoluta da quantidade desmesurada, mas dá maior valor à preparação gostosa, igualmente na vida não se preocupa com o tempo que esta dura, mas sim com a delícia da colheita que ela lhe traz (EPICURO, 2006, p. 39).

A percepção de uma crise de fundamentos da/na EA, trouxe ao campo a oportunidade de reivindicar para si, novas possibilidades de sentir e pensar, de maneira a “compreender que existe multiplicidade de forma e de sentidos nas relações ambientais” (PEREIRA; FREIRE; SILVA, 2019, p. 6).

Para os autores,

[...] uma *Ontoepistemologia Ambiental* de horizonte hermenêutico pode contribuir para o desenvolvimento de uma epistemologia compreensiva, na qual todos os elementos da ampla experiência humana estejam entrelaçados, reconhecendo os múltiplos espaços ontológicos e psicológico-culturais. Nessa perspectiva, reivindica-se uma compreensão das questões ambientais a partir de uma concepção de homem integral, apontando para sua condição ontológica mais abrangente (PEREIRA; FREIRE; SILVA, 2019, p. 7. Grifos do autor).

Na tentativa de ampliar a discussão, dialogo com os elementos que se manifestaram a partir das narrativas e observações, sem necessariamente apresentá-las na ordem em que se revelaram ou que delas faço uso e, menos ainda, com a intenção de elaborar uma ordem de importância, mas sim, como um caminho que se insere no campo do possível.

Compreendendo a *Ontoepistemologia Ambiental* como “um modo de ser e de fazer ciência que considere nas suas múltiplas relações a totalidade da dimensão existencial humana e não humana presente no universo” (PEREIRA; FREIRE; SILVA, 2019, p. 7), discuto os elementos constituintes de uma pesquisa em Educação Ambiental que considere tais relações assim como os “valores estéticos, éticos, espirituais, políticos, históricos e sociais” (PEREIRA; FREIRE; SILVA, 2019, p. 7) presentes na própria dimensão ambiental.

Os elementos podem ser apresentados como categorias da pesquisa, considerando-os como elementos estruturantes do processo de construção dos textos necessários para expressar as possíveis respostas à questão central desta tese: como o

conceito de felicidade em Epicuro nos ajuda a repensar o consumismo, como forma de hedonismo atual, tendo em vista a qualidade de vida ambiental?

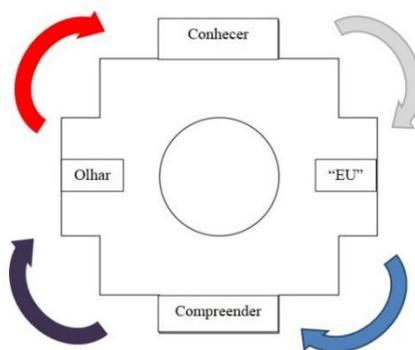
Esta discussão é orientada pela compreensão de uma racionalidade ambiental pós-metafísica, defendida por Leff (2006) e na perspectiva de uma Ecologia Cosmocena (PEREIRA, 2016) que considera

A pluralidade na educação ambiental como alternativa às limitações universalistas clássicas; (2) a virada ontológica (com Heidegger e Gadamer) como espaço de acolhida e reconhecimento do ser, com suas múltiplas capacidades expressivas (PEREIRA; FREIRE; SILVA, 2019, p. 5).

Assim, entendo que discutir os movimentos de pesquisa em EA exige, de nós, compreender, olhar e conhecer em um movimento cíclico e contínuo, especialmente para evitar as armadilhas do absolutismo, das autoverdades ou, ainda a “tirania do olhar”, como recordado por Rodrigo Zambam (2020) em sua tese de doutorado, ao citar Hans-George Flickinger, que contribuem como mecanismos que inviabilizam e anulam as outridades.

Um movimento como a orientação da Vida, contida na Chakana, transformando-se continuamente. O Pesquisador, como a serpente, circula por todos os mundos: a partir de si mesmo precisa aprender a olhar, exercitar o compreender e permitir-se conhecer. Ao escutar, ao sentir, ao experienciar a pesquisa, o pesquisador realiza o feliz exercício de transferir o que sabe e aprender seu próprio ensinar, em uma dinâmica cíclica e contínua de saberes que são matizes para que o movimento da pesquisa (Figura 30) aconteça num contínuo ir-sendo.

Figura 30: Movimentos realizados na pesquisa em EA



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O “EU” que se desloca no sentido do compreender é o ser que vive em um mundo, em um tempo, que se expressa na cotidianidade e nas relações com o outro. Um ser finito que interpreta o mundo e é por ele interpretado, que se mostra e se esconde na e pela linguagem. Um ser que, ao descobrir-se e encobrir-se continuamente, vai conhecendo sua própria música e dança, e anunciando sua verdade temporal.

E é no olhar-com que o pesquisador tem a oportunidade de encontrar as respostas às perguntas que orientam sua pesquisa. No entanto, aqui chamo atenção para o que o pesquisador vê quando olha com uma pergunta que nos parece fundamental: “estás vendo o que eu estou vendo?”

E, para isto, é necessário conhecer. De maneira que o conhecimento se constrói a partir de condições criadas pelo sentido, que se materializam na cotidianidade. No entanto, é necessária atenção, pois, “a ciência não é apenas elucidadora, é também cega sobre seu próprio devir e contém em seus frutos, como a árvore bíblica do conhecimento, ao mesmo tempo o bem e o mal” (MORIN, 2003^a, p. 91)

O conhecer a que me refiro, está inscrito no fazer da ação prática, da experimentação e da interpretação e contribui para o novo “EU”, o pesquisador que, ressignificando seus saberes, encontra novos horizontes de compreensão dos modos de ser, deslocando-se, novamente, ao movimento.

Assim como a *Chakana*, este movimento não é livre de obstáculos, degraus, descidas e subidas, rompimentos e recomeços. Mas, uma vez iniciado, ele não retornará o ponto de origem sem ter dado a volta completa. Uma vez iniciada a expansão, os efeitos são sentidos por irradiação, e o ponto de origem passa a ser o ponto da próxima chegada, onde um novo “EU” fará novas perguntas. Ou as mesmas, buscando novas respostas. Conhecidos os obstáculos, o propósito da pesquisa se manifesta e dá força para a superação que conduzirá à transformação.

Pelo exposto até aqui, apresento as três categorias que orientam a metodologia desta pesquisa: compreender, olhar e conhecer.

4.1 AR E FOGO: OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS À TRANSFORMAÇÃO

4.1.1 Compreender

A felicidade se entrelaça com as formas de ser no mundo. Podemos pensá-la, mas a entendemos com um “sentir-se no mundo”. Está reservada à intimidade e à autogestão da vida de cada pessoa, a arte de

saber viver. (LEFF, 2007, p. 43. Tradução livre)²⁹

E, se a felicidade está entrelaçada com as “formas de ser”, um “sentir-se”, compreendê-la passa por compreender os modos de ser no mundo, a partir da observação e escuta sensível da existência, dos modos de ser que vão se expressando na cotidianidade, nas relações com o outro e, inclusive, na condição de incompletude (FREIRE), temporalidade e finitude deste ser (EPICURO).

Aqui, compreender se manifesta pelo aprender com o outro, abrir-se para as condições de possibilidades que este outro apresenta para nossas interpretações do mundo.

Um movimento de interpretação de um ser que, ao mesmo tempo que interpreta a si mesmo, é interpretado. E, por autointerpretação, vai se transformando, se constituindo e atribuindo significados e sentidos às suas expressões no mundo.

Considerando os humanos como intérpretes do mundo, a linguagem se apresenta para além de um instrumento e se constitui como atributo criativo que torna possível reinventar identidades, em um movimento de resistência à unidade hegemônica, à totalidade dominante. Uma totalidade que se manifesta, inclusive, no empobrecimento da linguagem, que perde seu poder simbólico, ocupado pela imagem e, enquanto a primeira se esvazia de sua *poiesis*, a segunda domina a cena psíquica (BIRMAN, 2004).

Esta interpretação não é ingênua ou isenta de percepções próprias, mas fruto de referências da própria memória e dos processos a que se vá submetendo em sua própria existência. Assim, compreender exige aceitar seus preconceitos e limitações, exige reflexão sobre a própria ação, em diálogo com a ação do outro.

Compreender exige silenciar o pensamento, esvaziando-o da análise, da crítica, do julgamento, permitindo assim o espaço necessário para a vigilância e recepção daquilo que se apresenta. Apenas onde há espaço é possível que o novo se manifeste. Um estômago cheio de alimentos não pode receber outros tantos que, ainda que saborosos e nutritivos, não serão digeridos e pouco ou nada contribuirão para a saúde do corpo. Um cérebro cheio de pensamentos não tem espaço para compreender e “quando há a intensidade necessária para a compreensão, a mente, decerto, encontra-se tranquila”

²⁹ La felicidad se entreteje en las formas de ser en el mundo. Podemos pensarla, pero la constatamos como un “sentirse en el mundo”. Está reservada a la intimidad, a la autogestión de la vida de cada persona, al arte de *savoir vivre*. (LEFF, 2007, p. 43)

(KRISHNAMURTI, 2020, p. 238).

Por concordar com Mujica (2016) que “a vida na Terra depende, então da maneira de entendermos a nós mesmos no seio de *pachamana*, onde vivemos obrigatoriamente³⁰” (MUJICA, 2016, p. 70. Tradução livre), este exercício de compreender exige que o olhar se projete junto ao olhar do outro, em um exercício de olhar-com.

4.1.2 Olhar

E como olhar-com quando nosso olhar está forjado para a objetificação do outro? Como superar a dicotomia entre saber e sentir, como se tais processos se dessem alheios ao corpo que experiencia o existir? O corpo, este espaço de atravessamentos dos sentidos, o primeiro contato com o mundo, com o outro, onde encontra-se a pele que habitamos, que produzimos os sentidos que atribuímos às coisas todas, que conhecemos e que imaginamos conhecer.

Não é possível habitar a pele do outro e, por esta razão, criamos, enquanto sociedade, uma expressão que nos remete à capacidade de se colocar no lugar do outro para sentir o que sentiria esta outra pessoa: empatia.

Mas, que nível de identificação é necessária para que indivíduos, com diferentes modos de ser, carregados de memórias distintas e, portanto, diferentes experiências, possam sentir o que outro sente, de maneira que uma rede de conexões se manifeste e, assim como o calor³¹, os sentires se dissipem de um corpo para outro?

Talvez esteja aí o grande desafio. O que exige a aproximação das pessoas e seus espaços de vida. Uma aproximação que transcende o método, justamente por sua exigência de deixar-ser-com-o-outro.

4.1.3 Conhecer

[...] não somos seres autônomos que pensamos a partir de nós mesmos. Somos pensados por Outro, temos interiorizado um pensamento que não somente tem alimentado ideologias, filosofias e ciências, se não que se tem feito carne, corpo, sensibilidade e angústia. Temos internalizado uma proibição de ser, de ser livres e felizes³² (LEFF, 2007, p. 45).

³⁰“la vida en la Tierra depende, entonces, de la manera de entendernos a nosotros mismos en el seno de la *pachamama* donde vivimos inexcusablemente” (MUJICA, 2016, p. 70).

³¹ Energia térmica que é transferida entre sistemas em contato, do que possui mais para o que possui menos calor.

³²[...] no somos seres autónomos que pensamos desde nuestra interioridad. Somos pensados por Otro, hemos

Tradução livre).

Pensar é o modo de existir, de maneira que cada um de nós, a partir de seu modo prático de existir, produz suas compreensões e as manifesta no mundo. Portanto, não é o mundo que nos determina e produz nossas crenças, mas o sentido que projetamos e, ao projetar, ocultamos e esquecemos do Ser. Assim, o conhecimento se constrói a partir de uma condição criada pelo sentido, enredados na cotidianidade e no que consideramos como real: nossas representações disponíveis das coisas todas, como se estas não tivessem passado ou futuro.

De tal maneira podemos nos revirar dentro do próprio círculo, acreditando que este contém tudo o que é possível conhecer, que corremos o risco de ocultar a originalidade da experiência possível ao Ser. A proposta, nesta categoria é a possibilidade de permitir que o ser se mostre, se manifeste, para além das teorias e conceitos preestabelecidos.

É permitir que o que está escondido e esquecido pela cotidianidade se manifeste, abrindo possibilidades para que o Ser se expresse em sua originalidade. Tendo por horizonte que o conhecimento só pode ser compreendido se considerada a sua conexão com a existência, é importante a reflexão de Mujica quanto à assertiva de que “o conhecimento tem muitas formas, que respondem às necessidades das pessoas e seus povos³³” (MUJICA, 2016, p. 126 – tradução livre) e que, na perspectiva de uma epistemologia andina, vão se organizar em categorias interdependentes, cuja distinção só é possível “pensando juntos [...] com os que tem vontade de tomar consciência de sua própria existência [...] em um mundo difícil de se vincular [...] e dominar³⁴” (MUJICA, 2016, p. 148 – tradução livre).

A consciência, aqui, entendida como a capacidade de refletir acerca de si mesmo, da sua relação com o mundo e tudo o que nele coexiste e, de atuar na realidade, de maneira intencional, em acordo com sua temporalidade, finitude e incompletude (FREIRE, 1981) e que permite, ao humano, projetar, transcender, ser mais.

Por fim, compreendendo uma pesquisa como uma ação humana que, como um

interiorizado un pensamiento que no solo ha alimentado ideologías, filosofías y ciencias, sino que se ha hecho carne, cuerpo, sensibilidad y angustia. Hemos internalizado una prohibición de ser, de ser libres y ser felices (LEFF, 2007, p. 45).

³³ “el conocimiento tiene muchas formas, que responden a las necesidades de las personas y sus pueblos” (MUJICA, 2016, p. 126).

³⁴ “con los que tienen voluntad de tomar conciencia de su propia existencia [...] en un mundo difícil de vincularse [...] y dominar” (MUJICA, 2016, p. 148).

fazer da educação, vale-se da dialogicidade e da problematização e, estas, por sua vez, não acontecem a não ser pela intencionalidade, pela organização, comunicação e experenciação, como algo que acontece em relação a algo ou alguém e é, portanto, um diálogo, onde agir, falar e conhecer precisam andar juntos (FREIRE; FAUNDEZ, 1998).

Um ato de conhecer que se desvela pelo conhecimento da ação prática, da experimentação e da interpretação, de maneira que, nas tecituras de sua construção, estes diferentes níveis são convocados.

O conhecimento da ação prática trata-se de um conhecimento que só pode ser exercido por um humano em sua existência. Um conhecimento que se produz pelos sentidos da ação cotidiana e que se incorpora³⁵ ao seu modo de ser. No entanto, tal categoria apresenta limites, ou nas palavras de Mujica (2016, p. 129 – tradução livre) “a capacidade produtora de *runa*³⁶ também tem limites e este se dá conta de que não pode fazer tudo³⁷”.

Em algum momento, percebe que é necessário alcançar outras categorias do conhecimento, pois esta categoria se torna insuficiente. Passa a ser necessário, um conhecimento especializado, um conhecimento que advém da experimentação, que não se pode encontrar repetido em outra pessoa. É um saber que “se constitui, então, em uma sorte de conhecimentos especializados e de sentido comum que serve para resolver diversos problemas que a vida apresenta³⁸” (MUJICA, 2016, p. 130 – tradução livre) e que é resultado de um conjunto de ações que se situam no campo da experiência, em geral relacionadas ao costume, ao hábito.

Neste momento do conhecimento, alcançar a expertise exige olhar e fazer, como também, praticar e conhecer as técnicas. É um conhecimento aprendido por procedimentos da vida prática e que alcança outros níveis quando se apropria do conhecimento da interpretação.

Este, por sua vez, se relaciona com a capacidade de perceber “um tipo de conhecimento que implica ter à vista um conjunto de informações, que possam ser articuladas adequadamente e propor a possibilidade de realização de um feito ou fenômeno³⁹” (MUJICA, 2016, p. 137 – tradução livre).

³⁵ Utilizo da expressão para registrar o corpo como espaço fundante de tal categoria de conhecimento.

³⁶ O autor utiliza do idioma Quechua para discutir o conhecimento. *Runa* é o sujeito do conhecimento.

³⁷ “la capacidad hacedora del también tiene límites y este se da cuenta de que no puede hacer todo”. (MUJICA, 2016, p. 129)

³⁸ “se constituye, entonces, en una suerte de experticia y de sentido común que sirve para resolver diversos problemas que la vida depara” (MUJICA, 2016, p. 130).

³⁹ un tipo de conocimiento que implica tener a la vista un conjunto de informaciones, las que pueden ser

Nesta categoria, os que conhecem ou sabem, podem ser qualquer pessoa que, com as informações adequadas, faz a leituras dos signos, e que, por esta razão, tem a percepção das coisas. É o conhecimento dos atravessamentos corpóreos, para além das sensações e da prática e que se insere em um campo hermenêutico.

É a capacidade de pensar a técnica e, por esta razão, é possível interpretar, refletir, de maneira a produzir outro conhecimento. Ao passo que, ainda nesse sentido, os modos de pensar para produzir conhecimento têm implicação não somente nos modos de pensar a pesquisa, mas em compreender como as pessoas elaboram seu conhecimento e como o expressam ao mundo ou, como o ser se manifesta.

Os elementos apresentados, se inserem em categorias, que se interrelacionam na metodologia desta pesquisa, que busca privilegiar a escuta sensível, o silêncio dos julgamentos e o (re)conhecer, no contínuo exercício de compreender o consumo enquanto caminho para a felicidade, a representação de qualidade de vida vinculada ao prazer efêmero, sustentando a roda hedônica, e o esvaziamento das vidas e dos sentidos, na tentativa de contribuir para “criar oásis de pensamento livre, fraternidade, solidariedade, ilhotas de resistência que defendam valores universais e humanistas” (MORIN, 2020).

É com estas reflexões, com o cuidado que a narrativa merece e, na tentativa de contribuir para pensarmos outros horizontes na pesquisa em Educação Ambiental, que destaco a importância do olhar, compreender e do conhecer, despertados pelos encontros em Andahuaylas.

articuladas adecuadamente y e proponer la posibilidad de realización de un hecho o fenómeno” (MUJICA, 2016, p. 137).

5 ÁGUA: A DENSIDADE NECESSÁRIA À PESQUISA OU DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA TESE

O esvaziamento dos sentidos se apresenta como recorrente na literatura e, recentemente, pesquisadores do campo da EA assumiram tal vazio por questão a ser reconhecida como uma das causas da perda de valores pela vida, o que a coloca, por consequência, como um obstáculo aos objetivos da Educação Ambiental.

Oriento este exercício de investigação com a compreensão de que tal perda de sentidos está relacionada aos excessos, que têm sobrecarregado nossos corpos, nossas mentes e nossas almas, não permitindo o espaço necessário para que experiências e vivências se processem. Reconheço este espaço, que considero necessário, como o vazio que permite a expansão, mas que tem sido explorado como o vazio de ausência. A mesma expansão que se mostra necessária em nossos corpos no movimento de respiração, no movimento de digestão, nos momentos de tomar decisões, é a expansão que necessitamos para identificar os caminhos de reconexão.

Na incessante busca pela felicidade, pela realização, pela conquista de “ser alguém”, vamos recolhendo produtos, ideias, sentimentos, sensações, memórias, expectativas e cristalizando referenciais. Seguimos ocupados de procurar por algo, não permitindo espaço para a vida se manifestar ou aproveitar o caminho, esquecendo-nos da única certeza que podemos ter: a do agora. A Educação Ambiental, em estado de crise, se apresenta como este organismo: ao longo de sua história foi acolhendo temas e lutas em uma suposta ampliação de horizontes, sempre impelida pela urgência da necessidade de ação, sobrecarregando sua própria estrutura.

Enquanto sociedade, vivemos a urgência do amanhã e o lamento do ontem, razão pela qual considero necessário dedicar um espaço para refletir as armadilhas em que nos colocamos - assim como colocamos nossa relação com o tempo -, para pensar a felicidade como expressada por Epicuro e suas possíveis contribuições para estes tempos, que como todos os tempos presentes, têm o futuro como incerto.

Epicuro identificou na vida simples, na alimentação frugal, nas amizades, na vida digna, na correta aplicação dos desejos e na ausência da dor, o caminho para o propósito de vida humano: a felicidade. Repensar o consumismo como elemento que alimenta o prazer efêmero, nunca satisfeito plenamente, pois, entendido como bem supremo (nada a ele se compara), é um convite a pensar a vida a partir de nossos próprios conceitos de felicidade.

Conceitos que fomos, empiricamente, elaborando e buscando praticar, ou alcançar, nas vidas que vivemos e onde nos entrelaçamos com os conteúdos da própria vida.

Os elementos da natureza são os conteúdos de trabalho da Educação Ambiental e, não fosse a incerteza quanto ao destino de tudo o que é vivo, este campo de estudos talvez não tivesse razão de existir. Embora seu histórico, cujos marcos iniciais oficiais datam da década de 1960, exponha uma polissemia que tem provocado embates no interior do próprio campo, todas as correntes (SAUVÈ, 2005) ou paradigmas (LAYRARGUES, 2012) tem em sua centralidade a vida e a condição digna de viver.

Na sequência, apresento algumas reflexões a respeito da felicidade, o consumismo e a educação ambiental, tendo como centralidade a felicidade para Epicuro, procuro promover encontros com os pensamentos de autores como Enrique Leff, Friedrich Schiller, Edgar Morin, Joel Birman, a filosofia que orienta a medicina Ayurvédica e saberes dos povos andinos, caminhantes da tradição.

5.1 FELICIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A REVOLUÇÃO NECESSÁRIA OU UMA ARMADILHA DE MERCADO?

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde de espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. (EPICURO, 2012, p. 21)

Ao limitarmos a questão da felicidade a um conceito, retirando a beleza de sua complexidade e comprimindo-a em palavras que, acreditamos, serem suficientes para apreender todos os seus significados, corremos o risco de reduzi-la a um assunto de menor importância, especialmente diante da grandiosa tarefa da redução da miséria, da fome, da opressão dos povos, da destruição das florestas e, por consequência, deixando que seja “um tema da filosofia”. Com isto, oferecemos a ausência necessária para que ela seja conhecida – e em profundidade – por aqueles que dela farão um projeto social de controle eficiente.

A felicidade tem sido uma constante na filosofia desde a antiguidade clássica. No entanto, para a Educação Ambiental, é um tema relativamente novo. Leff (2007) apresenta motivos de por que trazer a felicidade para o debate da Educação Ambiental:

Precisamente porque reina a infelicidade, o desassossego, quase a desesperança, em uma era de vazio, de risco e incertezas; de perda de referenciais e do sentido da existência (LEFF, 2007, p. 40 – Tradução livre).⁴⁰

Esta era, que Leff refere ser de vazio e de perda de referenciais – que está associada como componente da crise da modernidade –, tem sido o cenário para a busca de novas maneiras de objetivar valores, construídos em modos de vida que se considerem seguros e estáveis, e onde seja possível encontrar proteção de sensações, como a de sofrimento e desamparo, ao mesmo tempo em que se busca atualizar a esperança no presente (BOARETTO, 2012), abolindo o inimigo comum, que seria um mal que espreita e nos ronda a todos. Estaríamos, a todo o tempo, atentos, para nos proteger de riscos potenciais.

Nesta esteira (ou até, quem sabe, histeria), acrescento, ainda, as manifestações – cada vez mais presentes – dos sintomas dessa infelicidade. Vivemos no século que se convencionou chamar de século da depressão, onde a sociedade de consumo é, também, a sociedade do cansaço (Byung-Chul Han, 2015) e a exploração das forças humanas já não é apenas de uns sobre outros, mas de si para si mesmo.

Instala-se uma exploração de si mesmo que se confunde com realização pessoal e que, para Han (2015), é uma lógica traiçoeira do neoliberalismo, onde os indivíduos são sugestionados a crer que não estão fazendo e produzindo tudo que poderiam estar fazendo, e produzindo. Esta lógica não se instala apenas no mercado, ela invade nossas vidas e podemos ser confrontados com ela na vida acadêmica, na família ou entre amigos, porque seu mecanismo de ação é como um programa instalado e pronto para rodar sempre que estivermos na iminência de desligar.

O grande paradoxo da sociedade que tem por imperativo o alcance da felicidade é a própria infelicidade, de maneira que, quanto mais a vida é feliz, mais ela experimenta da infelicidade. Para Gilles Lipovetsky (2016), quanto mais esta sociedade alcança leveza objetiva, mais pesada a vida parece: celulares menores e mais leves, agenda mais cheia de compromissos; alimentação mais leve, *light* ou *fit*, mente mais abarrotada de pensamentos. Para o Lipovetsky (2016), “a era consumista traz consigo o triunfo de uma cultura cotidiana marcada pela leveza hedonista.” (LIPOVETSKY, 2016, p. 33)

⁴⁰Precisamente porque reina la infelicidad, el desasosiego, casi la desesperanza, en la era del vacío, del riesgo y la incertidumbre; de la pérdida de referentes y del sentido de la existencia.

Este é um contexto que se apresenta como terreno fértil para a construção de narrativas que seduzem, especialmente por seu apelo humanitário e de bem-estar individual e coletivo. Linhas sutis dividem lados que se opõem, passando despercebidas pelas palavras bem escolhidas e pela apropriação (in)adequada de sentidos.

Por esta razão, falar de felicidade de maneira ingênua, acrítica, descontextualizada ou desconsiderando “as zonas de sacrifício” (LAYRARGUES, 2012, p. 414) a que são empurradas a parcela da sociedade que não pertença aos grupos que ocupam lugares de poder, seria negligenciar a oportunidade de discutir a relação do tema com a sociedade. Mesmo estando entrelaçado nas pesquisas e práticas em Educação Ambiental – EA, e bem apropriado pelos artifícios da propaganda de estímulo ao consumo, pode, ainda, oferecer outros horizontes aos seus fundamentos.

Se a felicidade é, também, a ausência de dor, os desejos naturais e necessários (EPICURO) como de alimentação, por exemplo, precisam ser atendidos, pois, de acordo com o filósofo,

Não deve supor-se antinatural que a alma ressoe com os gritos da carne. A voz da carne diz: não se deve sofrer a fome, a sede e o frio. E é difícil para a alma opor-se; antes, é perigoso para ela não escutar a prescrição da natureza, em virtude da sua exigência inata de bastar-se a si própria. [...] Não é também verdade que a alegria espiritual seja a única da ordem dos bens, porque sei também que a inteligência se alegra pelo seguinte: pela esperança de tudo aquilo que nomeei antes e em cujo gozo a natureza pode permanecer isenta de dor (EPICURO, 2006, p. 108-109).

Podemos concluir que a impossibilidade de suprir desejos naturais, pode ser um impeditivo para a felicidade assim como, na outra margem, atender a desejos “nascidos de uma vã opinião” não é garantia de alcançá-la. Por esta razão, Epicuro aconselha com a sugestão a quem deseja enriquecer, que “não lhe acrescente riquezas, [mas] diminui-lhe os desejos” (EPICURO, 2006, p. 109).

Buscando horizontes que contribuam para a superação da crise de identidade da EA, no sentido de libertar o campo da Armadilha Paradigmática (GUIMARÃES, 2004), que impõe limites ocultos ao movimento em direção a um projeto societário alternativo (LAYRARGUES, 2012), compreendo a crise como um espaço para criar e, os limites, como elementos que se encontram, tanto na visão de uma perspectiva cientificista de mundo, quanto na ingenuidade da possibilidade de superação da mesma, utilizando-se da mesma via.

Ao se referir à Armadilha Paradigmática, Guimarães (2004) anunciava uma prisão forjada pela disjunção da realidade e manifestada por uma pedagogia redundante (GRÜN, 1996), que pouco ou nada contribui para a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável. Esta superação estaria, na compreensão do autor, na Educação Ambiental Crítica.

Mas, se por um lado, a macrotendência Crítica está alinhada à transformação das bases econômicas e políticas e a superação da estratificação das classes sociais, por outro ela parece desconsiderar que o sistema é um ente, que se manifesta pelos modos de vida incorporados pela sociedade. Modos de vida que se constituíram por um aparelhamento perverso, cujo objetivo é o controle, mais do que dos corpos, de suas almas⁴¹, aprisionando-as em um jogo de ilusões. E, neste sentido, o autor justifica a Macrotendência conservacionista como insuficiente,

Por não incorporar as posições de classe e as diferentes responsabilidades dos atores sociais enredados na crise, essa macrotendência distancia-se das dinâmicas sociais, políticas e ideológicas e seus respectivos conflitos de interesses e de poder que são indissociáveis da dinâmica da crise ambiental. Com essas características, a macrotendência Conservacionista não parece possuir os elementos necessários para o questionamento da estrutura social vigente; aceita-a tolerando seus aspectos incômodos e evitando a radicalidade da crítica anticapitalista. Ao reduzir a complexidade do fenômeno socioambiental, essa macrotendência se aproxima de uma prática educativa conservadora, com limitado potencial de somar-se às forças que lutam pela transformação social para um projeto societário alternativo. (LAYRARGUES, 2012, p. 405)

Tendo como questão de fundo a transformação social para um projeto societário alternativo, Layrargues (2012) também descredita a macrotendência Pragmática, por considerar que possui um caráter empobrecedor para a prática da Educação Ambiental, uma vez que há a “dispensa da *reflexão* que permita a compreensão dos fundamentos e relações causais dos problemas ambientais” (LAYRARGUES, 2012, p. 405).

Lucie Sauvé (2005) chamou atenção para o risco da formação do que nomeou por “igrejinhas” pedagógicas, que teriam a condição de propor a maneira “correta”, assim como o método mais “adequado”, ao cartografar as correntes da EA no Brasil. Antes de apresentar a referida cartografia, a autora destaca o objetivo de que a mesma se torne

⁴¹ Embora falar de almas seja um tabu acadêmico, visto que críticos afirmarão que não há comprovação científica de sua existência, mantenho a expressão para me referir ao que anima a vida: a saúde do espírito (EPICURO, 2002).

“uma ferramenta de análise a serviço da exploração da diversidade de proposições pedagógicas e não um grilhão que obriga a classificar tudo em categorias rígidas, com o risco de deformar a realidade” (SAUVÉ, 2005, p. 18).

Ao explorar as correntes, Sauv  (2005) refere que as mais recentes expressam preocupa es que se manifestaram, também, em tempos mais recentes. Esta observa o sinaliza que a Educa o Ambiental   um campo em movimento e que, assim como a linguagem, se modifica para responder às necessidades que se apresentam ou que passam a ser compreendidas de maneiras distintas ao que eram anteriormente.

Sua sistematiza o levou em conta: “a concep o dominante de ambiente; a inten o central da educa o ambiental; os enfoques privilegiados; o(s) exemplo(s) de estratégia(s) ou de modelo(s) que ilustra(m) a corrente” (SAUV , 2005, p. 18), categorizando-as em 15 correntes que podem compartilhar características comuns entre si e que, portanto, não são mutuamente excludentes mas que, para serem compreendidas e, até, aplicadas enquanto aparato pedagógico, necessitam estar adequadas ao contexto a que se propõem.

Outros autores discutiram a multiplicidade e a pluralidade da EA (Carvalho, 2001; Lima, 2009) e tal, preocupa o de pesquisadores, reforça a necessidade de compreender que as categoriza es e classifica es dizem respeito, conforme Layrargues (2012), a que

[...]   importante manter aten o   trajetória histórica de surgimento, desenvolvimento, expansão, consolida o, estagna o ou qualquer outro sinal de movimento, de cada uma das correntes de pensamento na Educa o Ambiental, assumindo-se a necessidade de se revisitar periodicamente esse quadro conceitual classificador dos tipos ideais das correntes de pensamento político-pedagógico na Educa o Ambiental, com o intuito de revisá-lo e atualizá-lo em fun o de sua dinâmica que lhe   intrínseca, no contínuo processo de amadurecimento. (LAYRARGUES, 2012, p. 401)

A questão a refletir aqui  , se não estaríamos, pelas vias do mesmo cientificismo a que, em parte, creditamos as causas da crise ambiental da modernidade, reduzindo as possibilidades da Educa o Ambiental para encontrar caminhos viáveis e radicalmente contra hegemônicos, não apenas para a supera o de um projeto societário, mas para um modo de vida que supere este distópico admirável mundo novo, promovendo a revolu o

na alma e na carne dos humanos⁴².

Ainda que não seja possível uma boa vida sem a justiça e a paz (MUJICA, 2017), nem a felicidade sem saúde física e paz de espírito (EPICURO), esta somente pode ser plenamente alcançada pela revolução do espírito humano (MORIN, 2003), o que pode parecer impossível enquanto for necessário esperar pela normatização e orientação de nossas condutas por leis ou Políticas Públicas. Talvez esta necessidade pela ordenação escrita esteja vinculada ao identificado por Carnelutti (2001, p. 18) ao referir que “[...] para a maioria de nós, infelizmente, o que não se vê não pode existir.”

Edgar Morin (2003, p. 127) assinala que, “nem tudo é possível num momento dado, mas não sabemos quais as fronteiras que separam o possível do impossível” e que,

A incerteza do espírito e a incerteza do real oferecem ao mesmo tempo risco e oportunidade. A insuficiência do realismo imediato abre a porta ao mais além do imediato. O problema é ser, não realista no sentido trivial (adaptar-se ao imediato) ou irrealista no sentido trivial (subtrair-se às coerções da realidade), mas realista no sentido complexo (compreender a incerteza do real, saber que há possível ainda invisível no real), o que parece com frequência irrealista. (MORIN, 2003, p. 133)

Estaria aí um dos motivos pelos quais temos tanta necessidade de uma tábua de mandamentos? Algo que, materializado, além de ordenar e reger, ofereça um tanto de certeza que alivie a angústia própria da incerteza? E, em que medida a Educação Ambiental consegue ser contra hegemônica, emancipatória, diversa – individual e culturalmente –, quando também ela busca mecanismos de orientação padronizados e (supostamente) garantidos por lei? Leis erigidas sobre as tábuas de sustentação do sistema que ela própria se compromete a questionar.

Estariam as leis inscritas na mesma necessidade expressa por Carnelutti (2001) ao referir que um Estado perfeito dispensaria o direito, pois este já não se faria mais necessário como força de sustentação. No Estado perfeito, a força original tem espaço para se manifestar, mas “enquanto os homens não saibam amar necessitam de juiz e policiais civis para mantê-los unidos. Quer dizer: enquanto os homens não saibam amar temos que obrigá-los”. (CARNELUTTI, 2001, p. 20)

Acrescento que, enquanto somos movidos pelas paixões, corremos o risco de que nossos sentidos sejam iludidos a respeito das verdades que movimentam nossas vidas,

⁴² Uma breve referência à obra de Aldous Huxley (1979).

como os desejos. Em Carta sobre a felicidade, Epicuro explicou a Meneceu acerca dos desejos:

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo (EPICURO, 2012, p. 39)

Ao alertar Meneceu de que o conhecimento – seguro – dos desejos permite escolhas mais adequadas para alcançar a finalidade de vida, Epicuro trouxe a responsabilidade para o indivíduo, sinalizando a importância da ordem dos acontecimentos para a realização do desejo: (auto) conhecer para identificar e classificar (naturais ou inúteis – entre os naturais, quais são necessários) e, assim, fazer escolhas.

A felicidade, para Epicuro, guarda uma profunda relação com a liberdade, uma vez que, não havendo determinismos, a vontade é livre e o que pode ser mais contra hegemônico do que a verdade e, por consequência, a liberdade? A resposta a esta pergunta exige um exercício mais profundo de reflexão que, tendo iniciado na perspectiva de Epicuro, precisa encontrar-se com outras possibilidades de pensar uma boa vida na sociedade ocidental atual, onde os tempos são hipotecados em nome de uma qualidade de vida que inclui a capacidade de consumo.

Refletir acerca desta felicidade instrumental, que sustenta a roda hedônica e reinventa modos de consumir, faz-me recordar da conclusão a que chegou Xinran, autora de *As boas mulheres da China* (2007), sobre quais mulheres eram, na ocasião de suas entrevistas, felizes. De acordo com a autora, “as mulheres da colina dos Gritos foram as únicas a me dizer que eram felizes” (XINRAN, 2007, p. 248). A colina dos Gritos, relata Xinran, ficava na região Noroeste da China e as casas eram cavernas. Naquela comunidade, as esposas eram divididas entre vários maridos e, a existência das mulheres, justificada por sua utilidade. Não havendo planejamento familiar, as mulheres podiam ter um filho por ano e até mais de uma gestação por ano, caso esta não fosse a termo. Por esta razão, Xinran descobriu, praticamente todas as mulheres tinha prolapso uterino e não tinham qualquer suspeita que isto não fosse normal. No entanto, sua felicidade se ancorava na ignorância de que houvesse qualquer outro modo de ser que não fosse o seu.

Há que se considerar, portanto, que mundo e consciência se fazem simultaneamente (FREIRE, 2007) e que os limites compreensivos são representados pelos horizontes de conhecimento e, por esta razão, não poderei, nesta tese abarcar a profundidade da reflexão que esta felicidade, das mulheres da colina do Grito, necessita. Ela está nas ausências desta tese e merecerá seu devido espaço-tempo.

O compromisso, no entanto, é de pensar a Educação Ambiental como um caminho para que as pessoas sejam felizes, possam realizar sua jornada de vida com inteireza. E, para cumprir com tal compromisso, é necessário pensar uma EA que busque estabelecer modelos políticos que contribuam para a felicidade, considerando a superação da ideia dos padrões de riqueza – aos quais estrategicamente fomos sendo adestrados para aceitar –, onde o modelo dos excessos nas mãos de poucos se mostra inviável neste planeta. Uma EA que nos ensine a viver saborosamente, em que a ideia de felicidade possível seja popular, democrática e que se maneje como princípio articulador das políticas públicas.

O que Epicuro afirmou ser um componente da vida – sua finitude – na tentativa de libertar o indivíduo do temor do que possa ser a punição por suas ações, pela ira de deuses à espreita do momento do julgamento, pode ofertar outras compreensões que conduzem a um modo de viver completamente distinto do que entendia o filósofo como um caminho para uma vida feliz.

Neste ponto se faz necessário compreender que Epicuro foi um homem do século IV a. C., que se constitui em uma sociedade onde religião e política formavam uma unidade, onde os símbolos e modelos para os líderes eram heróis e deuses; as guerras, com suas vitórias e derrotas, alteravam os modos de viver, assim como atingiam a formação espiritual; e a filosofia ensaiava novas explicações para existência dos humanos e do cosmos. E, cercado de contradições – como cabe a qualquer humano que se dispõe à filosofia – Epicuro fez escolhas, deixou-se levar por melodias e elaborou seu caminho.

Em sua doutrina da ética, Epicuro retirou dos deuses a centralidade da orientação das vidas humanas e dirigiu – associando ao conhecimento e à física (natureza) – à centralidade do indivíduo, ao “EU”, lugar de onde a felicidade pode e precisa emergir. E aí parece estar a conexão entre a liberdade e a felicidade. A certeza da finitude – do corpo e da alma – seriam, para Epicuro, um dos sinais de que é preciso decidir-se por uma vida de máxima felicidade, pois não há possibilidade de uma segunda chance. Neste pensamento reside também a liberdade sobre seus atos, uma vez que não há um ser superior a quem se prestará contas em um purgatório, um paraíso ou um inferno para

viver a eternidade.

Caberia a este humano encontrar meios de criar um modo de viver, comum aos “homens cujas aspirações são modestas, de uma consciência sem mácula, da convicção de pensar e de proceder com justiça, e que deixa viver cada dia como se fora uma dádiva venturosa [...]” (MEWALDT, 2006, p. 26) e, em o que chamou de uma serena atmosfera, aproximar-se do prazer e afastar-se da dor. Esta aproximação do prazer, vinculada ao afastamento da dor, reforça que o prazer a que Epicuro se referia é da ordem dos prazeres que não abalam a serenidade do espírito, que não cobram uma conta no dia seguinte ou ao final de um período. Retomarei as reflexões acerca do prazer mais adiante pois, considero necessário, antes, compreender o que se considera seu oposto: a dor e o sofrimento.

Lembro que dialogo a partir de um humano que, ao estabelecer certezas, se encontra com novas incertezas e, de quem compreender seus opostos e suas derivações é um exercício necessário para superar o dualismo contratual de uma sociedade consolidada na modernidade, que se levanta com a segmentação promovida pelo sistema cartesiano e que, nas palavras de Humberto Calloni (2006), muito interessou à burguesia, pois “nada mais conveniente para a classe burguesa do que a apropriação do método cartesiano com seu dualismo” (CALLONI, 2006, p. 22) de onde emerge, também um “certo desencantamento do mundo”.

Como Epicuro não dedicou, em sua obra, espaço que considero suficiente para a necessária discussão sobre a dor e suas manifestações na atualidade, busco, a partir da compreensão do sublime para Schiller e nos conceitos da psicanálise, uma possibilidade de conectar os pontos. No entanto, para falar do sublime, em diálogo com os objetivos deste trabalho, é indispensável compreender a origem do pensamento de Schiller e sua influência.

Com todas as suas contradições morais e seus males físicos, a liberdade é, para as nobres almas, um espetáculo infinitamente mais interessante do que o bem-estar e a ordem sem liberdade, onde as ovelhas seguem pacientes o pastor e a vontade autodomadora se rebaixa a uma serviçal peça de relógio. Isto faz dos homens apenas um engenhoso produto e um feliz cidadão da natureza; a liberdade fá-lo cidadão e codominador de um sistema mais elevado, onde é muito mais honroso ocupar o último lugar do que, na ordem física, chefiar as fileiras. (Schiller, “Acerca do sublime”)

As escritas acerca do sublime de Friedrich Schiller (1759-1805) se inserem entre

as obras que contribuem para iniciar um movimento do pensamento onde a arte tem um papel formador e educativo, com potencial para reconciliar o indivíduo e o mundo com os sentimentos e a imaginação, superando a razão fria e calculista que dominava a ciência à época, com a emergência da modernidade, e contribuindo para a crítica à formação de um humano fragmentado pela divisão social do trabalho, sendo esta a responsável pela destruição estética do proletariado.

Além de sua obra, *A Educação Estética*, ter sido, supostamente, visitada por Karl Marx – cuja tese de doutorado faz a defesa da natureza em Epicuro para apresentar uma crítica à condição da Alemanha à época –, o que renderia influências na teoria social marxista, Schiller foi um influenciador de Nietzsche, o que foi um caminho para ressoar, inclusive, na voz de Heidegger. Ainda, “também teria sido o verdadeiro inventor da terminologia desencantamento/desenfeitiçamento do mundo [*Entzauberung der Welt*], largamente utilizada e popularizada por Weber em seus escritos sociológicos” (ANTUNES, 2017, p. 63).

Schiller foi um crítico do ideal de padronização e homogeneização, que fizeram emergir um indivíduo de massa – explicado pela psicanálise de Freud –, destituído das dimensões sensíveis da vida, derivados, tanto do capitalismo, que ensaiava seus primeiros passos, quanto do processo de elevação do *status* da razão como condição superior, e se referia à utilidade das coisas como “o grande ídolo do tempo a quem todas as forças devem ser consagradas e a quem todos os talentos devem homenagear” (SCHILLER, 1994, p. 31). Sobre isto, Jadir Antunes (2017), refere que:

A cultura moderna, a cultura da propaganda da mercadoria, antes de satisfazer nossas necessidades mais eminentes, apenas desenvolve sempre mais novas e supérfluas necessidades e com elas, um homem agoniado sempre carente e desejoso de novas mercadorias, um homem cada vez mais encantado pelas seduções do dinheiro, um homem com o gosto estético degradado pelo efêmero e fútil da mercadoria. (ANTUNES, 2017, p. 71).

Tal cultura não tem qualquer possibilidade de libertar o indivíduo e, por consequência, a sociedade, do domínio que a ética do dinheiro e da mercadoria (ANTUNES, 2017) passaram a exercer, uma vez que é ele que garante a existência do sujeito-mercadoria-consumidor. Neste modo de vida, o espaço para o encantamento é reservado à nova aquisição, uma nova mercadoria. Um processo de padronização que alimenta o ideal do indivíduo perfeito: insensível e de imaginação limitada.

Na defesa de uma vida de retorno à natureza – importante lembrar que Schiller foi um representante do romantismo filosófico na Alemanha –, vivendo uma vida simples, contrariando e, até, fugindo dos ideais capitalistas, vislumbrava a possibilidade de um futuro onde valores verdadeiramente humanos fossem fundantes na sociedade. Com isso, compreende-se que o domínio já não seria mais do dinheiro ou da mercadoria. No entanto, o capitalismo combatido por Schiller como destruidor das sensibilidades humanas, era um recém-nascido a sua época, mas cresceu, passou sua infância, adolescência e juventude e parece estar no auge de sua maturidade. Aquela idade onde se conhece do jogo as estratégias necessárias para vencer, o que implica, inclusive, em recuar e criar uma ilusão ao oponente de que se está fragilizado.

A arte foi o meio que Schiller considerou ser possível a experiência do sublime, compreendido como um balançar entre o prazer e a dor. Em um mundo fragmentado, onde os indivíduos são partes que não conseguem – nem mesmo que desejem – ver o todo que compõem, a arte pode oferecer as experiências que contribuam para a realização plena dos indivíduos.

Em uma existência onde as estratégias são forjadas para que, no jogo hegemônico, apenas partes estejam a descoberto de maneira que o conteúdo entregue a cada pessoa seja apenas o recorte que a manterá presa ao mundo que reconhece é, por meio da arte, que o indivíduo pode experimentar a dor de sua finitude sem temê-la, pois, sabendo-se protegido da natureza que o faz humano, ele poderia se deleitar. A tragédia teria, para Schiller (1991), a condição de libertar o indivíduo de suas “contradições morais e seus males físicos”. Ainda que Epicuro também tenha dedicado espaço em seus ensinamentos para tratar da morte em um esforço de garantir a compreensão, não apenas da finitude, mas da dispensa do medo, ele o fez por outra via: a da razão, que retira da morte toda a dor, pois esta seria o fim de todas as sensações.

Identifico uma terceira compreensão da dor, para pensar o indivíduo da contemporaneidade, nos estudos de Joel Birman, para quem este indivíduo é o sujeito da dor (BIRMAN, 2012). Uma dor que se conjuga por uma relação com o tempo que forja um ser que não tem passado ou futuro, mas que não reconhece a vida no presente.

Diferente das motivações da dor na antiguidade ou na modernidade, – inseridas no conflito entre a moral e o desejo –, a contemporaneidade e seus operadores políticos, sociais e simbólicos, trouxe outros elementos e outros instrumentos de subjetivação. Se anteriormente os mecanismos de regulação social observavam a limitação da ação,

beirando a inatividade, agora vivemos o imperativo da ação, da iniciativa individual e da performance.

O espaço do sonho é ocupado pelo pesadelo, em um indivíduo cuja vida se inscreve na ordem do espaço e lhe exige uma existência performática, onde a imagem se apodera dos pensamentos e lhes toma o lugar. Instala-se uma hegemonia que sarrupia o horizonte do futuro e mantém o presente em repetição. Para Birman (2012), a temporalidade (passado e futuro) é apagada, em uma existência de pressa e aceleração, assim como apaga o desejo. Instala-se um desalento, que conduz o indivíduo à solidão, ao vazio afetivo e ao solipsismo. Um indivíduo para quem a alteridade é precarizada e convertida em dor.

A relação de amparo, que poderia se estabelecer com o outro, é enfraquecida – e até anulada – por ser o outro um rival em potencial e, neste contexto, não há espaço para a solidariedade. Instala-se um novo tipo de mal-estar na sociedade que “se evidencia agora nos registros do corpo, da ação e do sentimento” (BIRMAN, 2004, p. 176).

No registro da ação se inscrevem as compulsões, um contínuo andar em círculos onde o objetivo real nunca é alcançado, a satisfação plena nunca se apresenta como resultado da ação. Um cenário sustentado pela medicalização e intoxicação da sociedade de maneira que, não apenas drogas ou consumo de bens, são meios para preencher o vazio. Para Birman (2012),

A comida se destaca também nas compulsões atuais, impondo-se como algo fascinante e mortífero, já que é atraente e repelida num mesmo movimento pelas pessoas. Os efeitos e destinos desta polaridade são opostos, mas a comida como fetiche está sempre presente nesta experiência compulsiva. Assim, nunca se comeu tanto e bem como hoje no Ocidente, tal a oferta de bens comestíveis. Tudo isso contrasta com uma longa história anterior, marcada pela carência, como ocorre ainda em amplas regiões do planeta. Neste contexto, a voracidade atinge níveis espetaculares, engendrando uma cultura do preenchimento e do gosto. As compulsões alimentares se inscrevem neste quadro de referência. (BIRMAN, 2012, p. 183)

Birman (2012), ao afirmar que o mal-estar contemporâneo se caracteriza pela dor e que tal condição, diferenciada do sofrimento, estaria inscrita na razão pela qual o indivíduo fecha-se em si mesmo, revela uma subjetividade contemporânea narcísica e solipsista. Para o autor,

a dor é uma maneira de se falar do ressentimento que perpassa hoje os humilhados e ofendidos dos quatro quadrantes do planeta. Imersa que fica na dor e no ressentimento, portanto, a subjetividade contemporânea

se evidencia como essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro, de forma a fazer um apelo. Isso porque pega mal precisar do outro, pois isso revelaria as falhas do demandante. Na cultura do narcisismo as insuficiências não podem existir, já que essas desqualificam a subjetividade, que deve ser auto-suficiente. Em contrapartida, o sofrimento é uma experiência alteritária (BIRMAN, 2012, p. 193).

O autor discute a relação entre as dores provenientes deste mal-estar contemporâneo com a incapacidade da sociedade de criar mediações no mundo. Tais mediações necessitam da dimensão simbólica, que se perde no excessivo pragmatismo, responsável, também, pela retórica instrumental que empobrece as relações que, mediadas pela linguagem cuja potência metafórica, é aniquilada.

E, se, estamos impossibilitados de criar mediações no mundo, estamos impossibilitados de produzir sentidos de existência e nos tornamos seres impróprios, seres desprovidos de sua autenticidade, negligenciando o olhar para as causas de nossas dores e escapando da angústia por vias compensatórias. Caminhamos para um nível de individualização homogeneizante⁴³ que nos impedirá de observar, olhar e conhecer, não apenas o Outro, mas a nós mesmos.

Interpreto os ensinamentos de Epicuro, atualizando minha compreensão acerca de dor e sofrimento, para arriscar dizer que, ao referir-se à “dor”, falava de sofrimento. É importante que se observe que tal distinção é feita apenas na modernidade, com os estudos da psicanálise, e que, ainda hoje, não raro, são compreendidas como sinônimos. Ao afirmar que, a “dor não permanece ininterruptamente na carne. [...] Num sofrimento mais demorado, entretanto, o prazer é sempre um pouco maior do que o padecimento da carne” (EPICURO, 2006, p. 62), o filósofo caracteriza a dor na dimensão biológica, qualificando sua permanência como um “sofrimento mais demorado”.

Epicuro reconhecia a existência da condição de sofrimento e que o mesmo poderia ser provocado tanto pelos excessos quanto pelas privações, mas que, mesmo na doença é possível ter uma vida feliz. Em uma carta à Idomeneu – descrita por Diôgenes Laêrtius (1988) como um testamento, pois o filósofo refere ser o último dia de sua vida –, Epicuro relata que “As dores contínuas resultantes da estranguria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, no entanto, resiste a todos esses males, alegre ao relembrar os nossos colóquios passados” (LAËRTIUS, 1988).

⁴³ Utilizo tal expressão para expressar um movimento onde os sujeitos encerram-se em si mesmos, porém reproduzem o comportamento socialmente determinado: uma robotização da vida.

Nota-se que, ao escrever tal carta, Epicuro considerava que as memórias dos encontros era um alento a sua dor e seu sofrimento e que, isto o permitia ter serenidade na alma. O filósofo dedicou à amizade uma especial atenção: A amizade só é possível àqueles que estão possibilitados de criar mediações e, para Epicuro, se “não podemos ver-nos, trocar idéias, nem estar em companhia um do outro, o sentimento de amor evaporar-se-á em pouco tempo” (EPICURO, 2006, p. 75), pois a “amizade dá a volta ao mundo, anunciando a todos que acordem para a suprema felicidade” (op cit, p. 78).

Epicuro, não conceituou a felicidade ou apresentou objetos que pudessem ser metas ou objetivos em si, mas forneceu, em seus textos, pistas para a vida feliz, objetivo de todos aqueles que vivem, pois, “uma vez ela (a felicidade) atingida, a tempestade se apazigua e não mais caminhamos pela vida como se algo nos faltasse nem como se estivéssemos procurando algo para nos completar no corpo e na alma”

Utilizo da expressão “pistas para uma vida feliz” por considerar que Epicuro, apesar de expressar com clareza o ideal de uma vida com paz de espírito e saúde do corpo, não descreveu, com a mesma clareza, a dor e o prazer. A ausência de tal descrição pode ser a razão para as equivocadas interpretações quanto ao hedonismo em sua obra, cuja doutrina converge para uma filosofia do prazer.

Por esta razão e, pelo objetivo central deste projeto de tese, associada a este tempo, em que a roda hedônica se caracteriza por uma busca incessante pelo prazer, se faz necessário – assim como o foi refletir acerca da dor – esclarecer a que tipo de prazer Epicuro se referia e situar tal prazer na contemporaneidade.

Estudos de sua doutrina costumam dividi-la em três partes: a física – onde se encontra a doutrina da natureza –; a canônica – o conhecimento –; e a ética – onde encontramos a doutrina da felicidade. No entanto, ainda que dividida em partes, elas compõem um sistema integrado, onde uma parte não pode ser sem a outra, uma vez que é necessário explicar a natureza, tendo conhecimento a respeito dela, para encontrar os prazeres mais adequados à vida de cada um.

Para Johannes Mewaldt (2006), ainda que não negasse a existência de deuses e deusas⁴⁴, sua doutrina retirou o peso do terror por suas punições ao compreendê-los como habitantes de um metacosmo, em uma condição de imperturbabilidade, livres das paixões e dos desejos guiados pelo ódio, este uma manifestação das paixões.

⁴⁴Para Epicuro, a questão dos deuses não é a negação de sua existência, mas o conceito popular, pois a “multidão estranha tudo que possua uma natureza diferente da sua própria, e assim apenas admite deuses que lhe sejam semelhantes” (EPICURO, 2006, p. 38).

Seria esta condição de imperturbabilidade um objetivo a ser alcançando pelos humanos, onde estaríamos livres das paixões que nos acorrentam e encarceram. Outorgamos nossas vidas ao controle de tais paixões, dedicando nossa tarefa diária à satisfação destas, e tudo o que não contribua para alcançá-las torna-se um fardo, um peso de ser vivido. Perseguimos um ideal de qualidade de vida, onde nossas vidas podem ser vividas sem interferência dos males que recusamos: a ausência do prazer e a presença da dor. Assim,

“Uma vez que conseguimos alcançar esse estado, todo o tumulto desaparece da nossa alma, visto que o ser vivo não precisa mais concentrar-se naquilo que porventura lhe falte, nem necessita mais procurar algo que sirva para completar o seu bem-estar físico e espiritual” (EPICURO, 2006, p. 40).

Visto nesta perspectiva, o prazer se insere nos anéis cósmicos das paixões, afastando-se ou aproximando-se de tempos em tempos, à medida que contribuem ou não para a atmosfera de qualidade de vida - um planeta a ser explorado -, compreendida como a satisfação das necessidades e desejos, mediados pelas dimensões biológicas e emocionais, ou um estado de “sentir-se bem”.

Por ser o prazer da ordem da subjetividade, o necessário refinamento do prazer é parte da tarefa do indivíduo na busca por uma vida feliz, na perspectiva epicurista, e é a razão a grande aliada do homem sábio pois,

Quando dizemos, então, que o prazer é fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como crêem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimento do corpo e de perturbações da alma. (EPICURO, 2006, p. 107)

Apenas a razão pode elaborar os prazeres a fim de identificar os bens que possam produzir maus resultados e esta razão encontra na prudência sua morada, pois, para Epicuro,

Não são os convites e as festas contínuas, nem a posse de meninos ou mulheres, nem de peixes, nem de todas as outras coisas que uma suntuosa mesa pode oferecer, que tornam agradável a vida, mas sim o sóbrio raciocínio que procura as causas de toda escolha e de toda repulsa e põe de lado as opiniões que motivam que a maior perturbação se apodere dos espíritos. De todas essas coisas, o princípio e o maior bem é a prudência, da qual nascem todas as outras virtudes; ela nos

ensina que não é possível viver agradavelmente sem sabedoria, beleza e justiça, nem possuir sabedoria, beleza e justiça sem doçura. As virtudes encontram-se por sua natureza ligadas à vida feliz, e a vida feliz é inseparável delas. (EPICURO, 2006, p. 111)

A linha entre razão e prudência é percorrida pelo amadurecimento (Epicuro nos lembra em várias passagens de sua obra que há os que são jovens, que ainda serão velhos e que há os velhos, que um dia foram jovens), necessita de conhecimento e precisa ser comum a todos, ainda que não tenham alcançado a sabedoria ou a filosofia, sendo esta última, o caminho a ser percorrido pelo sábio e, na sua ausência, que ao menos exista a prudência. De maneira que a prudência é uma aliada nos momentos de seleção dos prazeres, para evitar dores decorrentes de más escolhas.

O processo civilizatório, conforme descrito por Norbert Elias (1990), contribuiu para o afastamento do prazer ao promover o apagamento das sensações, assim como, incluiu regramentos que foram sendo naturalizados nos comportamentos da sociedade. A maneira como o autor descreve, nos mostra que houve um gradativo distanciamento da naturalidade e uma rápida aproximação do controle dos impulsos.

Epicuro não escreveu sobre autoconhecimento, mas, “conhece-te a ti mesmo”, um aforismo anterior ao filósofo, já anunciava a necessidade do conhecimento de si mesmo, ao que outro filósofo, Sócrates, atribuiu como requisito para conhecer o universo e aos deuses. No entanto, ao expressar que é pelo raciocínio que se deve procurar “as causas de toda escolha e de toda repulsa e [assim, por] de lado as opiniões que motivam que a maior perturbação se apodere dos espíritos” (EPICURO, 2006, p. 111), anunciava que não seria possível ter prudência nas escolhas sem conhecer as razões das mesmas.

A prudência a que se refere Epicuro parece estar associada a um processo de autoconhecimento que permite reflexão acerca das coisas que se apresentam ao indivíduo e esta ideia ganha força nos textos em que Epicuro refere-se à necessidade de atenção às percepções:

Se rejeitares qualquer percepção dos sentidos e não distinguires entre aquilo que supuseste em razão da simples expectativa e aquilo que realmente pudeste perceber, ou seja, entre sensação e imaginação. Rejeitarás igualmente, pela tua opinião errônea, todas as outras percepções dos sentidos e perderás, desse modo, todo o critério. Se, por outro lado, aceitares como positiva as mesmas percepções, considerando como duvidosas as noções baseadas nas expectativas e tudo aquilo que não for confirmado pelos sentidos, não terás dúvida sobre aquilo que é ilusório, de maneira que serás capaz de controlar qualquer discórdia no teu íntimo, e também a decisão sobre o que

estiver certo ou errado (EPICURO, 2006, p. 66).

Aqui a razão não se apresenta como superior às sensações, mas como o meio de superar o domínio dos extremos: as paixões e a anestesia. Visto desta maneira, poderíamos compreender a prudência como o caminho do meio, acessível a todos aqueles que se dispõem a conversar consigo mesmos, com o objetivo de superar as ilusões e as condições transitórias que embotam os sentidos, vinculadas fortemente às expectativas ou, na imaginação do que poderá ser.

A “decisão sobre o que estiver certo ou errado” indica que Epicuro vincula tal caminho a uma ética, pois “não é possível viver venturosamente, se não se viver racional, nobre e justamente; mas, ao inverso, não é possível viver uma vida racional, nobre e justa, sem viver venturosamente. A vida feliz, porém, é impossível se faltarem aquelas pressuposições” (EPICURO, 2006, p. 62).

Para o Astaṅga Hrdayam (2002),

“todas as atividades (humanas) têm como objetivo a felicidade de todos os seres vivos; tal felicidade está baseada no dharma (conduta moral correta, retidão); portanto, todas as pessoas devem adotar (seguir) sempre a retidão (caráter íntegro). (VAGBHATA, 2002, p. 55)

Neste sentido, sem considerar o bem-estar de todos os seres vivos, a espécie humana não poderia encontrar a felicidade verdadeira. Isto significa dizer que o Ser tem condições de exercitar sua existência em plenitude a partir dos modos que caracterizam este ser no mundo como um ser integral, não como um ser em pedaços, cujas partes dialogam com o mundo em separado, como descreveu Schiller acerca do homem da modernidade, mas um ser com a potência do Ser Mais (FREIRE).

A ciência moderna nos esquartejou, nos fez em pedaços com a desculpa de estudar em profundidade cada uma de nossas partes. Se especializou a tal nível que nos converteu de um ser inteiro em um fígado, um rim, um coração, em geral doente, porque, se estamos saudáveis, nossos órgãos somente despertam interesse após nossa morte. Ao desconsiderar tal complexidade, a autoafirmação da subjetividade, do “eu” que observa o mundo e nele cria suas possibilidades de existência é comprometida ao ponto da ruptura, da disjunção do todo ao qual faz parte.

Tal ruptura o impede, inclusive, de cuidar de seu “eu” do dia seguinte, o “eu” do futuro – que, na perspectiva descrita por Birman (2012) não existe. O que existe é o “eu” do presente (ainda que isto não signifique estado de presença) –, de maneira que as

escolhas se limitam aos prazeres do tempo presente, vivendo uma felicidade de *drive thru*, onde é possível passar para pegar o que se necessita – ou foi convencido que necessita – regozijando-se por alguns instantes. Este prazer *fast food* acaba obrigando a retornar sempre, em busca de mais, tal como o que trabalha no moinho⁴⁵: andando em círculos sem chegar a lugar algum.

Este humano que anda em círculos, voltando sempre ao mesmo lugar, repetindo o presente indefinidamente, é presa fácil para um sistema montado para aprisioná-lo. Sem perceber, acreditando-se livre porque tem “liberdade de escolha” (BAUMAN, 2008, p. 97), pode estar sendo orientado a partir de uma vigilância silenciosa que, identificando suas preferências, suas reações e rotinas, lhe oferece o que deseja ver, sentir e experimentar. Este humano não se dá conta de que é um produto em exposição, à venda em um mundo desconhecido e que ele acredita ter total domínio.

É nesse espaço que o prazer transita, e precisa ser capturado. Ou comprado. O que nos leva a uma relação de *fast food* com a própria felicidade.

5.2 DE EPICURO AO *FAST FOOD* DA MODERNIDADE: FELICIDADE PARA CONSUMO

É um mistério para mim. Nós temos uma ambição com a qual concordamos, e você pensa que você tem que querer mais do que precisa. Até você ter tudo, você não estará livre. Sociedade, você é uma criação louca, espero que não esteja solitária sem mim.

Quando você quer mais do que tem, você pensa que precisa e quando você pensa mais do que você quer, seus pensamentos começam a sangrar: Acho que preciso encontrar um lugar maior, pois quando você tem mais do que imagina, você precisa de mais espaço.

Sociedade, você é uma criação louca. Espero que não esteja solitária sem mim. Sociedade, realmente louca. Espero que não esteja solitária sem mim.

Tem aqueles achando, mais ou menos, que menos é mais, mas se menos é mais, como você mantém um placar? Quer dizer que pra cada ponto que faz, seu nível cai. É como começar do topo. Você não pode fazer isso.

Sociedade, você é uma criação louca. Espero que não esteja solitária sem mim. Sociedade, realmente louca. Espero que não esteja solitária sem mim.

Sociedade, tenha piedade de mim. Espero que não fique brava se eu discordar. Sociedade, realmente louca. Espero que não esteja solitária sem mim (Vedder, 2007).

⁴⁵ Uma das passagens do texto clássico do Ayurveda, o Charaka Samhitam, narra uma conversa sobre a verdade, onde o homem que busca a verdade, porém não se liberta das parciaisidades que carrega consigo é como que, trabalha na prensa do óleo: girando em círculos.

Essa criação louca, expressada por Eddie Vedder em música que compõe a trilha sonora de *Into the wild* (Na natureza selvagem) parece resumir-se em uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008) que necessita, obviamente, consumir. É isto que a mantém existindo, que alimenta cada um de seus átomos. Portanto, consumir é prerrogativa para existir: consumo, logo existo. A Educação Ambiental, enquanto um campo da ciência, em sua curta história, vem alterando as lentes pelas quais observa os problemas e, inicialmente preocupada com a degradação ambiental pela poluição e desmatamento, foi aplicando o zoom e aproximando-se, especializando-se. E, talvez na intenção de chegar ao núcleo gerador - o ponto originário - passou pelo problema do lixo e chegou à sua origem, no consumo.

E o consumo, como combustível tanto para a degradação ambiental em sua origem quanto pela degradação provocada por seu resíduo pós consumo foi, e é, tema de pesquisas, pauta de discussões e motivo de um sem-número de projetos. No entanto, o consumo vem se transformando e assumindo ares inocentes, a princípio com o consumo verde, ciclo de reciclagem, logística reversa, sorrateiramente se instalando em nossos signos, chegando à *technofood* – uma promessa de comida do futuro que não precisará de grandes áreas cultiváveis ou criação de animais – e, inclusive à informação e ao conhecimento.

Quando falamos de consumismo, como uma questão a ser vista pela EA é comum que seja associado a bens materiais, que provoque um impacto ambiental, mas muito pouco ainda se associa o consumo ao que não pode ter seu impacto na qualidade de vida ambiental mensurado por supressão de vegetação, poluição ou descarte de resíduos, por exemplo.

O consumo, que considero neste trabalho, não se limita àquele em que é necessário dispendir esforços financeiros ou apenas estes. Ou, ainda, o consumo que se resume a bens físicos. Discutir o consumismo exige, também, aceitar as diferenças sociais, culturais e ambientais em cada tempo histórico e entre os diferentes locais do mundo. Uma reflexão sobre o consumismo exige, inclusive, considerar que, se por um lado uma parcela da sociedade consome em excesso, outra consumirá em falta, ou seja, se toda a produção é finita – inclusive a disponibilidade de bens e serviços da natureza – se alguns acessam quantidades superiores às suas necessidades, outros acessarão em quantidades inferiores às suas necessidades.

Esta mesma sociedade, que se apresenta como consumista é, ao mesmo tempo, uma sociedade idolatra, construtora de ídolos e, por consequência, de fãs – ou adoradores – que consomem por diferentes razões, incluindo-se a necessidade de aproximar-se daquele ou aquilo a que idolatra. Considero, ainda, que os fatores que orientam o indivíduo a esta necessidade de consumir estão presentes, também, em qualquer ato de querer sempre mais, de maneira que fomos, brilhantemente, promovidos ao status de mercadoria.

E não somente estamos confortáveis com a ideia, como também entramos na corrida para ser a melhor mercadoria. A existência de um (des)conhecido mundo paralelo, forjado cuidadosamente nas redes sociais, transforma a nós, humanos, em uma série de algoritmos que permitem que uma inteligência artificial determine o que vamos receber na tela, sem que nos esforcemos muito para encontrar. A justificativa é levar ao usuário informações que lhe sejam úteis, com maior facilidade. O que o usuário – aqui o ser humano já reduzido a uma sequência de números – não percebe é que, limitando-se a tal “facilidade”, ele poderá cair na ilusão de que os conteúdos (fatos) aos quais tem acesso sejam a verdade (verdades como fatos) e isto o impede de, como alertou Purnavas, “se libertar das parcialidades que carrega consigo”:

Por favor, não entre em tal controvérsia: é difícil chegar à verdade tomando partido em seus aspectos parciais. Aqueles que consideram os vários aspectos polêmicos da verdade como fatos, continuam andando sem atingir um lugar, como uma pessoa na prensa do óleo (que anda em círculos sem parar), e tendo argumentos e discussões desnecessárias. Portanto, você deve se livrar do enigma dos argumentos e simplesmente buscar a verdade real. Não se pode encontrar a verdade sem se libertar das parcialidades que carrega consigo⁴⁶. (Agnivesa, p. 449)

Para Purnavas, a verdade não poderia ser conhecida se cada um se mantivesse preso à sua verdade como um fato estabelecido e, se assim o fizessem, estariam como quem trabalha em um moinho, andando em círculos sem chegar a um ponto final. Purnavas segue, chamando a atenção para a necessidade de se caminhar pela via interpretativa, alertando que, os mesmos fatores que, em combinações saudáveis, são

⁴⁶ Please do not enter into such a controversy: it is difficult to arrive at the truth by talking sides with the partial aspects. Those Who consider the varying controversial aspects of the truth as established facts, go on moving around reaching the goal like a person sitting on the oil press (who goes around on moving all along without a pause). So you should get rid of the riddle of arguments and try to pursue the real truth. One cannot attain real knowledge without shunning one's basic for the partial aspects the truth.

responsáveis pela criação dos seres vivos, em combinações prejudiciais são responsáveis pelas várias doenças.

Sem nos libertar das parcialidades, corremos o risco de “digerir” apenas aquilo que nos é confortável, relativamente conhecido e que contribui para referendar nossos pensamentos sobre determinado tema. Ou seja, o que nos dá a sensação de aprovação, de pertencimento a uma tribo, ainda que não tenhamos a intenção de construir possibilidades de futuro nesta tribo. Nossos referenciais são construídos e consolidados por algo que não tem a capacidade de pensar-sentir.

Assim, transformados em um produto, iniciamos um novo ciclo, ainda sem sair do círculo, mas acreditando que se trata de uma espiral, onde poderemos subir: nos transformamos em garotos e garotas propaganda de uma ideia, de um conceito. E podemos nos apegar de tal forma ao que representamos que nos sentimos a própria coisa.

Um apego que inviabiliza o diálogo e nos distancia cada vez mais das possibilidades de estarmos próximos e sermos uno com a Grande Mãe. E estendemos para nossas relações a mesma visão que a medicina moderna tem de nossos corpos: partes separadas, isoladas, desintegradas e desconectadas.

O *divide et impera*⁴⁷, utilizado por Epicuro, é forjado com diferentes estratégias, como: privações ou excessos; violências de diferentes ordens, como física ou emocional; estímulo à adoção de hábitos ou comportamentos; sedução por ideias e códigos de beleza ou sucesso; espiritualidade mercantil. Neste sentido, as redes sociais encontram um campo aberto de atuação, oferecendo-nos exatamente aquilo que contribuirá para que estabeleçamos processos de identificação. E tal identificação pode se confundir com as identidades que criamos – aquilo que acreditamos ser – e que abandoná-las pode nunca ser uma opção.

Abandoná-las seria soltar partes nossas, que deixarão expostas feridas e que não sabemos como tratar: sentimento de rejeição, medos, sensação de inadequação e insuficiência que alimentam a existência do vazio que recusamos. Tudo o que contribuir para que nos sintamos pertencentes será bem-vindo, assim como tudo o que contribuir para que nos sintamos “cheios” e “completos” é bem acolhido.

Buscamos sufocar a angústia, que seria nossa via de revelação, preenchendo seu espaço com distrações que, para Morin, se espalharam como “aspectos neuróticos/históricos do consumo e os incontáveis divertimentos modernos” (2003a, p.

⁴⁷ Dividir para conquistar

107). Cada vez que ela se manifesta, mais distrações são oferecidas, porém, é necessário lembrar que a angústia, como condição ontológica, sempre se levantará dentro do ser e, ainda na compreensão de Morin, há um recalque que a “aprofunda ou a transforma em agressividade” (2003a, p, 107).

Epicuro (2007) ensinava que “quando te angustias com as tuas angústias, te esqueces da natureza: a ti mesmo te impões infinitos desejos e temores” (EPICURO, 2007, p. 109). Para o filósofo do jardim, a angústia também era uma condição humana e que ocupar-se dela como um problema seria como despertar dentro de si outros males.

Estaríamos, segundo o Morin, em busca da hominização, na direção da era da civilidade planetária, uma civilização melhor, porém difícil de alcançar pois, “nada é mais difícil de realizar do que o desejo de uma civilização melhor” e, considera ainda que,

Esse sonho de desabrochar pessoal de cada um, da supressão de toda forma de exploração e de dominação, da justa-repartição dos bens, da solidariedade efetiva entre todos, da felicidade generalizada, produziu outros sonhos que quiseram impô-lo usando de meios bárbaros que arruinaram seu empreendimento civilizador. (MORIN, 2003a, p. 110)

Vivendo vidas inautênticas, vimos sendo divididos ao longo de séculos, recebendo um sem-número de distrações que nos impedem de olhar para dentro de nós mesmos. Quando o fazemos é com o olhar que lançamos para fora: de competição, desagregação, julgamento. Aos que tem alimentos, por vezes não é claro se o que sentem é fome ou outra sensação que lhes aperta o estômago. Aos que são privados de alimento, por vezes não é claro de que, realmente, tem fome. Desconhecemos a nós mesmos e tal desconhecimento é tão evidente que fica fácil aos que se apropriaram dos instrumentos, dizer o que somos, o que devemos vestir, comer, pensar, sentir, com relação a algo, o que e quanto devemos consumir.

A essa vida inautêntica também se adere o pensamento inautêntico, que se orienta pela ingenuidade e o apego à idealização, nutrindo-se de palavras falsas e das ausências intencionais nos discursos e, por isso, é silenciosa e sorrateira, difícil de ser percebida quando colocada em ação. É a vida sem consciência, à mercê da fatalidade, do individualismo e da identificação a pessoas, ou grupos, que representem o poder que permite sentir-se em ação (FREIRE, 1987).

Para o indivíduo da contemporaneidade, “paixões”, “prazer” e “qualidade de vida” se apresentam como expressões ingenuamente postas à mesa de uma vida digna e necessária. O que desejo problematizar não é a condição em si: sentir prazer, apropriar-

se das paixões, viver uma vida com qualidade, mas as compreensões destas e o caminhos para servir-se das mesmas.

O princípio 8 da Declaração do Rio de Janeiro (Rio 92) expressa que, “para atingir o desenvolvimento sustentável e mais alta qualidade de vida para todos, os Estados devem reduzir e eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo e promover políticas demográficas adequadas”, razão pela qual considero a necessidade de refletir, também, acerca da expressão “qualidade de vida”.

Na introdução de sua obra *Vida para Consumo*, Zygmunt Bauman (2007) apresenta três casos ilustrativos de uma sociedade que, gradativamente, desloca suas relações para um espaço virtual, na tentativa de promover uma mercadoria única: elas mesmas. A vitrine em que se colocam as pessoas, na incansável busca por ser aceito, adequado, preferido ou, nas palavras do mercado, comprável, além de se modificar com relativa rapidez, atende ao propósito do contexto.

Assim, embora as regras do jogo sejam as mesmas, as ilusões produzidas são distintas e relacionadas à necessidade do público consumidor, estabelecendo um “ambiente existencial que se tornou conhecido como ‘sociedade de consumidores’” (BAUMAN, 2007, p. 19). Neste ambiente, não é possível demarcar o que (ou quem) é a mercadoria ou o consumidor, uma vez que se trata de um sistema onde, para ser sujeito, é preciso ter sido mercadoria.

O dito popular “quem não é visto não é lembrado” é muito anterior às redes sociais a que se refere Bauman (2007) para introduzir seus argumentos. No entanto permanece atual e movimenta uma série de sensações e sentimentos, assim como alimenta a ilusão da necessidade de ser, não apenas lembrado(a), mas para além disso, desejado(a).

O mesmo tipo de desejo que estimula aos consumidores a comprarem “sapatos, saias ou acessórios” (BAUMAN, 2007, p. 21) em uma relação de ocultação do que o autor chamou de “substância demasiado humana” (BAUMAN, 2007).

Compreendo, ainda que em uma leitura inicial, que estamos vivendo um jogo de ilusões, que vem se transformando ao logo da história. Quando uma ilusão é desvelada, outra assume em seu lugar. Se fomos produzidos como sujeitos de uma sociedade do consumo, ávidos pelo que o mercado poderia oferecer de mais novo, orientados pela seta dourada, como bem definido em *A história das coisas* (2011), ocupamos demasiado espaço em nossas vidas como objeto/sujeito prontos para consumo.

A expansão do espaço virtual e a maior facilidade de acesso às informações, propagandas, modos de viver a vida, abriu uma nova frente do que é possível consumir. Ainda que se observe uma certa euforia pela transformação das pessoas que, supostamente, passaram a buscar outras maneiras de viver, com mais leveza, maior conexão com a natureza, praticando atividades físicas, compondo dietas mais saudáveis, buscando a espiritualidade, não se observa que tais mudanças venham gerando transformações significativas nas relações sujeito/objeto de consumo.

Uma busca rápida, sem filtros, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES com a expressão “qualidade de vida” resulta em 28.239 trabalhos. Nos últimos 5 anos, na grande área das Ciências Humanas, foram publicadas 896 teses e dissertações em que a qualidade de vida se apresentava como tema.

Ainda que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, qualidade de vida é “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”, não é possível afirmar que exista um consenso conceitual e, por esta razão, a maneira como é abordada ou descrita é, em geral, associada a interesses políticos ou científicos.

Assim, qualidade de vida acaba por ser associada à sensação de bem-estar e esta, por sua vez, parece estar diretamente relacionada ao grau de satisfação com a vida. Uma equação relativamente fácil, em uma realidade complexa, forjada por diferentes interesses e mecanismos de controle, pode se tornar uma inequação composta por incógnitas e variáveis que talvez não estejamos prontos ou em condições de resolver.

Dizer que o conceito de qualidade de vida é subjetivo exige dizer que está, também, condicionado a fatores que o próprio indivíduo ignora, mas que mantém sobre ele certo controle e orientação. Assim, de tempos em tempos, observamos que o espectro da qualidade de vida sofre variações que são determinadas, no macrocosmo social, pelos interesses de quem está no comando.

De propagandas de margarina com famílias felizes no café da manhã à exposição da vida privada nas redes sociais, as estratégias se mantêm no sentido de aprisionar-nos em um ideal de vida cuja busca pode provocar exatamente o oposto: processos de adoecimento, ansiedade e, em casos extremos, suicídio.

Há que se considerar, ainda, a etimologia do termo: “*qualitas*”, sua origem no latim, refere-se a uma característica de um modo de ser de algo, podendo ser, então, “boa

qualidade” ou “má qualidade”. No contexto de um país de desigualdades de diferentes ordens, como é o caso do Brasil, arrisco dizer que a boa qualidade de vida para uns implica em má qualidade de vida para outros tantos.

Neste sentido, basta pensarmos na rotina diária de trabalhadores, onde há pouco tempo para descanso, quase que nenhum tempo para atividade física, intervalos para refeições que não permitem uma refeição adequada, em local silencioso e sem pressa para se alimentar. No entanto, ainda que fossem oferecidas tais condições, que são compreendidas como necessárias à boa qualidade de vida, haveria o risco de que, preso nas ilusões das paixões, o indivíduo ocupasse boa parte delas para se colocar como produtor-consumidor nas redes sociais.

O desafio da Educação Ambiental não está apenas na luta por políticas públicas como forma de garantias, mas em encontrar caminhos para um outro mundo possível que passa, obrigatoriamente, por superar as ingenuidades que nos colocam como simples passageiros de nossas vidas.

Trata-se de pensar uma EA que busque estabelecer modelos políticos que contribuam para a felicidade, considerando a superação da ideia dos padrões de riqueza – aos quais estrategicamente fomos sendo adestrados para aceitar –, onde o modelo dos excessos nas mãos de poucos se mostra inviável neste planeta. Uma EA que nos ensine a viver saborosamente, em que a ideia de felicidade possível seja popular, democrática e que se maneje como princípio articulador das políticas públicas.

É necessário observar que o consumo e os modos de consumir se transformaram de tal maneira que a própria felicidade está à venda. É possível encontrar 24 milhões e 500 mil resultados para uma busca na internet com as palavras “felicidade” e “cursos” e no topo da lista está um curso da Universidade de Yale, o Ciência da Felicidade. Para encontrar informações sobre *coaching* para felicidade são disponibilizados 186 mil resultados.

Considero como importante, para esta pesquisa, evitar compreender consumo como sinônimo de compra. Nem sempre, em uma relação de consumo, o que está sendo consumido foi colocado à venda por valores econômicos e este parece ser um bom disfarce para o que, realmente, é a mercadoria em questão.

No período da pandemia por COVID 19 o uso da internet aumentou significativamente e, além de compras *on line*, a procura por cursos “explodiu”, conforme o site valorinveste.globo que apresenta como um dos motivos para este aumento a

necessidade de driblar o tédio provocado pelo isolamento social. O tédio provocado por não estar em ação, por perceber o vazio.

Para Birman (2012), a ação é a estratégia do psiquismo para expulsar o excesso presente no fundamento do mal-estar contemporâneo e, quando não liberado ou descarregado pela ação, irá explodir (em violência, por exemplo) ou implodir, o que coloca “em risco a ordem da vida” (BIRMAN, 2012, p. 185).

Compreender as patologias sociais e como se forjam nas individualidades parece ser necessário, uma vez que, cada vez mais, as pesquisas em EA abordam o adoecimento da sociedade. A questão, talvez, esteja em delegar ao outro, no caso, à sociedade, como um ente independente do indivíduo, a responsabilização pelo adoecimento. Neste sentido, assim como não basta compreender os mecanismos do oprimido, mas se faz necessário compreender como e o que opera nos opressores para entender que somos todos, em alguma medida, os que oprimem, também é necessário compreender a felicidade pelo seu oposto.

As dores da modernidade produzem doenças que embotam os sentidos e as capacidades da razão. As toxinas que se acumulam nos corpos também se acumulam no ambiente, e, ingenuamente, nos colocamos como o mal a ser combatido: a espécie humana como culpada de todos os males. A espécie humana da qual faz parte o outro, aquele que exclui e onde toda exclusão provoca uma compensação, que pode se manifestar como doença. Na sociedade, tais exclusões se manifestam como patologias sociais e a cura passa, obrigatoriamente, por olhar o que foi excluído.

Olhar, no entanto, é um exercício constante e apenas o estado de presença permite que a observação tenha o refinamento necessário para compreender. Tal estado de presença está diretamente relacionado com a relação estabelecida com o tempo. No entanto, “o jogo da vida é rápido, totalmente absorvedor e consumidor de atenção, tornando nulo o tempo para parar e traçar projetos elaborados” (BAUMAN, 2011, p. 124) como também é nulo o tempo para prestar atenção.

Arquétipos – que parecem ter deixado para trás o peregrino –, o Andarilho (para quem a vida é um passeio), o Vagabundo⁴⁸ (cada vez mais errante pela ausência de lugares para se assentar), o Turista (sempre em busca de uma experiência nova, vivendo o sonho de pertencimento) e o Jogador (que joga um jogo sem espaço para piedade, comiseração,

⁴⁸ Na tradução da obra de Zygmunt Bauman, o termo “vagabundo” está associado ao errante, o que vagueia sem destino certo.

compaixão ou cooperação), se convertem em quatro estratégias de vida pós-moderna que “tendem a tornar as relações humanas fragmentárias [...] e descontínuas” (BAUMAN, 2011, p. 137), que colocaram “a autonomia individual em oposição à responsabilidade moral [...] e afastaram uma grande área da interação humana, de fato a mais íntima entre elas, do julgamento moral” (BAUMAN, 2011, p. 138).

A aproximação deste impulso moral significaria estar engajado no destino do outro, assumindo responsabilidades e compromisso com seu bem-estar, não se movendo, apenas, pelo interesse que o outro possa nos despertar. Ou ainda, movendo-se de interesse em interesse.

O espaço de tempo entre um interesse e outro é o tempo que os indivíduos se dedicam a jogar, e as necessidades – comumente confundidas com desejos – buscam suas satisfações no presente, pois na distância do futuro elas podem estar obsoletas. Há urgência em viver: andarilhar, vagabundear, turistar, jogar, na ânsia por encontrar os caminhos para a construção de processos que garantam qualidade de vida ou, nas palavras de Bauman (2011), processos que garantam “mais felicidade [...] daqueles cuja sobrevivência já foi garantida” (BAUMAN, 2011, p. 109).

Recorda-te de que, ainda que sejas de natureza mortal e com um limite finito de vida, te debruçaste, mediante a investigação da natureza, no que é infinito e eterno, e contempleste o que é agora, será e sempre foi no tempo transcorrido (EPICURO, 2006, p. 114).

Uma compreensão de tempo linear, onde o futuro é uma alça do presente se opõe à cosmovisão de um tempo circular, presente em povos indígenas, onde a vida se “desenrola” em um ir e vir que permite aprendizagens que somente são possíveis quando da vivência. Nesta perspectiva, o reencontro está sempre marcado, ainda que sem hora prevista, e o tempo transcorrido está sempre a favor daquele que o contempla.

Diferente de um tempo circular, onde passado e futuro estão no presente, onde caminhamos vivamente para a morte, não é necessário correr. Neste tempo está o espaço para Ser Mais, como observado por Paulo Freire a respeito de nossa condição ontológica. No ato de viver este tempo, que se desenrola conjugando os tempos de Cronos e Kairós, pode ser possível à razão, imaginar e criar outro fim, superando a lógica de um modelo mental cartesiano que, embora necessário, se mostra insuficiente para explicar os aspectos sutis da existência humana.

Embora Mauro Grün (2000, p. 32) afirme que “o projeto ‘moderno’ de Bacon fracassou, a humanidade não se tornou inteiramente livre por meio do desenvolvimento da ciência [...]” mas foi (a humanidade), seduzida pelo presente do fazedor de machados (James Burke e Robert Ornstein, 1995). Na incerteza provocada pelos ataques à Igreja, em um período de agitação intelectual, a humanidade (da Europa) se encontrava desorientada e era necessário estabelecer uma nova ordem, oferecendo certezas e reorientando o modo de vida.

O controle se desloca, então, da Igreja para a Razão, orientada pelo método, instrumental e politicamente correto (BURKE e ORNSTEIN, 1995) e, por este motivo, acessível apenas aos que dominassem os instrumentos e fossem integrantes de um *status* social que permitisse acessar os fatos, onde residiria a verdade.

Tendo as terras do novo mundo – *Abya Yala*⁴⁹ – como parâmetro, Bacon afirmava que as diferenças entre a sociedade civilizada da Europa e os selvagens não estava no tipo de solo, clima ou raça, mas nas artes, sendo estas o modo de produzir conhecimento baconiano (BURKE e ORNSTEIN, 1995). Um novo método para regular e controlar pensamentos estava surgindo, e em conformidade com um novo ideal de sociedade: uma sociedade controlada pelo tempo.

Assim como outorgamos nossas vidas às paixões, alienamos nossa vida ao domínio do tempo que age sobre nós. Nas palavras de Edgar Morin (2003, p. 95) “[...] a aceleração invade todos os setores da vida. A própria velocidade vai sempre mais depressa.” E o tempo do relógio, que determina os tempos em que cada ação é permitida, assim como o tempo que é a memória, que determina o que somos na execução de nossas ações humanas, nos mantém presos à ilusão da dependência do Tempo.

Nos tornamos o *coelho de Alice*, sempre atrasados para alguma coisa e nunca podendo saborear a xícara de chá, pois a entrega ao prazer de viver não contribui para a construção de uma sociedade de princípios sólidos e uma ciência objetiva⁵⁰. O prazer está na ordem da subjetividade e é nesta subjetividade que transita nossa breve existência. Breve, por ser finita e temporal.

E aí reside uma de nossas maiores dificuldades: uma existência temporal somente pode compreender as coisas que se apresentam dentro de uma perspectiva dos domínios

⁴⁹ Termo utilizado por vários povos indígenas para se referir ao continente americano.

⁵⁰ Uma referência ao ideal da sociedade moderna, que, supostamente, deixa para trás a barbárie da Idade Média.

do tempo, e como compreender uma condição atemporal, como a felicidade, se nossa memória é constituída de tempos passados e o presente é apenas um acesso para o futuro?

Nossa mente, nossas atividades e nosso ser são fundados no tempo. Sem o tempo não podemos pensar, porque o pensamento é resultado dele, é o produto dos dias que se passaram, e não há pensamento sem memória. Memória é tempo; por conseguinte, há dois tipos de tempo: o cronológico e o psicológico. Há o tempo de ontem, indicado pelo relógio, e o ontem que vem por meio da memória (KRISHNAMURTI, 2020, P. 128).

A compreensão do tempo é necessária para que possamos compreender os processos que se forjam a partir dele e que, ainda que de maneira inconsciente, orientam os modos de ser. Na busca por uma condição de vida autêntica, é necessário ressignificar a relação com o tempo, seja ele o cronológico ou o psicológico. O tempo memória, elaborado na mente, é constituído pelas experiências, que se manifestam em lembranças e estas, por sua vez, podem se consolidar como pensamentos e crenças que orientam nossas vidas.

Assim, capturar os indivíduos apenas nas redes do tempo do relógio já não parece tão eficaz – como o foi no passado – se não houver, também, a captura do tempo psicológico e afetivo, onde se provoque um esvaziamento da temporalidade, como categoria psíquica.

Na perspectiva do tempo-relógio, as 24 horas de um dia tornam-se horas com potencial produtivo, visto que a escuridão da noite é combatida com a iluminação artificial. Da mesma forma, permanecer acordado até *Altas Horas* confere um *status* especial ao indivíduo, uma vez que ele não precisará acordar cedo para trabalhar no dia seguinte. E o sono, um dos pilares para uma vida saudável e feliz, é comprometido, comprometendo processos biológicos de homeostase que só acontecem durante a noite.

Da mesma maneira, o tempo-relógio é capturado nas jornadas de trabalho onde a produção de um final de período é a meta, o objetivo perseguido e esta é uma das estratégias de captura do tempo psicológico. Na perspectiva do tempo psicológico, a sua captura impede a simbolização necessária à produção de sentidos. Sem produzir sentidos, o indivíduo está sujeito a um mundo onde não poderá criar mediações, encerrando sua existência em si mesmo.

Conforme Atuq Eusebio Manga Quespi (2020), na compreensão ocidental, o tempo se expressa como uma quarta dimensão, subjacente a um espaço tridimensional,

na civilização andina o conceito de tempo está associado ao conceito de espaço, expresso pela palavra *Pacha*. Isto significa dizer que, dois estados, aparentemente excludentes, se encontram expressos em uma mesma concepção. Mujica Bermúdez (2016), dedicou estudo à compreensão de *Pacha* como uma categoria englobante e que, no geral, está relacionada à experiência que um pessoa tem do lugar onde vive e das percepções que tem das mudanças cíclicas que ocorrem na natureza e, nesta leitura, se encontram, respectivamente, espaço e tempo.

O autor acrescenta que “a população andahuaylina consideram *pacha* como a existência que está em relação a outros seres” (MUJICA BERMUDEZ, 2016, p. 212), o que indica a complexidade a que se refere a palavra que dialoga com diferentes dimensões do ser que habita um espaço e um tempo:

[...] *pacha* (grifo do autor) é complexa na medida em que designa o espaço com todas as suas matizes e também indica o tempo em suas diversas modalidades e segmentações. A isto é necessário juntar as concepções intersubjetivas que apresentam o termo *pacha*, não somente para indicar as identidades das pessoas, como também a identidade mesma do indivíduo [...] e é uma matriz da identidade do ser humano, que hoje se poderia identificar com os direitos humanos (MUJICA BERMUDEZ, 2016, p. 235. Tradução livre).

Compreender o tempo e o espaço como uma mesma estrutura também foi tarefa empreendida por Einstein que, entre outras conclusões, afirmou que a velocidade do movimento afeta a percepção do tempo. Mover-se no espaço é, também, mover-se no tempo e, isto reforça a complexidade de *pacha*, ao mesmo tempo que sinaliza uma possibilidade para desacelerar.

Vislumbramos a possibilidade de sermos *Senhoras e Senhores do Tempo*, mas, ainda assim, na perspectiva de usar o tempo, raramente de desfrutá-lo e permitir-se deixar-ser-com. Estamos longe de alcançar a entrega humilde e alegre de Mestre Oogway⁵¹, onde a prática científica pode incluir, também, “a paixão e o hábito, a teimosia e a luta, a fé e a intuição.” (CUPANI, 1989, p. 14).

Carregamos uma culpa inconsciente que nos coloca, a todo tempo (relógio ou psicológico), em movimento, em produção, em ação e atuação. E, movidos pelo que

⁵¹ Mestre Oogway é uma personagem da animação Kung Fu Panda (DreamWorks Animation). O mestre é representado por uma tartaruga que, ao cumprir sua tarefa na existência, compreende que é hora de encerrar o tempo de sua presença no mundo.

desconhecemos, elaboramos nossos modos de ser e estar no mundo, revelando, nas relações sociais, escolhas mobilizadas por questões cuja resposta se inscrevem no *ou isso ou aquilo* e desperdiçamos muito de nosso tempo tentando justificar escolhas por um lado ou outro. Travamos nossas discussões sobre rosa e azul e desconsideramos as nuances e desdobramentos de cor que levam o rosa a ser azul e o azul a ser rosa, ao modificar a frequência e a luz que as ilumina. Desconsideramos o caminho entre um ponto e outro, como se fossemos o descrito pela ciência escolar nas fases iniciais: seres que nascem, crescem, reproduzem e morrem, sem compreender que nos deslocamos por este tempo que julgamos ser nosso algoz, pronto para nos retirar o que temos de mais precioso. Vivemos na nostalgia dos bons tempos e na expectativa dos dias melhores que virão.

No entanto, se considerarmos *pacha*, o espaço-tempo e, em uma concepção subjetiva, associar à categoria de um direito humano, podemos compreender que existimos no tempo presente porque ocupamos um espaço e, portanto, somos nós, quem nos deslocamos no tempo e não o tempo que passa. Nesta leitura, o tempo é uma ilusão em que fomos brilhantemente aprisionados, e vivemos em um *looping* eterno.

Ora, se o cartesianismo nos obrigou à exclusividade da razão, o arcaísmo, discutido por Mauro Grün (2000), parece ter nos levado à exclusividade da emoção, romantizando um tempo e um modo de ser que nos situaria às portas do Éden, o paraíso perdido pelos pecados do conhecimento. Desde os tempos em que Eva se rendeu às palavras da serpente e provou do fruto proibido – a árvore que estava ao meio do paraíso (BÍBLIA, 1979) – a humanidade do ocidente parece estar sentenciada a escolher entre o bem e o mal. O que nos coloca, definitivamente, na histeria da dualidade que reforça a ideia de um tempo a que precisamos voltar: o tempo em que tudo era bom, o tempo em que o fruto da árvore proibida não tenha sido experimentado. Vivemos à espera do retorno ao paraíso, mas, para merecê-lo é preciso passar pelas dificuldades da vida e viver do suor do próprio rosto.

O esquecimento do passado nos convoca a uma aceleração do tempo (PEREIRA, 2016), uma urgência do hoje, o que tem como forte aliada a internet, com a promessa do mundo em um *clique*. Não se trata, no entanto, de uma urgência de vida, de permitir que o fogo interno seja nutrido para a manifestação da potência criadora que cada ser carrega em si, mas de um passar pela vida, fazendo o que precisa ser feito para conquistar o que precisa ser conquistado, no tempo que *insiste em passar*.

Um tempo que *insiste em passar* e que, talvez, não dê a opção de fazer o que precisamos fazer ou ter o que desejamos ter. O medo da morte já não se manifesta pelo medo de acertar as contas com um deus punitivo, mas, de partir deixando de conquistar coisas ou deixando desamparados os seus – o que provoca um percebido aumento nas vendas de seguro de vidas nos últimos anos.

Buscamos a serenidade e paz de espírito, em uma sociedade onde o medo e, por consequência, a insegurança, tem sido dois dos principais mediadores das relações, entre os indivíduos e destes com o mundo. Ao mesmo tempo em que o medo se manifesta, cada vez com mais força entre as pessoas, há um processo de individualização em crescente estruturação. Para Martin Buber (2006), afirmando apenas a si mesmo, o indivíduo esquece do outro e, é, segundo o autor, na comunidade, nas relações, que o homem se realiza.

A companhia dos amigos, estar junto das amizades, para Epicuro, seria o que há de mais fecundo, agradável e seguro: “Não provamos nosso sentimento ao amigo, compartilhando as suas lamentações, mas sim com nossa ajuda ativa” (2006, p. 79). As amizades exigem tempo e este, alienado aos objetivos de futuro, não está disponível para qualquer um, o que nos leva, como seres sociais, a construir relacionamentos nos espaços de trabalho, onde dedicamos grande parte das horas de nossos dias. De certa maneira, além de atender a uma necessidade biológica humana – a de se relacionar –, também contribui para otimizar o tempo. Como coelhos de Alice, não temos tempo, estamos sempre atrasados para algo e, nem sempre temos clareza do que é.

Assim, otimizar o tempo passa a ser um mantra de maximização de produtividade e, estar com outras pessoas pode significar “relaxar da carga pesada e extensa da semana”, não raro acompanhado de bebidas alcoólicas, para o mesmo fim⁵².

Fomos sendo convencidos, ao longo de décadas, que o *tempo é dinheiro* e, por ser dinheiro, não se deve desperdiçar, mas esquecemos que *tempo é vida*. Não à toa, os relógios contam as horas para frente, os dias do mês contam-se me ordem crescente: assim, não somos, a todo tempo, confrontados com a hora do término e somos, sempre, inspirados pelo que está por vir.

Temos sido objetos de diversos experimentos sociais que mostram o quanto somos

⁵² Estudos recentes, e em andamento, apontam o aumento do consumo de bebidas alcoólicas dentro de casa, em função da pandemia por COVID 19. O alerta feito por alguns pesquisadores é o de que este tipo de consumo pode contribuir para que crianças e adolescentes construam crenças normativas de que beber é um ato cotidiano. Não há evidências de consumo seguro de álcool.

capazes de resistir até a parcial ou completa aceitação da realidade que nos é imposta como necessária e que, pouco a pouco, passa a ser a realidade desejada. Tais experimentos não são novos e podem ser localizados na história em diferentes momentos e, deixo à leitora e ao leitor, a tarefa de fazer tal exercício. No entanto, convido a fazer a leitura do momento em que vivemos: após a instauração do medo e do afastamento social, pela pandemia por COVID 19, vimos crescer manifestações de ansiedade e pânico e acompanhando tal crescimento, foi também observado o aumento da venda de antidepressivos.

Fomos, não apenas confrontados com a possibilidade da morte que, por ser nossa única certeza, é mantida à distância, mas, também, com a necessidade de isolamento/afastamento social. Nos foi imposto, e desenvolvemos medo de estar com o outro e isto, por si, basta para estabelecer novas maneiras de mediação no mundo. O outro passa a representar um novo tipo de ameaça, que transforma profundamente a maneira com que nos relacionamos.

A sensação de insegurança ganhou novas motivações e, neste sentido, Bauman (2022) refere que, estar entre os que nos fazem sentir segurança e confiança, é o que gostaríamos de viver. Ele se refere à comunidade como um lugar cálido, de proteção e aconchego e discorre acerca das comunidades com que sonhamos e as realmente existentes, diferenciando-as. As comunidades com que sonhamos se aproxima da compreensão das amizades de Epicuro que afirmava que a natureza nos criou para a comunidade e que devemos ser “levados à amizade menos pelo desejo daquilo que exigimos dos nossos amigos, que pela necessidade da esperança de podermos fazer tal exigência” (2006, p.76). Por outro lado, as “comunidades realmente existentes” nos colocam em uma condição de endividamento, onde nossa liberdade é hipotecada em nome da segurança.

Liberdade e segurança foram se tornando inversamente proporcionais à medida que novas maneiras de organizar a sociedade foram sendo elaboradas e colocadas em prática. Se a segurança implica em perda de liberdade, a liberdade total coloca em risco a segurança. Gradativamente, homens e mulheres foram sendo afastados dos meios e fins aos quais atribuíam sentidos e alocados em meios e fins aos quais não podiam vincular suas emoções. Tal mudança, nas narrativas apresentadas por Bauman (2022), conta do processo de transformação social da chamada Revolução Industrial e na formação do Estado-nação.

Camponeses e artesãos passaram a outorgar suas vidas a um patrão e isto lhes permitiria viver com despreocupação e com a certeza de proteção, com suas necessidades de sobrevivência atendidas. Este movimento se converteu em “um esforço consistente de substituir o ‘entendimento natural’ da comunidade de outrora” (BAUMAN, 2022, p. 30).

O ideal de comunidade se afasta da possibilidade de realização à medida que, aqueles que detém o poder e o controle, precisam cada vez menos delas, à medida que o ideal da individualização ganha novos status, que novas causas de insegurança se instalam e as identidades individuais se sobrepõem. O esvaziamento do ideal de comunidade permite que uma nova ética regule as relações, que já não é mais o que Epicuro orienta: “não faças na vida algo que te cause medo se teu vizinho vier a sabê-lo” (2006, p. 79) ou o que podemos chamar de a ética do vizinho.

Ainda sobre comunidade, considero oportuno refletir acerca da compreensão de sociedade para Norbert Elias (1990), que descreve uma distinção existente entre indivíduo e sociedade, nascida da dicotomia entre indivíduo e objeto e que coloca o indivíduo como um ser independente e autossuficiente e a sociedade, como algo completo em si. Esta noção de um indivíduo que faz parte de uma sociedade coloca o primeiro em um lugar solitário, como parte e, sendo parte, cai sobre ele o peso de se destacar o que fará, provavelmente, competindo. Esta sociedade, separada do indivíduo, se apresenta como uma estrutura fechada, com limites definidos, onde deve reinar a estabilidade e a harmonia.

Uma ética fundada na relação com o sucesso passa a governar, de maneira tirana, onde tudo é válido pelo dinheiro ou fama: a ética do sucesso. E o reconhecimento pelo trabalho é medido pelo salário – ou pela quantidade de likes⁵³ –, de maneira que, tanto o tempo, quanto os esforços hipotecados têm um valor monetário, porém o esforço e o tempo de alguns, vale mais que o de outros e, a contribuição para o bem-estar de todos, fica reduzida a melhor remunerar trabalhadores. Tal visão contribui para melhorar a qualidade de consumidores, aumentando o chamado poder de compra, mas é uma noção reduzida e fragmentada do significado do tempo e do esforço humano empreendido, além de reforçar a ideia de que bem-estar, qualidade de vida e, por consequência, a felicidade, só é alcançada pelo poder de compra.

Edgar Morin, alerta que “é necessário considerar a regulação internacional do

⁵³ Referência à redes sociais, onde vêm crescendo um novo mercado, onde parte do sucesso é medido pela aprovação dos que visualizam o conteúdo.

crescimento e da competição econômicos, e promulgar normas de vida que comportem os direitos do tempo humano” (MORIN, 2003a, p. 149), preparando, assim, a necessária desaceleração, recuperando o sentido de *pacha* na sociedade ocidental. Nesta senda, recupero, então, o conceito de comunidade andino, onde o tempo encontra um lugar de centralidade. Para o povo andino, os direitos do tempo humano (Morin, 2003a) se encontram imbricados aos direitos do tempo não humano, estabelecendo uma relação de reciprocidade e complexidade que desafia o modo de pensar ocidental. Ler os sinais da natureza exige uma relação íntima, que somente é conquistada por quem vive sendo parte e, não apenas compreende, mas *É e Está* na natureza. Esta natureza é *Pacha Mama*.

É para esta *Pacha Mama* que são entregues oferendas. Compreender este conceito de *Pacha Mama* me ajudou a entender por que as tendas que vendem artefatos para oferendas são parte importante do mercado modelo e, porque Rocio, sendo uma mulher “das oferendas” carregava um discurso tão social e político: espiritualidade e sociedade são partes de um mesmo corpo e não há misticismo nessa relação. Ainda que mediada por mitos e contos, a relação deste povo com *Pacha Mama*, além de espiritual, biológica e física é, também, social (GUDYNAS, 2019).

Há, nesta relação, o reconhecimento da existência de um “entre partes”, onde as personagens não são demarcadas por limites fechados, como um ser *Homo religious*, *Homo demens*, entre outros, também estáticos e universais, mas indivíduos cujos poros se comunicam entre si, por laços invisíveis e, neste comunicar, transformam uns aos outros. Nesta compreensão, a sociedade é uma teia aberta onde “a rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga” (ELIAS, 1990, p. 249).

E este processo se dá pelo encontro com o outro. Do trabalho do Professor Luis Mujica Bermúdez – e em minhas observações em Andahuaylas – capturo uma afirmação que explica sobre uma ameaça que ronda a vida das pessoas: ficar só. Em suas palavras, “Se uma pessoa ou comunidade fica só (*chulla*⁵⁴) por alguma razão, ela espera que a companhia se reconstitua de alguma maneira. Não há comunidade que viva só, pois ela necessita de outras organizações e comunidades para existir.⁵⁵” (MUJICA, 2014, p. 44.

Tradução livre)

Para Eduardo Gudynas (2019),

⁵⁴ Palavra em Quechua.

⁵⁵ Si una persona o comunidad se quedara chulla (sola/o) por alguna razón, ella espera que su chullan (su pareja) se reconstituya de alguna forma. No hay comunidad que “viva sola”, pues requiere de otras organizaciones y comunidades para subsistir.

O conceito andino de comunidade também é diferente de sua interpretação ocidental. Enquanto no Ocidente esta é interpretada como uma categoria social, representada por grupos de pessoas que têm relações estreitas entre si, ou que se sentem arraigadas a um mesmo território, algumas posturas andinas são muito mais amplas. Na verdade, nelas estão as pessoas, mas também se incluem seres vivos não humanos, como certos animais ou plantas, alguns elementos não vivos, particularmente montes ou montanhas, e os espíritos dos defuntos. (GUDYNAS, 2019, p. 142)

Neste sentido, estar só, pode estar além não ter companhia, podendo equivaler à ausência de complemento, à impossibilidade de realizar-se como Ser, como *Runa*. Se estabelece, assim, uma relação íntima, onde é possível ler os sinais da natureza e disto, no caso do povo andino, depende a sobrevivência. Antecipar situações, saber como mitigar seus efeitos, saber-se capaz de resiliência, são algumas das características necessárias às comunidades que convivem com situações ambientais extremas.

No entanto, a perda da sensibilidade estética, dos valores e da ética (GRÜN, 2000) contribuíram para que perdêssemos a habilidade de ler estes sinais da natureza (MUJICA, 2016), de voltarmos ao ser, e, por consequência, reforçamos o lugar indivíduo-natureza em uma relação de subordinação.

Nestas relações de subordinação não há reconhecimento do que está entre-partes, pois a noção dicotômica – onde ao se estar a favor de um, automaticamente, se está contra o outro – estabelece limites fechados e, ou se está dentro ou se está fora e, para estar dentro, é preciso correr, se resignar, falsear e mentir para si mesmo, encarcerar as dimensões sensíveis.

Esta mesma relação se inscreve na emergência da consciência que, para Paulo Freire (2007), se dá simultaneamente ao mundo e, à medida que os homens vão refletindo, sobre si mesmos, sobre as coisas, vão ampliando seu campo de percepção e novas matizes se apresentam sobre os panos que encobrem as “visões de fundo” (FREIRE, 2007). A este movimento Paulo Freire chamou de conscientização, onde as pessoas se colocam em reflexão sobre si e sobre o meio em que vivem e isto lhes resgata a vocação de sujeitos. Também, ao que parece, para Freire, as relações que constituem o ser, se dá nas entre-partes.

5.3 VERDADE E LIBERDADE: ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS À PROFUNDIDADE DOS SENTIDOS

Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. (BÍBLIA, 1979)

Na passagem bíblica, que narra uma das conversas de Jesus com os fariseus, ao afirmar ser a luz do mundo, Jesus recebe como resposta de seus interlocutores a dúvida sobre sua palavra. Dizem os fariseus:

Tu dás testemunho de ti mesmo; logo, o teu testemunho não é verdadeiro. Respondeu Jesus e disse-lhes: Embora eu dê testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim e para onde vou, mas vós não sabeis donde eu venho, nem para onde vou. (BÍBLIA, 1979)

Os fariseus eram, naquele tempo, os guardiões da verdade, pois eram os responsáveis pela lei escrita, escrevendo-a, interpretando-a e, aplicando-a. De um guardião da verdade, impressa na lei escrita, não se poderia esperar que aceitasse a afirmação de um homem que se proclamava a “luz do mundo”, ou qualquer homem que tivesse atribuído sentido a sua existência – as palavras de Jesus expressam seu conhecimento de si mesmo: “Porque sei de onde vim e para onde vou” – e vivesse conforme leis por ele desconhecidas.

Para caminhar na direção das reflexões finais desta tese, trago estes dois escritos bíblicos, que compreendo que possam contribuir para pensar os processos de objetificação a que foram – e são – submetidas todas as coisas alheias à nossa compreensão, de maneira que pudessem – e possam – ser controladas pelo conhecimento humano: a existência de uma verdade e a iluminação da razão, inaugurando *status* de saber.

Enrique Leff (2011), faz uma crítica ao conceito hegemônico de verdade, anunciando-a como uma via interpretativa, de onde:

[...] abre-se uma reflexão crítica sobre os fundamentos e os sentidos do conhecimento; sobre suas fissuras e seus fracionamentos; sobre a possibilidade de reintegrar conhecimentos e saberes que, mais além do afã retotalizador das visões holísticas e os métodos sistêmicos, abra uma via de reapropriação do mundo pela via do saber. (LEFF, 2011, p. 313)

Um saber ambiental, como manifestação da insurgência dos saberes considerados não científicos, que foram subjugados e encarcerados nas “masmorras do intelecto” (CIRQUEIRA, 2018, p. 7), por um lado negligenciados, por outro, usurpados e convertidos a serviço de um conhecimento dominante.

Ciente de que a afirmação de que “Eu escolho Ser livre. Eu quero a Verdade”, que expressei inicialmente, assim como a passagem bíblica com que anuncio as reflexões deste texto, podem provocar estranhamento acadêmico e, inclusive, julgamentos – talvez porque narrativas anteriores tenham forjado as condições ideais para que a verdade venha acompanhada do escárnio, do menosprezo – considero oportuno anunciar a que verdade me refiro, amparada pela assertiva de Leff, como sendo esta verdade, uma “via de reapropriação do mundo pela via do saber” (2011, p. 313).

Compreendo o estranhamento, assim como compreendo, inclusive, reações pouco amistosas com relação à possível existência de tal verdade, como uma manifestação das crenças instaladas em nós, as parcialidades a que temos nos apegado, talvez pelo avanço da ciência na direção da superação da verdade. Uma verdade compreendida como um objeto de domínio e um instrumento de poder sobre aqueles que não podem alcançá-la e, que se apresenta como uma invenção social e econômica, parece-me uma excelente justificativa para que, ao se conhecer novos modos de estruturar a sociedade, seu conceito – resultado do sentido a ele atribuído – entre em declínio.

Uma narrativa, com apropriação das palavras (in)adequadas, para forjar um modo de pensar e estabelecer um novo padrão de pensamento. Mas, e se, por um segundo que seja, pudéssemos afastar o véu, o que iríamos vislumbrar poderia ser o que nos levaria de volta para casa, nos libertaria da masmorra sutil em que nos encontramos cativos ou encontraríamos o que nos arrancaria do lugar confortável que construímos com nossas próprias narrativas?

Meu convite é por observar e questionar nossos próprios padrões, pensamentos, crenças e condicionamentos, valores e narrativas, na certeza de que, em grande parte, foram construídos em estados de manipulação, desde a nossa infância e que, na tentativa de manter-nos seguros naquilo que nos é conhecido, alimentamos como verdades. A Verdade que busco, e que me disponho a aceitar, está conectada à fonte, sintonizada ao vasto reservatório de energia superior que anima nossas vidas. Ainda que contrarie tudo que me é confortável e, que, não se encontre expressa nesta tese, mas que seja na direção dela que eu caminhe.

Esta Verdade está aderida, muito mais às ausências, do que às presenças: relaciona-se aos silêncios, àquilo que não é expresso e se envolve do mistério. Tem na linguagem sua principal via de invisibilidade e, ainda que isto pareça contrário ao que temos defendido, especialmente na Educação Ambiental, a denúncia e o anúncio verdadeiros podem se esconder, por muito tempo, nas vozes, nas palavras que impõem limites ao que desejamos (ou não) comunicar.

Os limites da linguagem não me permitem, inclusive, oferecer a quem lê este texto, sentir o mesmo que senti estando em Andahuaylas. Posso, com as palavras, no máximo, comunicar o que vi, contar do que senti, mas, de maneira alguma provocar as mesmas sensações. O que está ao meu alcance, no entanto, é viver minha vida orientada por tais sentimentos e conhecimentos e, assim, provocar a outros para encontrem esse lugar em sim mesmos.

Voltando à questão da verdade: refiro-me à verdade que está acima do desejo de estar certa(o), aceitando a condição de quem está em um movimento cíclico de aprender. Me movimento, porém, nas pistas de pensamentos que defendo, que orientam minha jornada, pois de outra maneira, a busca seria insossa, sem sabor, sem o desejo apaixonado de caminhar por ela e chegar a algum lugar. Assim me movimento, com uma única certeza: em algum momento posso ser confrontada em minhas verdades e preciso estar pronta para aceitar que elas não são minha morada.

Poderia, ainda ir mais longe, buscando o desenvolvimento das sociedades que ignorou a humanidade já existente, consideradas arcaicas (MORIN, 2003) e como a nova organização em reinos e impérios com suas divisões de classes, trabalhos e, inclusive, religiões, subjuguou todo o conhecimento que a antecedeu e instaurou novas verdades, lembrando que, “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza.” (MORIN, 2003, p. 59)

No entanto, seleciono palavras que, desejo, transcendam o julgamento da religião ou o que em nome dela tenha, e permaneça, sendo feito para destruir e silenciar, mas que nos permitam dar sentidos há muito perdidos ou abandonados em nome deste, que se supõe desenvolvimento – compreendido como o que supera o anterior e, por esta razão é melhor – e, assim como Morin (2003a), entendo que viver melhor exige mais do que uma aposta no desenvolvimento, especialmente quando este é apenas sinônimo de crescimento econômico,

É preciso dialetizá-la com a ideia de envolvimento e de involução, que significa retorno à origem ou ao mundo anterior, mergulho nas profundezas do ser, remergulho no antigo, reiteração, esquecimento de si, introjeção quase fetal num banho amniótico beatificante, imersão na natureza, reencontro com os mitos, busca sem objetivo, paz sem palavras. (MORIN, 2003a, p. 107)

É preciso mais do que a confortável ideia da superação ou abandono dos saberes anteriores, considerados inferiores e ultrapassados, para compreender como chegamos – enquanto sociedade – até aqui e, assim, avaliar em que condições chegamos.

Isto significa, abrir mão de certezas e, por vezes, aceitar que o oposto é complementar e dispõe de elementos e instrumentos que não estão presentes em nosso modo de ser e fazer e que, ainda que não estejamos dispostos em assumi-los, e deles tomar parte em si, é necessário considerar que existem e orbitam nos horizontes da existência humana. E, quando nos faltam outros horizontes, estaremos presos aos que conhecemos.

É nesta perspectiva que transito nos elementos que dão forma ao corpo limitado desta tese – ou de um texto que a pretende ser – sabendo-a obra de uma humana, inconclusa, incompleta e em constante movimento. Éter, ar, terra, água e fogo se encontram, se complementam, se potencializam e se enfraquecem linha a linha e, em palavras, transcendem o pretensioso texto, para tornarem-se vivas. E, por serem vivas, estão elas, também, à mercê dos novos saberes e dos velhos, com novas interpretações.

No entanto, dos encontros com diferentes saberes e múltiplos horizontes, busquei enunciar contribuições possíveis da felicidade de Epicuro para a Educação Ambiental e, as apresento na sequência.

Considerei oportuno abordar a questão da verdade – uma questão perigosa em se tratando de uma pesquisa que se pretende fenomenológica hermenêutica – por sua inadequada associação à certeza totalitária. No entanto, trato da verdade como fenômeno da incerteza, onde a novidade deve ser recebida com admiração e cuidado, em uma perspectiva de abertura e não, simplesmente, suplantando a anterioridade, como exemplificado no exemplo de desenvolvimento, confundido com progresso.

Neste movimento circular, observei a compreensão do tempo e como o sentido construído alterou significativamente os modos de existência, alienando homens e mulheres à uma sutil escravidão. Uma escravidão que acorrenta aspectos da ordem do sutil e cuja libertação exige uma mudança profunda nas relações por ele orientadas. Epicuro não dedicou grande parte de sua doutrina ao tempo, no entanto, este não passou despercebido ao filósofo que alertava que “quem menos sente a necessidade do amanhã

mais alegremente se prepara para o amanhã” (EPICURO, 2006, p. 110), sinalizando a importância de não se corromper o presente em nome do desejo do que há por vir.

E ele o fez, sempre, reiterando a importância do tempo com os amigos, aqueles com quem podemos fazer pactos de justiça, onde nos sintamos seguros e protegidos e, talvez, nesta relação, estejam as bases da comunidade com que sonhamos, onde indivíduo e sociedade não são categorias antagônicas nem se diluem a ponto de desqualificar o que há de plural no indivíduo. Se vislumbramos possibilidades de Ser Mais, é necessário que estejamos atentos, pois, ao passear levianamente do Coelho de Alice aos caminhos que nos conduzem à Mestre Oogway, corremos o risco de que a Rainha de Copas nos corte a cabeça ou que, o desejo de ser herói, nos corrompa o coração

6 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL INSPIRADA NA FELICIDADE DE EPICURO

E consideramos um grande bem o bastar-se a si próprio, não com o fim de possuir sempre pouco, mas para nos contentarmos com pouco no caso em que não possuamos muito, legitimamente persuadidos de que desfrutam da abundância do modo mais agradável aqueles que menos necessidade tem, e que é fácil tudo o que a natureza quer e difícil o que é vaidade. (EPICURO, 2006, p. 109)

Nos vãos entre o desenvolvimento da ciência da Ayurveda – uma medicina da sabedoria dos povos – e a reflexão na complexidade de Edgar Morin, estabeleci pontos de parada em Epicuro, para quem o conhecimento do novo exige “registrar exatamente a percepção dos nossos sentidos e qualquer observação momentânea em geral, logo ela se dê na nossa mente ou numa outra faculdade de conhecimento, e, do mesmo modo, qualquer sensação.” (EPICURO, 2006, p. 48)

Sensações que somente são possíveis pelo conjunto alma-massa de átomos (o corpo), na compreensão de Epicuro ou, ainda, pela existência do ser no mundo, para Freire. Estamos em constante exercício de existir, equilibrando-nos na impermanência e, por vezes, lutando contra ela ou, ainda, entregando-nos a “seguir a velha crença dos deuses [e] deixar-se dominar pela ‘predeterminação’ dos filósofos da natureza [...]” (EPICURO, 2006, p. 42), culpando o acaso pelos seus males, mas raramente dando-lhe crédito por nossos sucessos.

Na elaboração desta tese, caminhei no sentido de compreender a felicidade para Epicuro, atualizando as reflexões de minhas interpretações deste filósofo com o diálogo junto a outros autores como Edgar Morin, Friedrich Schiller, Enrique Leff, Joel Birman, a ciência milenar da Ayurveda e, com pessoas, autoras de suas próprias histórias, para construir um suporte que contribua para pensar a felicidade, o consumismo, o hedonismo atual e a qualidade de vida.

Ao propor a questão que orienta este exercício de pesquisa: “como o conceito de felicidade em Epicuro nos ajuda a repensar o consumismo como forma de hedonismo atual, tendo em vista da qualidade de vida ambiental” entendi que seria necessário problematizar expressões recorrentes em pesquisas, como qualidade de vida e consumo, por considerar que somos levados à deriva, nos pensamentos de outros, em questões que consideramos menores ou já suficientemente explicadas e que, portanto, retornar a elas seria retroceder na pesquisa.

Mas, para além dos significados e interpretações da palavra em referenciais teóricos, senti a necessidade de escutar as pessoas pois, ainda que a felicidade seja um tema que me promova agitação, tenho considerado com muita seriedade a assertiva ayurvédica de que “todas as atividades têm como objetivo a felicidade de todos os seres vivos” e, como filha de *Pachamama*, composta dos mesmos elementos que compõem todos os meus irmãos e irmãs, não poderia encerrar em mim, e em livros, este exercício de refletir a felicidade nestes tempos tóxicos para a vida.

Partindo de leituras iniciais, orientei-me, inicialmente, pelas hipóteses de que, (1) compreendendo que há um esvaziamento dos sentidos, este pode estar relacionado aos significados que atribuímos ao tempo; (2) somos reféns de uma roda hedônica de consumo por termos uma constante necessidade de preencher o que compreendemos por vazio existencial e o fazemos pelo excesso; (3) aprendemos a excluir e negar o prazer natural e o buscamos por vias compensatórias; (4) ao estabelecer uma relação de subordinação entre indivíduo e sociedade criamos obstáculos à relação de ser-com-outro.

O desafio de traduzir as minhas reflexões, iniciada pelas hipóteses apresentadas acima, em contribuições para a Educação Ambiental permanece com a mesma intensidade do início da pesquisa, porém, sob o peso de uma nova responsabilidade: anunciar algo de novo.

Nos primeiros meses de isolamento e afastamento social, provocados pela pandemia por COVID 19, percebi um intenso movimento das pessoas para “driblar o tédio”. Os noticiários locais criaram quadros com sugestões e exemplos de como as pessoas poderiam se manter em movimento, os cursos *on line* cresceram significativamente, os recursos de comunicação das redes sociais, especialmente Instagram e YouTube, ganharam novos comunicadores e, os que já faziam uso dessa plataforma, o intensificaram. Atualmente, após o retorno às atividades supostas de um “novo normal”, não raro, ouço relatos de pessoas que “driblaram o tédio” fazendo muitos cursos na internet.

As novas maneiras de consumo me provocaram a pensar sobre os diferentes tipos de consumo que não se convertem em um bem material, mas que, da mesma maneira, procuram preencher o suposto vazio. Estructurei algumas aprendizagens que se manifestam a partir do olhar, que permite conhecer outros mundos de sentido, em um exercício de olhar-com, para conhecer e compreender, pela via interpretativa, superando

verdades cristalizadas e, dessa maneira modelar a tese que manifesto. Esta pesquisa, ainda que se oriente pelos caminhos da felicidade, tem percorrido sendas, subido e descido montanhas, mergulhado em águas turvas e voado pela força dos ventos, para pensar contribuições para os fundamentos da Educação Ambiental, de maneira que, assim como eu me senti amparada pelos braços dos que vieram antes de mim e desafiada pelos movimentos realizados por outros(as) pesquisadores e pesquisadoras, outros sintam que podem movimentar-se a partir-de-com este estudo.

Tendo refletido a respeito do mal-estar contemporâneo e sua relação com o tempo, a dor e os processos de (des)identificação; o diálogo de saberes em uma perspectiva interdisciplinar; a felicidade para Epicuro; as perspectivas e modos de ser na temporalidade, bem como a produção das verdades que nos orientam, procuro enunciar as aprendizagens que estruturam esta tese, que busca compreender como o conceito de felicidade em Epicuro nos ajuda a repensar o consumismo como forma de hedonismo atual, em vista da qualidade de vida ambiental.

Embora a maior parte de obra de Epicuro tenha se perdido, entre as que se consegue acesso, é possível encontrar constantes referências às amizades, ao reconhecimento dos desejos, ao cuidado com as escolhas e a elevação do prazer. Suas cartas aos seus amigos/discípulos foram orientações claras sobre como conduzir uma vida venturosa, a seu exemplo. E, ao que parece, Epicuro viveu o que escreveu, ou seja, sua obra reflete sua vida. Talvez por isso, uma de suas orientações seja a de que escolha “um homem bom e tenha-o sempre diante dos olhos, para viver como se ele nos observasse e para fazer tudo como se ele nos visse” (EPICURO, 2016, p. 114).

Para expressar as aprendizagens que representam, no contexto desta pesquisa, as possíveis contribuições de uma Educação Ambiental inspirada na felicidade de Epicuro, revisito as hipóteses que orientaram esta pesquisa:

Compreendo que há um esvaziamento dos sentidos, e este pode estar relacionado aos significados que atribuímos ao tempo, portanto, é necessário compreender o controle exercido pela ilusão do tempo. Ressignificar a relação com o tempo-relógio que exerceu seu controle, inicialmente, sobre os corpos nos locais de trabalho e que, finalmente, tem escravizado todos os sentidos e domesticado nossos pensamentos.

O uso do tempo como estratégia de controle atingiu um grau de naturalização onde a captura do tempo psicológico não é percebida sem que para isto seja necessário um exercício de observação refinada. Com a diminuição da riqueza simbólica e da

temporalização, a angústia não tem espaço de reconhecimento como possibilidade, e o indivíduo forja mecanismos de defesa de si mesmo, que se manifestam como medos extremos ou, como recentemente diagnosticado, manifesta-se como pânico. Instala-se uma angústia imprópria.

Ainda que o tempo de *Cronos* seja reivindicado para normatização e para a ordem de que necessitamos, por nossas frágeis percepções, o tempo para desfrutar, contemplar, que nos oferece *Kairós* precisa ser reconhecido e, para que com ele possamos desenvolver a intimidade necessária ao convívio prazeroso, este precisa ser um exercício constante.

Recuperar a riqueza simbólica e retomar para si a relação com o tempo se apresentam como movimentos necessários no caminho para a liberdade e o encontro com a verdade da existência, que se dá na e pela presença, assim como, compreender o tempo, a partir do conceito de *pacha*, onde nos deslocamos, simultaneamente, no espaço e no tempo, são essenciais para a necessária desaceleração.

Aprendemos a excluir e negar o prazer natural e o buscamos por vias compensatórias. Necessitamos, portanto, reconhecer a existência, bem como exercitar a aceitação de que, como humanos, somos movidos, em grande parte, por desejos e que, a negação do prazer equivale à morte da presença.

Mesmo um alimento preparado com simplicidade, com ingredientes disponíveis nas possibilidades, precisa despertar a satisfação por seu consumo. Para muitos, pode representar apenas a satisfação da necessidade da fome, para outros – aqueles a quem não afligem as dores da privação –, no entanto, haverá de despertar os prazeres dos sentidos: ao olhar, cheirar, sentir o sabor, sentir o corpo aquecer após a ingestão, a calma produzida pela satisfação experienciada.

O mesmo ocorre com a execução de uma tarefa: tendo nela encontrado prazer, o indivíduo estará presente em sua realização. Este prazer está diretamente ligado ao sentido atribuído ao que se está fazendo, portanto, este Ser é mais à medida que não é apenas um ser do Fazer ou do Estar no mundo, mas um Ser no mundo (FREIRE, 2005).

Ao se impedir ou retirar a possibilidade do prazer, este será buscado, de alguma maneira, pois “é o primeiro e inato bem” (EPICURO, 2006, p. 107) e, ao fazê-lo, se confrontará com aqueles que, como resultado, provocam maiores pesares. Ao executar uma tarefa, a mente se desloca ao lugar onde se reconheça a morada do prazer e, a beleza do presente se perde pela espera do provável, não necessariamente, real.

Ao enunciar os três tipos de desejos, Epicuro explica que aqueles desejos que não

trazem dor ou que não contribuam para sua manutenção, se não satisfeitos mostram-se não necessários, de maneira que podem ser deixados de lado, especialmente se sua satisfação exige um esforço exagerado ou tragam consigo algum prejuízo. É neste desejo, cuja satisfação não se dá por completo, que a urgência do futuro tem ação mais nociva, visto que o indivíduo abandona o estado de presença para voltar-se ao futuro, onde está a possibilidade de alcançar a satisfação plena, vivendo em uma roda hedônica sem fim.

Ao considerar o prazer como necessário à percepção da satisfação, Epicuro contribui para pensar uma EA que não negligencie a dimensão dos sentidos do corpo pois, se é nele que as dores se manifestam, é também nele, que se manifestarão as alegrias e a bem-aventurança.

Uma EA que vislumbre, em seu horizonte, a felicidade, precisa colocar em questão, também, a infelicidade, considerando como as pessoas transitam de uma para a outra pelas vias do consumo. Isto não significa que as pessoas precisam permanecer em um lugar de ausência da felicidade que conhecem, somente porque os prazeres que por ela são oferecidos são frívolos ou superficiais e sua realização abale a serenidade de espírito, mas que ela necessita compreendê-los.

Ainda que a sensação de estar infeliz seja indesejada, que a angústia seja colocada em negação, é preciso considerar que, para alcançar novamente a sensação de bem-estar, primeiro o indivíduo experimenta seu contrário. De maneira, que mesmo que o prazer eleito traga o peso de suas consequências, ele ainda é menor do que a sensação do desejo atendido.

Somos reféns de uma roda hedônica de consumo por termos uma constante necessidade de preencher o que compreendemos por vazio existencial e o fazemos pelo excesso, portanto, o que compreendemos por vazio existencial pode ser observado como espaço.

É neste espaço, onde hoje opera o vazio, preenchido pelos afazeres e pelo consumo, atendidos pelos desejos e motivados pelas paixões, que se multiplicam exponencialmente, que identifico estar a oportunidade de transformação. As estratégias de controle têm ocupado brilhantemente este vazio, mantendo-o neste *status* e, não há possibilidade de atingir a origem imaginando-a como um ser, sempre buscando o que o preencherá. Até mesmo as lutas e causas se inserem nessas estratégias de preenchimento, de maneira que processos de identificação de grupos tem emergido com força e perdido sua potência tão logo a satisfação primária seja atendida por seus integrantes ou a

satisfação efêmera provoque um desgaste do desejo. Considero que, pelo mesmo motivo, muitos processos coletivos têm observado o esvaziamento na participação.

Na tentativa de preencher este “vazio”, o consumo e os modos de consumir vem se transformando e alcançando, inclusive, bens espirituais, que prometem sanar os males da alma: a dor e o sofrimento são postas em local de combate. Assim, o consumo precisa ser observado e compreendido para além da aquisição de produtos que gerem resíduos, que provoquem a degradação ambiental. Observa-se a emergência de um novo tipo de consumo, onde os resíduos gerados se encontram em níveis muito sutis, quase que imperceptíveis. Nas palavras de Epicuro (2006, p. 110): “a quem não basta pouco nada basta.”

Sempre na tentativa de preencher o que entende por vazio ou falta, renova seus desejos à medida que são satisfeitos, ainda que parcialmente.

O consumo, explicado por MacMahon (2006) como a busca da felicidade pela conquista de fortuna e bens, reforçado pelo estado liberal e pela ética protestante, onde o indivíduo é o responsável pelo seu sucesso e pelo crescimento do país, e sua colaboração seria recompensada com liberdade e seus esforços devidamente recompensados pode ser, também, uma explicação para outras maneiras de consumir. Com as propagandas adequadas e a busca pelo prazer (sediada no humano), a felicidade recebe novas configurações e o consumidor torna-se o novo herói.

Ainda que a sensação de incompletude possa revelar nossa necessária reconexão com a vida, o vazio por ela provocado pode ser compreendido como possibilidade de singularização. E a condição de perturbação em que somos colocados quando de sua percepção, como a revelação de nossos próprios condicionamentos.

Ao estabelecer uma relação de subordinação entre indivíduo e sociedade criamos obstáculos à relação de ser-com-o-outro, portanto, é preciso superar a retórica instrumental da linguagem. Ainda que a linguagem seja a via pela qual o humano revela sua marca ontológica, entendo que é preciso considerar que esta perdeu sua capacidade metafórica e encontra na retórica instrumental sua via de acesso. A mesma linguagem que revela o Ser, é também a que retira sua individualidade, por ser um dos elementos de formação de padrões, que correspondem a cultura, ao ambiente e que, por esta razão, forjam modos de ser-e-estar no mundo. É pela linguagem que as normas, o pensamento correto, padrões de comportamento se constituem como bússolas sociais.

Nesta lógica, é preciso observar a qualidade das mediações dos sujeitos no e com

o mundo e considerar que estes (as pessoas) vão continuar buscando meios de satisfazer seus desejos, de preencher seus supostos vazios, de sentir-se pertencente a algo e superar suas dores. E, por esta razão, compreender este Ser que, ao esconder-se do mundo, mostra sua face nas sombras, é um dos caminhos para uma Educação Ambiental que contribua para novos significados e novos lugares para o Ser.

Identifico, nas ausências dos discursos, as mensagens que necessitam ser lidas e compreendidas, uma vez que o não dito é o que foi silenciado, e escondido, na tentativa de tornar invisível. Como seres de linguagem esta ideia pode parecer estranha e impossível, especialmente ao pensarmos nas lutas sociais e nos silenciamentos operados ao longo da história e no quanto os sistemas opressores se valeram destes silêncios.

Mas, assim como ao romper estes silêncios, encontramos as verdades escondidas, também nos silêncios que se mantêm se encontram as que não acessamos facilmente. Portanto, considero que escutar as ausências, se traduz em um exercício hermenêutico necessário à Educação Ambiental que se propõe a encontrar vias de educabilidade ambiental, no tempo em que o hedonismo instrumental orienta as diferentes maneiras de consumir.

Por fim a Educação Ambiental reivindica a presença e consciência. Compreendo que uma Educação Ambiental, que se apresente como capaz do enfrentamento dos desafios de um tempo marcado pelo hedonismo instrumental, precisa contribuir para despertar a presença. Apenas quando completamente presente, se encontra a possibilidade de eliminação da concorrência com o tempo. Esta educabilidade ambiental não tem no sistema econômico seu desafio, mas no sistema não-econômico, que falha em sua relação com o primeiro, visto como determinante de condutas, normas e padrões.

O que fazer, então, para que esta EA desperte a presença e permita que as pessoas atuem pela consciência ou, em conexão com o propósito de sua ação? A resposta estaria em Parar de Fazer. Permitir espaço para que os indivíduos elaborem suas questões mais profundas, exige superar a lógica produtivista, a necessidade sempre emergencial de responder a algo, concluir um pensamento, explicitar conclusões, assumir verdades finais.

A conscientização, como resultado de um mergulho profundo do Ser des-velando-o, ao mesmo tempo em que toma distância do mundo externo, a fim de compreendê-lo, permite ao indivíduo a atuação “sobre a realidade objetivada” (FREIRE, 2008, p. 29) e, para tal, é necessária a ação-reflexão. Como uma prática constante de autoconhecer: observar a si mesmo(a) – atuar na necessidade (ação) – observar novamente (reflexão) –

alcançando níveis cada vez mais refinados de reflexão e ação, elaborando novos conhecimentos, ao mesmo tempo que conhece mais, em profundidade.

Nesta compreensão, Ser Mais exige Fazer Menos. Cada vez mais ocupados e, por consequência, cada vez mais distraídos, esquecemos do essencial e, com muita facilidade deslizamos para dentro da caverna, onde reconhecemos as sombras como a real expressão dos acontecimentos.

7 UMA CARTA PARA QUEM TEM O DESEJO DE LER: palavras ou considerações temporais

Eliane deseja prazer a(o) leitor(a):

Assim como Epicuro, dedico-me a escrever para que você possa ler e, lendo, que possamos aprender juntas e juntos.

Se devemos, como escreveu Epicuro a Meneceu, praticar desde cedo aquilo que nos confere felicidade, creio ter praticado enquanto pesquisei e enquanto escrevi e, por assim ter feito, e logrado êxito, lembro-te de que também deves praticar. Por isso, aconselho-te a revisar o que tens lido e vivido até agora, nestas leituras que te oferto, mas sem perder de vista a tua vida, para que seja bela, pois uma “bela vida é equivalente à prática preliminar para um belo morrer” (EPICURO, 2006, p. 39).

As três categorias que utilizei como metodologia de pesquisa: compreender, olhar e conhecer, me colocaram em um lugar de quem observa, mas sente um compromisso real com as pessoas observadas e, ainda que as fronteiras políticas enfraqueçam a espera pela realização da “comunidade dos nossos sonhos”, se encontrar em outros humanos alimenta a esperança.

Quando iniciei, eu imaginava uma pesquisa que pudesse mudar o mundo, trazendo novidades para a Educação Ambiental. Quando apresentei o projeto de tese, no exame de qualificação, me perguntaram como eu poderia provocar nas pessoas os sentimentos que foram despertados em mim neste trecho da jornada, especialmente em minha estadia em Andahuaylas, no Peru. Chegado o momento de escrever-te, nestas linhas finais, queria encontrar as palavras certas para responder às perguntas que me foram feitas, queria ter certeza de que trazia as novidades e queria, também, que tu, que lê, também tivesse despertado para os sentimentos que animaram meu espírito.

No entanto, ainda que eu tenha procurado registrar exatamente as percepções de meus sentidos, muito me escapou e, assim, também, de ti escapar. Por não sermos capazes de reter todos os pormenores, realizarei aqui um extrato que deverá servir para uma visão mais clara, o que poderá ser mais importante do que o conhecimento dos detalhes.

Recupero meu desejo de transformar o mundo para dizer-te que entendi que já o transformei e que tenho encontrado as palavras certas, porque tenho aprendido a pensar certo (FREIRE, 1987). Fui transformando o mundo à medida que transformei a mim

mesma e, descubro agora que não há um mundo sem mim (FREIRE, 1987). Minha relação comigo mesma foi se tornando, dia a dia, mais profunda e íntima e fui encontrando o lugar de paz que habita dentro de mim sem, com isso, precisar encerrar minha existência em mim mesma, fechando as portas e janelas para ao externo.

Como Educadora Ambiental, me desconstruí e me fiz em pequenos fragmentos e, pude, em todos os momentos da pesquisa, olhar para alguns deles, como quem olha para sua vida com a intenção de fazer um inventário, uma avaliação apurada para realinhar a rota. Assim como tu já sabes, não nos será permitido retornar às experiências já vividas e corrigi-las, no caso de lá encontrar algum equívoco, mas, nos é permitido revisitá-las e corrigi-las, dentro nós mesmos, aprofundando a experiência com a reflexão acerca da ação e do esforço empreendido na sua realização.

Ainda que os tempos pedissem por isolamento, permaneci sem as correntes de uma vida solipsista e busquei nas amizades, aqueles com quem compartilho ideias e com quem é possível sentar-se à mesa para alimentar o corpo, a alegria espiritual pela qual todos ansiamos. E assim, abrindo minha casa-corpo fui aprendendo a me mostrar, alinhando as forças e desejos de meu corpo ao que se passa em minha mente e meu espírito. E muitas pessoas, das minhas relações, foram se transformando junto, talvez sentindo que podiam, descobrindo que era possível ser mais.

E, digo-te que me pareceu, que ensinar pelo exemplo e aprender fazendo, carrega o verdadeiro o comprometimento com o outro. E, tendo frequentado os jardins de Epicuro, digo-te que uma Educação Ambiental, inspirada pelo sentido da felicidade para ele, há de se organizar pela integralidade, evitando as partições e fragmentações que reduzem-na a um recorte de sua complexidade.

A Educadora Ambiental não está descolada do Ser e, o lugar de paz a que me refiro – e chamo tua atenção para a importância de minha descoberta – se faz à medida que minhas palavras são minha ação e minha ação se reconhece em minhas palavras. Te alerto que este é um exercício diário e contínuo e, quanto mais me parece que já está consolidado, mais percebo o quanto estou distante de lograr êxito.

Se procurei compreender “como o conceito de felicidade em Epicuro nos ajuda a repensar o consumismo”, foi porque sou eu, também, este humano que se sujeita à escravidão inconsciente do mercado. Se busquei compreender o hedonismo instrumental, foi porque estou, também, capturada por suas estratégicas redes. E, ainda que confie na possibilidade de outros mundos possíveis, te alerto que novas maneiras de viver não são

forjadas com a magia dos contos de fadas e, este texto não é, portanto, um livro de receitas, mas, reforço: trata-se de um convite a pensar. Um convite a pensar e sentir as diferentes conotações do prazer e nossas próprias definições de felicidade, compreendendo-a como verbo, como ação, e não como um estado. A felicidade enquanto categoria sociológica, que inaugura uma pedagogia insurgente, uma Pedagogia das Andarilhagens, onde o encontro é pedagógico e nos impulsiona a buscar a superação das condições que contribuem para a captura de nossos tempos e nossos corpos. É um convite para que penses, junto comigo, em uma Felicidade que se coloca como armadilha de nós mesmos, uma felicidade crítica, que se mantém em contradição com um mundo de desigualdades, onde pessoas dela não abrem mão, alimentando-a, como um direito universal inegociável.

Assim como as três categorias do conhecimento para o povo andino, relatadas por Mujica – da ação prática, da experimentação e da interpretação – são fundamentais para sua sobrevivência, e se constituem como possibilidades de resistência, também a EA poderá se vestir destes conhecimentos, que implicam em olhar e compreender.

Nesta caminhada, tenho encontrado pistas de que a maneira de conhecer e chegar à interpretação daquilo que se conhece, a ponto de atribuir sentido ao que agora é conhecido, passa por conhecer a si mesmo, reconhecer, saber quem é, de qual povo faz parte (*Riqsiy*) e seu desenvolvimento passa por diferentes categorias: *Ruway*, que diz respeito ao conhecimento do campo das habilidades, do fazer, do experimentar, para, então, conhecer um pouco mais, e se especializar ou, *Yachay*. Nesta categoria, podes ser um especialista, mas ainda lhe falta a sabedoria: tu ainda não distingues o bom e o mal uso do teu conhecimento. É “uma forma de conhecimento especializado para resolver diferentes desafios⁵⁶” (MUJICA, 2014, p. 56) e que é compartilhado com aqueles que se acercam para aprender.

Quando alcanças um nível de conhecimento onde elaboras as aprendizagens, e o teu conhecimento pode ser convertido em algo qualificado, alcanças um nível de conhecimento intelectual e espiritual que te permite, inclusive, antecipar situações. Sobre a possibilidade de antecipação de acontecimentos, Luis Mujica Bermúdez (2014), alerta que, se te ocorrer pensar que este seria um conhecimento supersticioso ou adivinhatório estarias incorrendo em grave erro, pois desconsideras as múltiplas inteligências dos seres

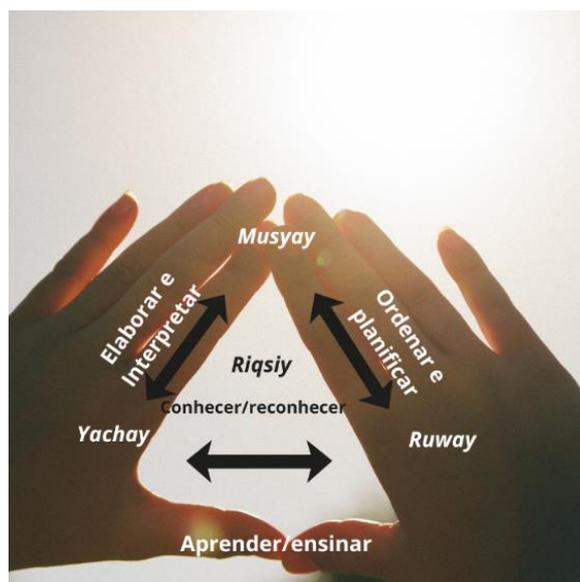
⁵⁶ Yachay es una forma de conocimiento especializado para resolver distintos retos [...]

humanos.

Finalmente, se podes conhecer como *Musyay*, chegasses à etapa de conhecimento integral, que está relacionada, também, às tuas experiências sensoriais e de tua vida. Estas três formas de conhecimento se relacionam mutuamente e necessitam de um organismo humano para desenvolver-se em sua complexidade e, és tu, este organismo, há formas de conhecimento que se elaboram apenas em organismos humanos e isto implica em uma responsabilidade única, porque assim, podes Ser Mais.

Mas, não julgues que possa haver uma hierarquia ou, pior, de todo o conhecimento possas tomar posse sem nunca ser interpelado(a) em suas certezas, mas, recorda-te que, ainda que se apresentem em níveis, é um processo cíclico e contínuo e, com a figura 31 procurei ilustrar esse movimento. Trata-se de um conhecimento que considera que existe um circuito ininterrupto, onde todos os tecidos trabalham em conjunto e dependem de como o corpo biológico é cuidado para funcionarem adequadamente. Destes cuidados dependem a capacidade e a clareza do teu pensar, sentir e viver, o que implica na emergência da consciência.

Figura 31: Ensinar pelo exemplo e aprender fazendo



Fonte: elaborado pela autora

Tenho aprendido o sentido de pensar certo (FREIRE, 1987), e estabelecendo esta relação comigo mesma e com o Outro, ensaiando, cada vez mais, que minha intervenção no mundo seja orientada pela rigorosidade ética, me dispondo a abandonar os

preconceitos, a ter gosto pelo debate e suas argumentações, buscando apreender e ser receptiva ao novo e, compreendendo cada vez mais o tamanho deste desafio. Escorregando vez por outra e, aceitando minha incompletude, amparando-me na impermanência e vivendo um dia de cada vez, exercitando a presença e me permitindo sentir prazer, convido-te a experimentar tal prática.

Tenho me transformado e, com isso, tenho observado a transformação de outros que, por sua vez, me levaram mais fundo e mais longe. Também aí está a força das amizades: se aprendes pelo exemplo, também o ensinas e isto não é possível sem não tens o outro com parte tua. Veja que é preciso Ser, para provocar em outros o despertar para Ser Mais.

Não te ocupes de preencher os vazios, ao contrário, deixe que se manifestem, para que te digam de que são feitos e quanto espaço oferecem. Assim como, não ocupes teu tempo observando o relógio ou desperdice-o com o que te provoca dor e sofrimento. No lugar de viveres a experiência da inveja, escolha “um homem bom e tenha-o sempre diante dos olhos, para viver como se ele nos observasse e para fazer tudo como se ele nos visse” (EPICURO, 2016, p. 114).

Lembra-te que a natureza é abundante e próspera – um limoeiro não entregará a ti apenas um limão –, e assim deve ser tua generosidade para como aqueles com quem compartilhas e que, “precisamos doravante aprender a ser, viver, partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. Não mais apenas a ser de uma cultura, mas a ser terrestres” (MORIN, 2003, p. 177). Recupera, neste caminho, a ética dos vizinhos, pautando tua vida pela reciprocidade pois, “a justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não sofrer nem produzir dano” (EPICURO, 2003, p. 111) e não te esqueças que “a natureza criou-nos para a comunidade” (EPICURO, 2003, p. 82).

Diminui tuas ações (Fazer Menos para Ser Mais) sempre que perceberes que te causam perturbações na alma de maneira que esqueças o ser de tua essência. Atua sobre a realidade com consciência, sempre antes e após, observando e refletindo e, o faz em diálogo com os teus. Te prepara para um mundo incerto, com o cuidado de não te resignar com a descrença que impera, mas te esforça para pensar bem.

Busca, sempre, a superação do “faça como eu digo” e caminhe na direção do “façamos juntos”. Isto nos aproximará e nos permitirá olhar-com e, talvez, esteja aí um dos caminhos na direção do que temos aprendido com Bauman (2022) acerca da

“comunidade dos nossos sonhos”, onde, estar junto pelo amor, substitua a companhia contratual (CARNELUTTI,2001).

Orienta tua vida pela presença, praticando-a com constância e diligência, procurando conhecer as razões de teus desejos e a real necessidade de atendê-los. Na presença, escuta os silêncios e percebe que, é nas ausências, que moram os temas mais complexos de nossa existência.

Se, para Epicuro, a felicidade estaria nas boas amizades, na satisfação dos desejos naturais e necessários, na alimentação frugal e prazerosa, na ausência da dor e do sofrimento, seja pela privação ou pelo excesso, entendo que sua obra contribui para uma Educação Ambiental que permita que os humanos reconheçam sua condição mais íntima e que dela tomem posse por responsabilidade.

Ao anunciar a companhia das boas amizades como imperativo para a felicidade, Epicuro denunciava a ausência. Ainda que seja natural à nossa espécie, a vida em sociedade, a entrega genuína e a confiança foram perdidas e levaram consigo o prazer de estar-com, o prazer genuíno do encontro.

Observa que caminhamos para a individualização e, o isolamento social, pela pandemia por COVID 19, contribuiu significativamente para acentuar este movimento que, ao mesmo tempo que nos mostrou o quanto somos seres sociais e necessitamos do contato, também nos mostrou um lugar confortável de estar no mundo: de frente para uma tela.

Trata-se de uma Educação Ambiental que se conecte como elo nas correntes já descritas, não uma nova corrente ou uma nova Educação Ambiental, mas uma dimensão que se integre e faça integrar às demais, lembrando da complexidade dos sistemas vivos e da relação espaço-tempo. Se “toda corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco”, é necessário considerar uma EA que aconteça no e pelo encontro com o outro, reaprendendo, a partir da consciência de sua finitude, que sua presença necessita estar à serviço e não condenada à dominação e exploração.

Recupera a ética do vizinho, orienta teus caminhos junto daqueles com quem podes desfrutar de uma vida com paz de espírito e lembra-te que “o homem que tenha alcançado o fim da espécie humana será honesto mesmo que ninguém se encontre presente” (EPICURO, 2006, p. 113).

Por estas sendas de incertezas, identifico que há um interesse em realizar uma Educação Ambiental que contribua com aquele que é o fim da vida humana – a felicidade

– assim como a de todos os seres, expressa, inclusive no Programa Nacional de Educação Ambiental (2004), que estabelece como missão “a construção de sociedades sustentáveis com pessoas atuantes e felizes em todo o Brasil” ou no princípio da busca da felicidade, utilizado em decisões jurídicas e, por esta razão, há que se considerar a potencial contribuição dos ensinamentos de Epicuro à Educação Ambiental como caminho para a libertação da roda hedônica em que somos frequentemente presos.

Escrevo estas últimas linhas com o calor do forno aceso e com o cheiro do Pão de Santa Sara (imagem da capa) assando, esperando boas amigas para conversar e comer. O tempo de *Chronos* marcou um horário para sua chegada, mas elas chegarão no tempo de *Kairós* e, desfrutaremos uma da companhia da outra, pois assim estamos aprendendo a desfrutar a vida, afinal, como popularizado Christopher McCandless⁵⁷, “a felicidade só é real quando é compartilhada”.

Experimentando o movimento cíclico, porém em constante escalada, inspirada na geometria sagrada da Chakana, oriento esta caminhada na busca da compreensão, no exercício do olhar e na tarefa de conhecer, e como caminhante do conhecimento, silêncio nestas palavras finais, na esperança de ter espaço para o novo. Ainda que o futuro permaneça sempre na incerteza e, em um tempo que não existe, é para ele que direcionamos o olhar, na esperança de aliviar nossas perturbações e, é na possibilidade de senti-las, de permitir o espaço necessário para que a angústia nos coloque de frente para o poder-ser, que caminhamos.

É preciso cuidado para que nosso estado de ausência não seja disfarçado de objetividade científica. Para que nossa solidariedade ensaiada e seletiva não seja disfarçada de senso de coletivo. É preciso muita atenção para que a confiança excessiva na técnica, na teoria, na fundamentação, na burocracia, no manifesto, não nos faça esquecer que as curas mais profundas acontecem na alma e que, para tocar uma alma humana é necessário, apenas, que lembremos que somos outra alma humana.

E, é com esperança na necessária revolução que encerro este texto, compartilhando o que aprendi nas caminhadas junto ao filósofo do jardim, desejando que tenhamos espaço para desfrutar das amizades, que tenhamos uma vida digna, sob pactos de justiça, onde nossos desejos naturais e necessários sejam atendidos e os desejos não

⁵⁷ Christopher MacCandless foi um jovem que morreu após passar alguns meses em um ônibus abandonado, no meio da floresta, no Alasca. Sua história é contada no livro Na Natureza Selvagem. A frase foi escrita por Cris em uma página do livro Doutor Jivago, ao lado do trecho : “E assim se concluiu que somente uma vida semelhante à vida daqueles ao nosso redor, mesclando-se a ela sem murmúrio, é uma vida genuína, e que uma felicidade não compartilhada não é felicidade.”

necessários sejam diminuídos, que possamos esperar alegremente pelo amanhã, sem dele sentir necessidade e que possamos olhar para o passado sem dele sentir falta, mas dele recebendo as lições necessárias.

Figura 32: A revolução



Fonte: Elaborado pela autora

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jadir. Schiller e a educação estética e revolucionária do homem. **Revista Dialectus**. Ano 4. N 10. Jan-Jul, 2017. P. 61-77. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/19920>. Acesso em: 08 set. 2020.

ARGUEDAS, José María; Ríos, Francisco Izquierdo. **Mitos, leyendas y cuentos peruanos**. Madri: Ediciones Siruela. 2016.

BAUMAN, Zygmund. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmund. **Vida em fragmentos**: sobre ética pós-moderna. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmund. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. Versão digital.

BÍBLIA, A. **Criação do mundo**. Tradução de Pr. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas. 35ª Ed. 1979.

BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. **Cad. Psicanal.**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 26, n.17, p.175-195, 2004. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno17_pdf/14Cadernos%20n.%2017_Excesso%20e%20ruptura%20de%20sentido.pdf. Acesso em: 12 ago. 2020.

BURKE, Robert; ORSTEIN, James. **O presente do fazedor de machados**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

CALLONI, Humberto. Ambientes desencantados: o século XVIII e o reino das racionalidades. **Ambiente & Educação**. Vol. 11. P. 11-24. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/761>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CARNELUTTI, Francesco. **Arte do direito**: seis meditações sobre o direito. Tradução de Ricardo Rodrigues Gama. Campinas: Bookseller, 2001.

CUPANI, Alberto. A objetividade científica como problema Filosófico. **Cad. Cat. Ens. Fís.**, Florianópolis, 24 6 (Número especial): 18-29, jun. 1989.

CIRQUEIRA, José Vandério. **Geografias subterrâneas**: para ensinar uma prática geográfica nas trincheiras da anarquia. União da Vitória, PR: Monstro dos Mares, 2018.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Tradução de H. P. de Andrade. 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

EPICURO. **Cartas sobre a felicidade** (a Meneceu). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

EPICURO. **Pensamentos**. Tradução de Johannes Mewaldt e outros. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo; Horton, Myles. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre

educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2008.

GUDYNAS, Eduardo. **Direitos da natureza**: ética biocêntrica e políticas ambientais. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Elefante, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HESS, Remi. O momento do diário e o diário dos momentos. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2016. 626p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

JADIR, Antunes. Schiller e a educação estética e revolucionária do homem. **Revista Dialectus**, Fortaleza, nº 10, p. 61-77, janeiro – julho 2017. Disponível em: <http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/ForaDoAr/article/viewFile/305/186>. Acesso em: 10 ago. 2020.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

KRISNHAMURTI, Jiddu. **Liberte-se do passado**. Org. Mary Lutyens. Tradução de Hugo Veloso. São Paulo: Cultrix, 1969.

KRISNHAMURTI, Jiddu. **A primeira e última liberdade**. Tradução de Carlo Corabi. São Paulo: Academia, 2020.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a Educação Ambiental? O cenário político ideológico da Educação Ambiental brasileira e os desafios de uma agenda políticacrítica contra-hegemônica. **Revista contemporânea de Educação**, Brasília, nº 14, p. 398 - 421, agosto – dezembro 2012.

LEFF, Enrique. Desvelos de la felicidad. Imaginario para repensar la educación em la era de la crisis ambiental. **Revista de Ciencias Ambientales**. Tropical Journal of Environmental Sciences, vol. 33, p. 40-46. Junho, 2007.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de Professor**. Ponta Grossa, 14(2): 309-335, 2011. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. Tradução de: Idalina Lopes. Barueri: Manole, 2016.

LOYTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MACHADO, Antonio. **Caminante no hay camino**. Disponível em: <https://www.esoesia.com/poesia/antonio-machado/caminante-no-hay-camino-antonio-machado/> Acesso em: 08 ago. 2020. 1983.

MANGA QUESPI, Atuq Eusebio. Pacha: un concepto andino de espacio y tiempo. **Revista Española de Antropología Americana**, v. 24, p. 155, 1 ene. 1994.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. 4. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2003a.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b.

MORIN, Edgar. **Existem forças autodestrutivas em jogo, tanto nos indivíduos quanto nas coletividades, ignaras de serem suicidas**. [Entrevista cedida a] Alice Scialoja. Tradução de Luisa Rabolini. Instituto Humanitas Unisinos. Abr. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598144-existem-forcas-autodestrutivas-em-jogo-tanto-nos-individuos-quanto-nas-coletividades-ignaras-de-serem-suicidas-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 02 nov. 2020.

MUJICA BERMUDEZ, Luis Felipe. **Pachamama kawsan**: Hacia una ecología andina. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú. Instituto de Ciencias de la Naturaleza, Territorio y Energías Renovables. 2016.

MUJICA BERMUDEZ, Luis Felipe Mujica. Conocimiento o riqsiy: apuntes para una epistemología em el mundo andino. *In*: ANSION, Juan; VILLACORTA, Ana Maria (Org). **Qawastin Ruwastin / Viendo y Haciendo**: Encuentros entre sujetos del conocimiento em la universidad. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2014. p. 37-70

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**. V. 15, n. 30, p. 05-16, jul-dez/2004.

OSHO. **O Tarô Zen, de Osho**: o jogo transcendental do Zen. Tradução de Paulo Rebouças. São Paulo: Cultrix, 2014.

OPAS Brasil. Organização Pan-Americana de Saúde. **10 principais causas de morte no mundo**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5638:10-principais-causas-de-morte-no-mundo&Itemid=0. Acesso em: 10 out. 2020.

PEREIRA, Vilmar Alves. **Ecologia cosmocena**: a redefinição do espaço humano no cosmos. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016.

PEREIRA, Vilmar Alves; FREIRE, Simone Grohs; Silva, Márcia Pereira da. Ontoepistemologia ambiental: vestígios e deslocamentos no campo dos fundamentos da educação ambiental. **Revista Proposições**. vol. 30. P. 1-25, 2019.

RIOS, Rosana. **América mítica**: histórias fantásticas de povos nativos e pré-colombianos. Porto Alegre: BezouroBox, 2013.

SAGAN, Carl. **O mundo assobrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAGAN, Carl. **Cosmos**. 1980 Disponível em: https://ia801302.us.archive.org/10/items/cosmos_de_carl_sagan/cosmos_de_carl_sagan.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Notas refinadas do poder e do saber: qual a rima necessária à educação ambiental? **Contrapontos**. Vol. 3. N. 1. P. 9-26. Itajaí, jan-abr. 2003. Disponível em <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/700>. Acesso em: 15 set. 2020.

SUAVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. *In*: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (org). **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

SCHILLER, Friedrich. **Teoria da tragédia**. Tradução de Anatol Rosenfeld. 2. ed. São Paulo: E.P.U., 1991.

SCHILLER, Friedrich. **Sobre a Educação Estética da Humanidade numa Série de Cartas**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. Tradução do alemão por Teresa Rodrigues Cadete.

VAGBHATA. **Astañga Hridayam**. Tradução de Yeda Ribeiro de Farias e Willian Ribeiro de Farias. Brasil: Chakpori, 2002.

VEDDER, Eddie. Society. Washington: J Records, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DgQR0x5ljek>. Acesso em: 25 jul. 2020.

ZAMBAM, Rodrigo Eder. **Hermenêutica filosófica**: a concepção de linguagem como contribuição aos fundamentos da educação ambiental. 2020. 156 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://ppgea.furg.br/dissertacoes-e-teses/56-publicacoes-de-2020/577-12587tese-rodrigo-eder-zambam>. Acesso em: 01 dez. 2020.